JOÃO GRAVE

Cartas para o Brasil

DICCIONARIO PRÁTICO
ILLUSTRADO
diccionario encyclopedico
luzo-brazileiro

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

PQ9261
.G7
C3

This book is due at the LOUIS R. WILSON LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

DATE DUE	RET.	DATE DUE	RET.

Form No. 513

Cartas para o Brasil

Obras de JOÃO GRAVE

Os Famintos
A Eterna Mentira
O Último Fauno
O Passado
Gente pobre
Jornada romântica
Reflorir
Reinado trágico
A Inimiga
O Mutilado
A morte vence
Vitória de Parsifal
Paixão e morte da Infanta
Os Sacrificados

Os que amam e os que sofrem
Cruel Amor
Fogueiras de Santo António
Gleba
Vida do Espírito
S. Frei Gil de Santarém
O Amor e o Destino
Almas inquietas
Os Vivos e os Mortos
Memórias dos dias findos
O Santo
Lourdes

Preços, ver a tabela em vigor.

A propriedade literária e artística está garantida em todos os países que aderiram á convenção de Berne. — (Em Portugal, pela lei de 18 de Março de 1911. No Brasil pela lei n.º 2.577 de 17 de Janeiro de 1912).

ARTES GRÁFICAS — PORTO

JOÃO GRAVE

Da Academia das Sciências de Lisboa

Cartas para o Brasil

PQ9261
.G7
C3

AD
C

PORTO
Livraria Chardron, de Lélo & Irmão, L.da
EDITORES
Rua das Carmelitas, 144

1929

História humana das estátuas

As estátuas, esculpidas a cinzel na brancura dos mármores nitentes ou fundidas nos bronzes enérgicos, que decoram os jardins públicos, os parques, as praças das inquietas e movimentadas cidades que são infernos de dôr ou paraísos de gôzo e de alegria em que diàriamente se representam os dramas ou as farças da existência, teem a sua história humana, além da sua história artística. Elas não evocarão apenas aos espíritos sensíveis as febris horas criadoras ou de sonho e inspiração em que foram concebidas pelos artistas admiráveis que reproduzem com exactidão as formas exteriores da vida e que definiram plàsticamente o homem; os dias sombrios ou cheios de sol em que foram realizadas lentamente nos *ateliers*, por entre as faúlhas de ouro que o aço levantava, ao cortar a pedra

duma pura transparência ; as confianças ou os desalentos, os júbilos ou os desesperos dos estatuários, enquanto as modelavam, nas suas harmónicas, equilibradas curvas, nas suas linhas regulares, para que elas pudessem dar, a quem mais tarde as contemplasse, a ilusão do génio, da idade, do carácter moral do ser vivo — como diria Emeric David. Há nessas estátuas, com efeito, mais alguma coisa do que isso e que as valorizará excepcionalmente para as mais delicadas emoções. Com efeito, perpetuam outros corpos ignorados e que poucas vezes conseguem romper a obscuridade misteriosa e densa que os envolvera para sempre — corpos que não são os perpetuados no culto das admirações pela estatuária.

Oh ! se elas falassem ! Se os Pigmaleões que as talharam nos tenros e doces Carraras as tivessem animado com um sôpro vital que lhes désse o soberano e vitorioso dom da palavra, que deliciosas ou dolorosas coisas poderiam revelar-nos, na claridade triunfante das manhãs ou pelas suaves penumbras vespertinas, quando a luz começa a desfalecer no céu e a sombra, resvalando do beiral dos telhados, das grimpas, das tôrres, dos zimbórios, dos ramos das árvores, se amontoa aos cantos ! Porque, na realidade, essas obras com que se fixa e se prolonga pelos anos fóra a glória visível — para que os seres pensantes jàmais esqueçam as figuras excelsas que elas eternizam, são testemunhas, embora inanimadas, de esforços esplêndidos para se conseguirem imagens perfeitas e ainda não encontradas duma perfeição apenas lùcidamente entrevista em momentos transfiguradores de me-

ditação, de aspirações em que se teve uma fé prodigiosa e que todavia nunca se alcançaram; de extraordinários contentamentos, quando os artistas faziam brotar duma penha inerte ou dum frio pedaço de barro, nas suas esculturas, as proporções exactas, as grandes divisões, as partes que se faziam valer umas pelas outras, as variedades naturais, os movimentos das próprias corporaturas animadas e palpitantes.

Durante longos dias, elas foram a preocupação constante, o pensamento permanente, a ambição única de personalidades superiores que vivem pelo sentimento e pela inteligência; assistiram às suas lutas, ás suas dúvidas, às suas satisfações, às suas angústias. A seu lado, passaram, cantando ou suspirando em silencio, as boémias do amor e as boémias do ideal que vão para o futuro entoando a sua canção feliz e fantasiando conquistas que muitas vezes são trágicas derrotas. A sua carne marmórea ou brônzea foi tocada pelo calor de angélicas mãos femininas que não ignoravam a doçura dos afagos ou por fortes, rudes mãos masculinas feitas para combater erguendo uma espada ou uma trincheira ou gravando a buril, numa lâmina de ouro, as estrofes sonoras dum cântico eterno. Muitas vezes, diante delas, as frontes dos cinzeladores insatisfeitos penderam de tristeza e de desânimo ou, numa exaltação de orgulho, se ergueram altivamente, na certeza de vencerem! Que inesperadas revelações essas estátuas nos fariam, se pudessem falar!...

Na realidade, não há nenhuma que não possua o seu segrêdo de candura, de sofrimento, de ingenuidade, de tortura, de paixão, de lirismo, de poesia. Não será possível encontrar uma só que não tenha uma vida anterior àquela com que surgiu diante dos olhos das populaças ruidosas, nas urbes modernas, como os corações que muito amaram através da sua primavera e foram também amados.

É claro que nós, encontrando-as glorificando heróis, políticos, estadistas, divindades, poetas, realezas solenes, combatentes, pelas perspectivas urbanas, de que fazem a iluminura esplendorosa, paramos um instante na sua frente, admirámo-las ou escarnecemo-las e reencetamos o nosso caminho, sem nos determos a cogitar um segundo no seu passado. E, no entanto, essas estátuas, como as criaturas conscientes, tiveram um nascimento e uma infância, e, como as individualidades que representam, terão uma juventude e uma velhice. Por sinal que a sua gestação foi muito mais dolorosa do que a dos homens. Os estatuários que as idealizaram e depois lhes deram uma realidade tangível, tiveram, primeiro, de procurar para elas uma origem inspiradora. Seguidamente, no desvairamento da *fièvre hallucinatoire* de que falavam os Goncourt e que nos momentos alciónicos devora todos os criadores da beleza, foram-nas amassando, por tentativas, por buscas extenuantes, na argila mole que os seus dedos nervosos esmagavam, numa incerteza ; por fim, transformaram esta argila em carne, como no *Génesis* — carne que não vibra, não estremece, não pulsa, mas em que, a-pesar-disso, há

medida, equilíbrio, verdade... Sim! Verdade! Na estatuária da Grécia, por exemplo, ninguém duvidará dessa verdade luminosa, ante os trabalhos incomparáveis talhados, a golpes rutilantes e geniais, nos Paros esplendentes por escultores que sabiam transmitir à pedra gélida e compacta o frémito da própria vida, como pode ver-se nos retratos de que o desfilar incessante dos séculos não apagou a perturbante radiação. Os gregos foram, indiscutivelmente, os grandes mestres, destacando-se com nobre evidência na escolha da beleza e na maneira mais lógica de lhe imprimir uma representação concreta. Primeiro do que nenhuns outros, tiveram êles a intuïção de que o mármore era essencial para a glorificação dos Deuses — que na Hélada ainda viviam nas alturas esplêndidas do Olimpo, para lá das nuvens macias e ligeiras em que costumavam viajar — da graça feminina que tem qualquer coisa de flor, e dos poetas que iam, pelas auroras côr de ouro e côr de rosa, dialogar com as Musas ao monte Ida e que, pela música dum verbo profético e eloqüente, definiam o homem interior. O mármore, efectivamente, tem fascinações, irradiações, fulgores propícios à exteriorização do génio poético. Na expressão flagrante de Lacretelle, a sua brancura láctea atrái, como um íman, os áureos beijos do sol e as mordeduras crúeis do tempo, ciúmento de tôda a formosura. Por isso mesmo, êsse mármore que parece ser alumiado por uma chama oculta, é indispensável para reproduzir, materialmente, o que fôr ideal, o que é celeste, o que se adorar e o que se desejar ansiosamente, ao passo que o bronze, pesado, duma opacidade ameaçadora,

duma resistência tenaz, será insubstituïvel para a reprodução do que fôr duro, forte, batalhador, áspero. E são estas representações estéticas, realmente, que constituem as páginas históricas mais belas da humanidade através das idades e das civilizações — porque afinal, mesmo no classicismo, a estatuária inspirou-se constantemente no modêlo vivo, ainda que o clássico seja uma abstracção de que todo o apaixonado ardor esteja ausente, e que à verdade prefere o convencional e o simétrico . . .

Mas eu não pretendo formular nesta página, de modo algum, um juízo sôbre a escultura antiga e moderna. Quero apenas dizer, com simplicidade, que nas estátuas haverá a influência duma energia estranha e que os seus autores não as formam duma costela dos Adões actuais, como o Criador omnipotente, no Éden Terreal, ao dar a vida à nossa venerável mãe Eva, mas as modelam pelos corpos humanos, utilizando-se da sombra, como outrora Miguel Angelo, para transformarem essas modelações em melancolia, em tristura, em dôr, em gracilidade, em entusiasmo, em exaltação.

Há tempos, por exemplo, morreu anònimamente, no Pôrto, uma ignorada mulher do povo que, no entanto, serviu ao escultor Teixeira Lopes para a interpretação da figura que, no monumento a Eça de Queiroz, simboliza a « Verdade ». Ao sair do esplendor da adolescência, essa mulher que fazia visionar aos eminentes artistas do cinzel — irmãos dos antigos lavrantes da pedra que trabalhavam para Deus e que povoavam de anjos as fachadas

das catedrais góticas — as formas definitivamente perfeitas, era linda, na realidade. Teixeira Lopes não a encontrou entre as sêdas, as rendas, os veludos da aristocracia — essa aristocracia em que se apuraram finamente as raças. A encantadora rapariga em que a sua pupila de estatuário descobriu a « Verdade », era plebeia e teria sido serva da gleba, nas distantes épocas feudais. Primeiro fôra vendedeira num mercado portuense ; depois, fez-se corista, num teatro. E nos bastidores duma casa de espectáculos, precisamente, é que o insigne escultor a deparou uma noite, exibindo, sob o *maillot*, a pureza incomparável duma linha corpórea que seduziu o artista.

Não tardava que essa Phrynea da plebe lusa — que como a outra, a de Atenas, que revelou os mistérios de Eleuzis e que inspirou à estatuária grega as obras imortais, seria capaz de comover até à admiração veemente a frieza e a crueldade de juízes implacáveis, com a maravilhosa nudez do seu seio — « posasse », diàriamente, para a « Verdade » que Teixeira Lopes queria pôr diante de Eça de Queiroz oferecendo-se-lhe inteiramente, de braços abertos, apenas coberta com o « manto diáfano da fantasia » que lhe não velava a radiação das formas desnudadas — o peito ondulado em que desabrochavam duas florações de carne virginal, o ventre liso, as ancas que lembravam as ânforas helénicas, as pernas firmes e dum corte impecável. De cima do seu pedestal, o romancista, com um olhar penetrante — o olhar investigador do homem costumado às pacientes análises, à observação subtil — procura nela essa verdade que foi a maior ambição, a aspi-

ração suprema da sua vida de escritor que renovou tôda uma literatura, rasgando-lhe horizontes novos e que lapidou no cristal sonoro das palavras uma prosa de imensa riqueza de som, de côr, de ritmo e admirável de sobriedade, de elasticidade, de fluïdez e de poder expressivo com que será possível pintar com exactidão absoluta tanto as mais vagas sensações da intimidade moral como os mais indecisos aspectos da natureza . . .

Pois foi justamente esta lindíssima mulher — que contribuiu com a sua perfeição plástica para que ao mármore se comunicasse a scentelha de fogo que o aqueceu e o relâmpago de claridade que o iluminou — que recentemente desapareceu duma vida a que ela ofereceu o modêlo das formas puras e incorruptíveis para as gerações vindouras ! Quem pressentirá, ao passar perto do monumento de Eça de Queiroz, em Lisboa, que essa « Verdade » de curvas musicais não é uma obra de imaginação, mas que, com efeito, existiu ?

E é esta, afinal, a história humana de tôdas as estátuas : — antes de serem inertes, impassíveis, inanimadas, tiveram uma vida, uma sensibilidade, uma inteligência ! . . .

A amargura de certos destinos

Gomes Leal, o poeta admirável das *Claridades do Sul* e da *História de Jesus*, o autor genial de poemas dum lirismo estranho e alto como basílicas góticas ou como rendilhadas flechas ogivais resplandecendo ao sol, parece que não encontrará, mesmo na morte, uma definitiva morada onde durma, na comunhão das larvas funerárias e das raízes, o sono profundo da eternidade. (1) Por enquanto, nem os cemitérios silenciosos e elegíacos ofereceram ao seu cadáver um perdido e olvidado recanto da terra húmida onde ramalhasse à luz dourada uma árvore verde em que as toutinegras cantassem nas manhãs plácidas, e florissem violetas orvalhadas que der-

(1) O grande poeta já tem o seu túmulo no cemitério do Alto de S. João, em Lisboa.

ramassem em tôrno, encanto, poesia e perfume! Gomes Leal, sobretudo na sua velhice desagasalhada e melancólica, foi duma humildade religiosa — e com qualquer migalha a sua pobreza se contentava. Tendo-se refugiado nas doçuras supremas da igreja, hostilizado amargamente pelos inevitáveis males da vida, não ambicionava esplendores nem grandezas maravilhosas. As suas aspirações resumiam-se tôdas numa paz imperturbável de alma, enquanto os fulgores da fé o purificassem de erros antigos . . .

Houve um tempo, certamente, em que o panfletário da *Canalha*, fazendo ressoar os seus rutilantes sarcasmos, amava os scenários faustosos, o luxo, a magnificência, as pompas. Então, quando a sua Musa pousava o látego furioso com que castigava, para outra vez ascender às alturas resplandecentes, Gomes Leal exalçava, na música divina dos seus versos — jóias cinzeladas em metais preciosos! — as duquesas de Brabante que, nas horas luarentas, assomavam aos balcões das vélhas cidades alemãs para ouvir as guitarras de amor de Mefisto e os santos de pedra que, na frontaria dos templos seculares, liam livros também de pedra, atentos, longe de todos os rumores, inteiramente absorvidos. Passavam, por baixo, os cortejos imperiais, com cavalgadas fantásticas, os regimentos com bandeiras flutuantes ao vento, as procissões, as manifestações entusiásticas, cheias de gritos e de ameaças, pares de namorados trocando as suas confidências, préstitos fúnebres — e os apóstolos de longas barbas, talhadas na brancura dos mármores ou na rigidez dos granitos, continuavam serenamente a sua lei-

tura. Só desviavam os olhos das páginas misteriosas quando, pela escuridão nocturna, sob a neve e sob o frio, erravam na calçada criancinhas rôtas e esfomeadas. Era a êstes cimos dominantes que o poeta se alava, em vôos olímpicos, nos momentos de inspiração ! . . .

Por essas épocas, Gomes Leal — que, à imaginação aliava o mais intenso sentimento — vestia como um *dandy* que freqüentasse o Parnaso ou que bebesse as águas cristalinas da fonte de Castália. O córte dos seus casacos era irrepreensível ; a flor da sua botoeira, a mais fresca e perfumada. Tinha extravagancias singulares, passeando de caleche nas largas avenidas — com os pés fóra do carro, só para que os filistinos admirassem o esplendor dos seus sapatos de verniz e a finura, a ligeireza das suas meias de sêda preta, mordidas por pintas amarelas ou vermelhas. As suas gravatas eram duma originalidade que encantaria o próprio conde de Orsay.

Creio que Gomes Leal não chegou, como Baudelaire, a mandar raspar com um vidro os seus fatos novos, para lhes atenuar o brilho irritante, nem vestiu, como Óscar Wilde, quinzenas sàbiamente rasgadas e remendadas por mendigos das ruas. No entanto, como os autores das *Flores do Mal* e das *Intenções*, procurou sempre *épater le sale bourgeois*, pelos inauditismos da *toilette*, até ao instante augusto em que a Dôr, curvando-se sôbre a sua fronte encanecida, lhe fez terríveis revelações, depois de cascalhar uma gargalhada ácida e sardónica. Daí em diante, Gomes Leal transfigurou-se.

Até certo instante da sua existência, o poeta estranho — anunciando o Anti-Cristo em estrofes sonoras e eloqüentes e investindo com os reis que, de cima dos tronos esplendentes, erguiam scetros áureos sôbre os povos oprimidos — morou «nas trapeiras, na vizinhança dos astros», e dir-se-ia que habitava um palácio de nuvens e de constelações, mais belo do que nenhum dos das *Mil e uma Noites*. Depois, o sofrimento abateu-se inexoràvelmente sôbre êle, Gomes Leal bebeu, como Shakespeare, o fel e o vinagre de tôdas as humilhações, de tôdas as afrontas e de tôdas as maldades, escarneceram-no os mesmos que o tinham adulado, atiraram-lhe pedras as mãos que lhe haviam dado palmas ou arremessado flores, esqueceram-no os seus próprios convivas dos festins da boémia. A pobre mãe — que o poeta sempre amou extraordinàriamente e que foi, nas asperezas e nas crueldades da terra, o único peito doce e consolador a que Gomes Leal podia encostar a cabeça esbraseada para o repouso inefável dalguns minutos, sumira-se nas desoladas e êrmas regiões da morte — e êle ficou só, sem casa, sem abrigo, sem braço que o amparasse.

Na mocidade, quando sentia um desejo ardente de viver e tinha saúde, vigor, ilusão, confiança, fôra um descrente. A sua imaginação de fogo, entrando no céu que o Catolicismo promete aos que jàmais se transviem da vereda luminosa que vai dar ás estrêlas, encontrou-o vazio: e Gomes Leal, em páginas fulgurantes em que as ironias fusilavam como coriscos, disse a tristeza e o desamparo do Deus abandonado ou o intuito das idealizações reli-

giosas que pretendem ùnicamente, para que as tiranias com mais facilidade se exerçam, atemorizar as multidões ingénuas que, sendo o número, são também a fôrça.

Vélho, alquebrado, inválido, porém, o homem que foi um dos maiores poetas portugueses de todos os tempos, viu arder, diante dos seus olhos em êxtase, a luz reveladora que lhe alumiava piedosamente o caminho sideral : — e então, não hesitou. Renegando tôdas as suas heresias, procedendo a um severo exame de consciência, revelou pùblicamente os seus pecados, acolheu-se ao Catolicismo, transmudou-se dum livre-pensador num devoto praticante que assistia às missas e às novenas, tôdas as manhãs, que ajoelhava aos pés dum confessor, que comungava o pão eucarístico da hóstia.

A vida tudo lhe levara : — mas, tornando a reflorir-lhe no sentimento a mística flor da crença, Gomes Leal nada mais pedia. Tinha a resignação suave dos que já nada esperam e dos que aceitam do Destino a angústia ou a alegria, com o mesmo interêsse. Bastava-lhe uma parede a que encostar-se, uma árvore que lhe désse sombra e um pedaço de pão que lhe saciasse a fome, para ser tão feliz como Gautier. E nem sempre teve o pão certo o cinzelador de obras primas, sem que por isso se lamentasse ou se enfurecesse. Vencido, impossibitado de ganhar a subsistência pelo trabalho, êste rajá da poesia conheceu o travor da esmola, que não desdenhou e antes recebeu jubilosamente, por necessidade, de-certo, mas também por humildade, por expiação, por penitência. Já nesta época não possuía um teto protector, um quarto, uma água-

-furtada. Se tinha dinheiro, dormia nas hospedarias duvidosas, onde a cama era mais barata; se o não tinha, recorria aos albergues, que nunca fecham as suas portas com estrondo ou com enfado aos mendigos, aos que padecem, aos náufragos, aos desgraçados que se escondem nas penumbras, pelos becos, pelos ângulos das esquinas com mêdo de que a claridade exponha a olhares irreverentes as suas trágicas caricaturas. E quantas noites Gomes Leal, com as botas rôtas, o chapéu esburacado, a roupa caíndo-lhe do corpo aos pedaços, depois de ter vagabundeado pela cidade sonolenta horas seguidas, como um fala-só meio dramático meio doido, terminava por sentar-se, ao relento, no banco duma praça pública, adormecendo sem cuidados e descansando das suas pênas e das suas misérias!

Morreu, afinal, pouco tempo depois dum dos seus admiradores o ter levado para casa, ofertando-lhe um leito, o jantar certo, uma bondade permanente.

De Óscar Wilde ficaram, na expressão viva dum dos seus biógrafos, algumas obras primas — e alguns dentes montados em ouro com que foi paga a conta que devia no hotel. De Gomes Leal restam ùnicamente vários livros geniais em que há composições líricas imperecíveis. Pensava eu que as cinzas esfriadas dum predestinado para o sofrimento, que suportou, em vida, tôdas as torturas e que chorou tôdas as lágrimas, encontrariam no *au-de-lá* um logar de pacificação para se decomporem na alquimia da transformação da substância, enquanto sô-

bre elas, à superfície da terra, um sôpro das aragens perfumadas passasse nas ramarias, as seivas subissem nos caules e desabrochassem nos vergéis os botões brancos. Não acontece, porém, assim! A própria morte não simpatiza muito com alguns dos seus inquilinos, ao passo que, para outros, é duma incomparável generosidade. Nos seus alcáçares de Paros nitentes, faíscando de letras douradas, deixa dormir imperturbàvelmente os que foram venturosos no mundo — e tôdas as manhãs lhes dá concertos de toutinegras e tôdas as noites lhes oferta serenatas dos rouxinóis que vivem nos ciprestes dos campos santos e que a lua acorda entre as folhagens balsâmicas. Há, porém, carcassas de criaturas que a dôr não poupou jàmais, enquanto atravessaram os infernos da existência e que, a-pesar-disso, continuam aos baldões até na sepultura. E todavia estas criaturas foram alguém, a sua voz conheceu as inflexões imortais, no seu cérebro alvoreceram os pensamentos prodigiosos, a sua arte eternizou-se, as suas memórias perdurarão no culto consciente dos vivos, os seus olhos extasiaram-se na luz e numa beleza que comunicavam aos espíritos sensíveis. Mas não haverá perdão para as suas ossadas, que a enchada do còveiro dispersará, entre cantigas de amor, como no *Hamlet*. E é êste, justamente, o caso terrível e lúgubre de Gomes Leal. Há tempos, os seus restos mortais só não foram parar à vala comum, pela intervenção oportuna dum vereador da Câmara Municipal de Lisboa que ama a poesia do lutador da *Traição*. Sem isso, já hoje os ossos de Gomes Leal, que a terra não devorou totalmente por enquanto, andariam numa promiscuïdade que

magoaria as sensibilidades delicadas, com os ossos dos párias, dos criminosos, dos miseráveis, das individualidades anónimas que a morte vai fulminando incessantemente!

Oh! eu bem sei que não há, no cemitério, hierarquias sociais, classes, vaidades, orgulhos! Na cova, tudo se nivela. O cadáver dum rei ou dum milionário, é absolutamente idêntico ao dum vadio ou dum bandido. Será impossível distinguir, num túmulo, as cinzas dum santo, dum herói, dum génio, e as dum pecador, dum poltrão, dum criminoso. A podridão é a mesma: — e nessa podridão vicejam flores semelhantes na forma, na côr, na fragrância. No entanto, as figuras que, como a de Gomes Leal, deram, enquanto viveram, horas de indizível gôzo espiritual aos vivos, pela elevação dos seus dons estéticos, bem merecem dos seres pensantes uma recordação amorável. É justamente por êstes dons que os homens afirmam uma superioridade.

A sinceridade nos grandes homens

De quando em quando, formam-se à volta das personalidades eminentes, não se sabe como nem por que motivo, certas lendas que são densos tecidos de mentiras ou estranhos paradoxos : — e mais tarde, se alguém se dá ao trabalho minucioso e beneditino de estudá-las, eliminando-lhes tôdas as côres brilhantes ou atenuadas, tôdas as formas de pura modelação, tôdas as radiantes auréolas que as iluminam, vê-se que o artifício as havia transformado completamente, apresentando-as por uma feição muito diversa da que na realidade possuiam.

Aqui está, por exemplo, Sainte-Beuve, um dos maiores espíritos do século XIX e autor dêsse admirável *Port-Royal*, sem dúvida um dos livros mais célebres duma época notável que ainda conheceu Balzac, Chateaubriand, Alfred de Vigny e outros

homens excelsos. Sainte-Beuve não foi apenas o crítico subtil que rejeitava tôda a doutrina, tôda a fórmula artística e tôda a idéa geral, moral, estética ou filosófica, que pudessem influir sôbre a sua inteligência para lhe enfraquecer a profundidade da observação, impondo-lhe determinados pontos de vista — no dizer de Lanson. Também não era ùnicamente a individualidade arguta que dispunha do raro dom de ler nas almas; que representava com surpreendente lucidez as disposições morais e espirituais dos que com êle conviviam com mais intimidade; que tinha altas virtudes de estilo — um estilo sóbrio, nítido, claro, reflectindo uma pura educação clássica — e de expressão viva, pitoresca, iluminada pela claridade ou pelos fogos irradiantes da imagem — como àcêrca dêle afirmou, por outras palavras, um escritor eminente. Não! Sainte-Beuve é, sobretudo, considerado como dos primeiros moralistas franceses modernos: — e todavia, poucos homens foram tão imorais como êle! Não será isto duma cómica singularidade? Creio bem que sim. Que o cronista literário de *Lundis* vivesse perto de meio século, com o seu boné de sêda preta na cabeça, uma dilatação de ventre que o tornava caricatural e grotesco e uma preguiça de lagarto ao sol, espreitando com seus olhos vivos e irrequietos os defeitos e as más qualidades das figuras animadas que desfilavam diante dêle, sem se concentrar por um momento para olhar para si mesmo e analisar-se, é na realidade estranho.

Oh! eu sei que, uma vez por outra, Sainte-Beuve sentiu uma viva agitação à sua roda — que lhe perturbou dalgum modo a lucidez das suas sínte-

ses. Nem sempre levou uma doce vida elegante, fácil e apaixonada, pelos salões femininos, nos convívios encantadores com a princesa Matilde — uma Bonaparte que soube reünir em tôrno de si algumas das mais ilustres personalidades da França do segundo Império nas artes, nas letras, nas sciências, na política e mesmo nos mundanismos requintados — ou murmurando ardentes e líricas confissões amorosas aos ouvidos femininos que o seu verbo musical encantava. As máximas de Sainte-Beuve, iniciadas no remoto ano de 1827, no *Globo*, continuadas depois em outros jornais e em revistas de literatura, obrigaram-no a ir aos campos de combate, com uma espada ou uma pistola na mão, a expôr intrèpidamente o peito à ponta acerada dum florete ou à bala dum adversário.

Mas estas entusiásticas e valorosas pelejas, que também contribuiram para lhe imprimir maior fulgor ao nome, deram mais notoriedade à sua moral. Que sinceridade haverá, porém, nesta moral? A grandeza de Sainte-Beuve não se discute, certamente, porque não poderá ser posta em dúvida. Êle foi o historiador insigne, o biógrafo, o psicólogo que levou ao seu admirável país um dos três métodos julgados como essenciais para o estudo e para a explicação das letras francesas da época em que viveu e que são firmados por Sainte-Beuve, por Taine e por Brunetière, como alguém asseverou, ocupando-se desta personagem insigne e da sua actividade mental maravilhosa. O que se pretende saber é se esta excepcional entidade era completa, para aqueles que continuam a pensar, através de tudo, que os seres verdadeiramente superiores

nos luminosos domínios da arte, são aqueles que a elevados dotes estéticos aliam elevados dotes doutrinários.

Vítor Giraud deu à publicidade, recentemente, na *Revista dos Dois Mundos*, os cadernos que êle, aos trinta anos, tendo-se já feito notar como crítico, principiou a escrever, apontando pensamentos, reflexões, ironias, humorismos, sarcasmos que não lançava a público. Êste julgamento em tribunal secreto das individualidades que Sainte-Beuve encontrava diàriamente no caminho, dos seus actos e das manifestações da sua sensibilidade ou do seu intelecto, revelam-nos, de-certo, um retrato justo do autor de *Vergílio* e do crítico que, tendo dado ao Romantismo uma tradição que lhe faltava para triunfar, reabilitou Ronsard para o culto das admirações. No isolamento da sua casa fechada a tôdas as curiosidades ; na serenidade e no sossêgo do seu gabinete ; no meio dos seus livros ; longe das tentações dispersivas das salas e dos tumultuosos espectáculos das ruas, em que o ser consciente carece de pôr a sua máscara para representar sem um instante de repouso, Sainte-Beuve seria absolutamente verdadeiro. Estava só, em face de si próprio, nenhuns olhos irónicos o fitavam, espiando-lhe os movimentos, ninguém o escutava. Para que havia de desfigurar a veracidade do que tinha a dizer e obscurecer de nebulosidades a limpidez dos juízos críticos que ia formulando ?

Podia julgar-se, no seu refúgio, uma testemunha da vida presente, depondo só para si. Os documentos

atirados às curiosidades e inquietações da multidão por Vítor Giraud são, portanto, essenciais para a reconstituïção do verdadeiro Sainte-Beuve, — dum Sainte-Beuve que não se revelou claramente nem mesmo na *Vida, poesias e pensamentos de José Delorme*, em prosa e verso, uma espécie de confissão, cheia dos exageros, da côr e do sentimento dum iniciado na escola romântica, mas em que todavia se notará igualmente um bom gôsto muito original de realidade burguesa. Nas longas páginas dêstes cadernos, na realidade preciosos, Sainte-Beuve mostra-se-nos a tôda a luz, destacando-se nìtidamente do tom uniforme do fundo. Poderemos contemplá-lo sem nos enganarmos por um só instante com a longa sombra projectada pela sua alta estatura.

Esbocemo-lo, mesmo superficialmente e em traços pouco vigorosos e incisivos. Sainte-Beuve foi um dos escritores que mais rosas de aplauso e louvor desfolharam sôbre Vítor Hugo. Logo quando o autor dos *Castigos* e da *Legenda dos Séculos* apareceu com as *Odes*, em 1827, Sainte-Beuve consagrou-lhe, no *Globo*, um artigo tão caloroso, tão espontâneo e tão lisonjeiro, que a partir dêsse instante o crítico e o poeta se ligaram estreitamente, com um afecto fraterno e uma exaltada simpatia mental.

Sainte-Beuve, falando desta ligação que durou muitos anos sem um desfalecimento, uma quebra de intensidade, um equívoco, um mal-entendido, uma rivalidade, um súbito rancor que os separasse, levando-os cada um para seu lado, barafustando e ameaçando-se, assevera que devia imenso, como homem de letras, a Vítor Hugo e que fôra êle, justamente quem, em arte, lhe revelara os segredos

do *metier*. Foi ainda Vítor Hugo, que enriqueceu a poesia francesa com as formas e as nuanças inteiramente novas, em versos duma incomparável graça e agilidade de ritmos, quem inspirou a Sainte-Beuve as *Consolações*, obra transbordante dum catolicismo romântico. Para êle, êsse « Hugo Todo-Poderoso » — como lhe chamou « Fradique Mendes » — era um semi-deus, e o seu vulto enchia os horizontes esplêndidos da brilhante Europa. Pois bem. Que seriedade e que senso havia nesta admiração ? Os cadernos que Vítor Giraud trouxe a lume respondem com eloqüência à minha pregunta.

Com efeito, enquanto pùblicamente incensava, com o seu turíbulo, o homem extraordinário que mais tarde, exilado na ilha de Guernesey, havia de fazer ouvir a sua voz de aédo em todo o globo civilizado, ìntimamente Sainte-Beuve formava dêle uma opinião muito diversa. Numa série de conceitos lapidares fixados quási cotidianamente nos seus cadernos que tôda a gente ignorava, o nome de Vítor Hugo aparece não entre cânticos e flores, mas entre o ruído forte e desdenhoso das gargalhadas ou dos humorismos. Giraud coligiu muitos dêsses conceitos em duas ou quatro linhas. Dentre êles, lembram-me os seguintes, que são, efectivamente, interessantes : — « Hugo, poeta turgescente ; Quinet, poeta turbulento ». — « Lamartine reina e paira ; Vítor Hugo patinha » — « A prosa de Musset é encantadora, ao contrário da de Vítor Hugo que se não suporta. Tentem, se podem, reler *Nossa Senhora de Paris !* » — « Lamartine e Hugo amam

ambos mais a banalidade do que a glória ». — « Chegados a certa idade, Lamartine e Hugo, poetas pouco sensíveis, já não cantam : — gorjeiam ». E por aí fóra, sempre neste sardónico tom ! . . .

Nesse tempo, ainda a sonora lira huguesca — a das distensões retumbantes — enchia o Ocidente de melodias flutuantes, de harmonias que os corações apaixonados por vezes escutavam em êxtasi. De tôda a parte, as saüdações veementes e as rosas orvalhadas caíam à volta do autor das *Ocidentais*, glorificando-o : — mas, Sainte-Beuve, que fôra seu camarada, seu turiferário, seu irmão de armas, denegria-o ocultamente, depois de o ter traído ! Porque Sainte-Beuve entrou no lar de Vítor Hugo, pela mão da amizade, para roubar o que de mais nobre e raro lá encontrou : — o amor de Adélia Vítor Hugo, a espôsa do poeta, que o trocou impuramente pelo crítico ! E Sainte-Beuve, para que a memória desta mulher atravessasse os séculos entre escárnios e chufas, não se esqueceu de denunciar essa paixão criminosa e abominável, primeiro, veladamente, num dos seus romances — em que jàmais triunfou, a-pesar da potência da sua análise e da sua penetração psicológica, porque o escritor não procurava a arte mas a vida — e depois vangloriando-se dela, sem o mais ligeiro disfarce, nas páginas do seu *Diário*, em que conta o idílio com Adélia — *mon Adèle*, como êle lhe chama — com todos os seus escabrosos pormenores. Singular moral a dêste doutrinário !

E não foi sòmente com Vítor Hugo — o Júpiter da Poesia com a fronte coroada de raios e que a crítica actual alveja com as frechas da zombaria —

que Sainte-Beuve teve esta atitude. Êle conservava as melhores relações de camaradagem, aparentemente, com todos os homens célebres do seu tempo : — Teófilo Gautier, Lamartine, Royer-Collard, Alexandre Dumas, o helenista Rossignol, os filólogos Francisco Michel e Stanislas Julian, os críticos Michel e Eugénio Pelletan, e muitos outros. Pois foi implacável com todos êles, não à clara luz do dia, lealmente, nas colunas dos jornais ou nas páginas dos livros, mas secretamente, na penumbra do seu gabinete de trabalho. Eis como Sainte-Beuve os tratava, tendo-os lisonjeado em público : — « Teófilo Gautier, que tem uma figura muito agradável e muito nobre, uma cabeleira perfumada, o colete vermelho, tem o hálito estragado, detestável : — assim, da sua poesia, através de tôdas as côres e formas especiosas, exala-se sempre um sôpro fétido que corrompe. » — « Rossignol, o helenista que possui, de resto, saber e mérito, é uma terra árida e sêca dando, de dois em dois ou de três em três anos, uma pequena moita ». — « Vacquerie é grotesco e excede todos os defeitos duma escola abominável. Leconte de Lisle, crioulo e poeta, disse dêle, com temível verdade : — Vacquerie parece ter nascido da ligação carnal monstruosa de Hugo e Gautier » — « Michel e Stanislas Julian, animais filológicos, *bestiæ linguaces* » — « Alexandre Dumas . . . é um espírito de quarta ordem. Não se encontrará nele nem o pensamento delicado, nem o pensamento profundo, nem o pensamento judicioso » . . .

Era assim o homem insigne que deixou um renome imperecível nas letras francesas e que durante mais de cinqüenta anos nobilitou a França com o

seu génio! Não tinha constância nem nas coisas, nem nos sentimentos, nem nos homens, nem nas idéas. Católico fervoroso, rompeu com os católicos, sendo na câmara alta, durante o segundo Império, o arauto dos livres-pensadores. Bonapartista e tão dedicado ao príncipe Bonaparte que o recebia em sua casa, separou-se dêle, por fim, vociferando e atacando-o. Crítico, afirmava que na sua crítica, geralmente, o aplauso era exterior e que, quem o comprimisse, faria saír o ácido corrosivo ! . . . Para êle, os amigos eram bonecos com quem se divertia, atirando-os aos ares.

Que fica, então, dêste Sainte-Beuve, com tanta fé venerado, por sucessivas gerações literárias ? O escritor poderoso com uma visão a que nada escapava — o que é ainda a glória. Ah ! mas antes dêle ficasse um exemplo de beleza moral, não é verdade ?

O ouro do globo e a Inglaterra

Oh ! o belo humorismo inglês, mesmo quando não é feito por Bernard Shaw ! Sem ser ruidoso, preferindo o claro-escuro, as sombras silenciosas, as discretas penumbras, as finas intimidades, às alacres revelações da luz, é no entanto sempre subtil e imprevisto.

Há seis ou sete anos, por exemplo, que se dava como absolutamente arruïnada a Europa — exausta de seivas por ter queimado todo o seu ouro faíscante e de bom toque nos formidáveis braseiros da grande guerra. Êsse ambicionado metal de perdição — incomparàvelmente mais corruptor do que o foi durante a Idade Média o sarcástico Demónio, exilado dos esplendores do céu por suas rebeldias e fabricando moeda falsa que ia gastando na compra das almas ou no jôgo dos dados — pertencera, durante

muito tempo, na sua maior parte, a êste Ocidente organizador de tragédias guerreiras mas em que há dois mil anos floresce um brilhante aperfeiçoamento de leis, de costumes, de artes e de sciências. O lúgubre conflito europeu, porém, fizera com que a corrente esplendorosa e profunda do Pactolo aurífero se desviasse para os Estados-Unidos da América do Norte, ao que se afirmava.

Financeiramente, a Europa tinha vivido. A campanha mortífera que assolou as nacionalidades ocidentais, devastando-as, entulhando-as de escombros e de ossadas, calcinando-as com o fogo dos incêndios, devorara também a riqueza duma Europa que já entesourava dinheiro nas remotas eras em que a América se encontrava ainda despovoada e mesmo antes do Novo Mundo ter sido descoberto pelas naus e pelos galeões aventureiros de Pedro Álvares Cabral, Fernão de Magalhães e Cristóvão Colombo.

Depois dos representantes das nações, que se envolveram no recontro de heroísmo e de morte, firmarem em Versailles — o alcáçar romântico das realezas extintas — o tratado de Paz, a Europa, dando um rigoroso balanço à sua fortuna colectiva, julgou-se absolutamente empobrecida, enquanto do outro lado do Atlântico os Estados-Unidos, em pleno esplendor da sua mocidade, da sua actividade, da sua energia criadora, prosperavam a todos os instantes, iluminando-se com os clarões súbitos, os relampagueamentos das suas fábricas e das suas oficinas — forjas prodigiosas em que sem repouso se martelava o ferro em brasa para os maquinismos de tôda a sorte e para as duradouras e gigantescas

construções. O Ocidente, emaranhado nos dramas e nas hecatombes duma formidável pendência armada, esvaziara os seus cofres para comprar munições, explosivos, engenhos de destruïção e de morticínio. As suas reservas monetárias, maiores do que as de nenhuns potentados ou Crésus de tôdas as éras, foram sendo atiradas ao vento, aos punhados, evolando-se em fumo, fundindo-se em armamentos que a América lhe fornecia por bom preço : — e precisamente os Estados-Unidos é que haviam colhido a torrente dardejante do ouro dissipado no furioso duelo, aumentando consideràvelmente os milhões que já possuíam — o que lhes permitiu intensificar o seu trabalho e multiplicar, portanto, o seu poderio.

Para os que desta forma reciocinavam, a decadente Europa nada mais era do que uma lacrimosa pedinte, batendo com mão trémula à porta dos povos opulentos para que êles compassivamente acudissem à sua miséria. Fôra requintada, vivera com opulência, com extraordinária pompa. Já anteriormente à Renascença, vestia brocados, rendas, sêdas, veludos, cobrindo-se de firmais de diamantes, de pérolas e de pedrarias preciosas que à sua roda faziam uma zona irisada e luminosa. As suas alcáçovas, os seus castelos fortificados, os seus sumptuosos solares, entre densos arvoredos, exibiam uma deslumbrante magnificência de mobiliários, de pratas artísticas, de armas trabalhadas com nobreza e relêvo, de tapeçarias . . . Pois bem ! A guerra feroz que estalara justamente no momento da sua maior prosperidade, reduzira-a a uma amarga penúria, a uma desolada indigência, levando-lhe tudo,

incendiando-lhe os celeiros, fendendo-lhe de alto a baixo as paredes da habitação, dispersando-lhe as populações, arrasando-lhe os pomares, as vinhas, os olivedos e os vergéis : — e agora, pálida, esfarrapada, faminta, mendigava entre lamentações. Era isto, pouco mais ou menos, o que se dizia — e até eu, ingènuamente, fiz destas fúnebres pinturas.

Há, contudo, correcções muito importantes a realizar no quadro de tão dramáticas tintas. Efectivamente, os que julgavam que à Europa, saída dos fulgurantes combates com o corpo rasgado de extensos ferimentos, era essencial a pecúnia reluzente dos Estados-Unidos para recuperar o seu perdido esplendor e para se reconstituir inteiramente pondo em ordem a casa desarrumada e revôlta, estavam em êrro. E também se encontravam muito distantes da verdade os que expunham diante da nossa imaginação fascinada uns Estados-Unidos vergando sob o pêso de tantas toneladas de ouro em barra ou em moeda que as suas casas de crédito e os seus bancos emissores precisavam de ser escorados para não desabarem com fragor.

Na realidade, a Europa não estava tão pobre como muitos pessimistas pensavam : — e, embora pelas suas tumultuosas urbes, pelas suas aldeias, pelos seus campos, andassem multidões desvairadas que a miséria alucinava, não lhe faltava com que pagar o prato aristocrático e saboroso da *galantine* ou o perú trufado do seu jantar. Podia mesmo continuar a vestir os setins esplêndidos, enfeitados com Malines sem par ; a comer em baixelas áureas, maravilhosamente cinzeladas ; a manter as soberbas

decorações dum luxo inexcedível; a ter equipagens únicas e a conservar ao seu serviço imensas legiões de servos — porque lhe não faltavam recursos para tudo isso.

O dinheiro do Ocidente, na realidade, não tinha emigrado para a poderosa América do Norte que não fôra, no drama da conflagração mundial, mais do que um comparsa, um dos principais actores, tendo a seu cargo um dos papeis de maior responsabilidade. O que êsse Ocidente fez, mal ressoaram as primeiras descargas da artelharia, foi fechá-lo a sete chaves em caixas tôdas chapeadas de aço e pô-lo em lugar seguro, sem querer saber se os Estados iam contraír, em más condições, avultados empréstimos nos Estados-Unidos, para activarem a carnificina monstruosa. E quando pelos campos de batalha, encharcados de sangue, se calou o estrondo da fuzilaria, e os diplomatas, substituindo os generais, se reüniram em Versailles para restituirem a pacificação ao globo, a Europa, exagerando o seu infortúnio — como actualmente se verificará com nitidez — insistiu na afirmativa de que estava falida e que, sem o auxílio do estrangeiro abastado que quisesse salvar uma civilização em crise, jàmais lhe seria possível reentrar no fausto anterior à convulsão bélica.

A única esperança que lhe restava era a da América do Norte, altruista, filantrópica, generosa, que, no desenrolar da peleja titânica, se viera colocar, dentro da sua refulgente armadura, ao lado dos que defendiam o Direito contra os que dispunham da Fôrça. Mais uma vez, essa América livre e vitoriosa emanciparia de escravidões o velho Oci-

dente em que a tradição tem um sincero culto e que foi, no desfilar lento dos séculos, o criador excelso duma arte e duma sciência capaz de tôdas as audácias.

A intenção com que tão clamorosamente assim se carpia, sabia-a o continente europeu, que preferia humilhar-se a confessar a verdade. Porque ? Naturalmente porque, chorando-se tanto, terminaria por comover os credores que, nessas horas atormentadas, fixavam com severidade as condições em que emprestariam os seus *dollars* à Europa.

Que admirável farça tudo isto inspiraria a Molière ! Bastou um acontecimento recente — o célebre pacto concertado em Locarno pelos principais países beligerantes — para que a realidade se denunciasse com perfeita exactidão, através da máscara irónica da comédia. O *humour* britânico reapareceu magnìficamente, em seguida a uma larga ausência : — a Inglaterra, com uma severidade tôda exterior, não deixou de sorrir com essa argúcia e com essa altivez que sempre a caracterizaram. Com efeito, enquanto a finança dos Estados-Unidos, quási totalmente exausta pelos sucessivos empréstimos à Europa, se declarava de tal modo debilitada que para poder resistir carecia de organizar um *trust* em que entrassem todos os Bancos que haviam financiado o Ocidente, a Gran-Bretanha anunciava orgulhosamente que os seus estabelecimentos bancários abarrotavam de ouro, formando, nesta nossa convulsa época de lutas sociais, uma omnipotente plutocracia. E existia, de-certo, motivo para o seu

orgulho porque, enquanto a fusão dos Bancos dos Estados-Unidos reünia um capital de duzentos milhões de libras — o que é fabuloso — só o Mideland Bank, de Londres, possuía nada menos de quatrocentos milhões dessas libras que retinem, que scintilam e com que os Estados modernos sustentarão os seus exércitos permanentes, as suas armadas de couraçados que são cidadelas flutuantes, o seu funcionalismo, a sua grandeza, e com que os homens satisfazem todos os seus caprichos e tôdas as suas fantasias, por mais quiméricas que pareçam! . . .

E não é tudo ainda! O Reino Unido — que ocupa com os seus territórios uma vasta parte da esfera terrestre e que poderá fechar, dum instante para o outro, a porta dos mares não com um tridente mitológico e inofensivo, como Neptuno, mas com uma negra muralha de *super-dreadnougths* — conta ainda uns quatro Bancos tendo cada um dêles mais dinheiro do que o *trust* de Nova York! É todo um fundo e estupendo oceano de ouro, rolando as suas vagas, coruscando à luz e causando deslumbramentos não só à Europa mas à América — que se considerava tão excepcionalmente opulenta, depois de ter colocado as suas disponibilidades, com bons, com tentadores juros, no Ocidente — e à Ásia onde os príncipes famosos vivem em palácios de mármores brancos, topetando as nuvens com seus torreões de lápis-lazúli e entre pedrarias, como nas *Mil e uma Noites!* . . .

Esta sensacional revelação da finança inglesa, que tanto perturbou e tão docemente comoveu o espírito ocidental, dir-se-ia uma daquelas páginas humorísticas do delicioso Dickens. Durante seis

anos inquietos, pungentes, aflitivos, cheios de dúvidas e de incertezas, a Gran-Bretanha, impassível diante de tôdas as calamidades desencadeadas pela tempestade guerreira, conservava a sua fleuma, sem que a impressionasse o espectáculo que a Europa lhe oferecia com as suas derrocadas, os seus abalos constantes, as suas oscilações, os seus desordenados movimentos revolucionários em que uma sociedade caduca se ia abismando. Evidentemente, a Inglaterra confiava: — em quê? Não o revelava, mas a sua serenidade jàmais experimentava sobressaltos.

De repente, as nações ocidentais começam a restabelecer o seu equilíbrio, reencontram o seu ritmo dos dias felizes, as suas obscuridades esclarecem-se, e então a Inglaterra, na hora estranha em que os Estados-Unidos — o Banco onde a Europa da Epopeia guerreira ia fazer os seus saques pantagruélicos — se declaravam extenuados, fazendo vibrar estridentemente o guizo argênteo da ironia, assevera que tem milhares de milhões de libras — uma serra, uma cordilheira de ouro — para lhes emprestar, se êles lhe derem as necessárias garantias de solvabilidade!

Gloriosa e triunfal Inglaterra! Ela é, incontestàvelmente, o balcão colossal onde o globo bate o seu dinheiro, numa febre. Mas, nos momentos de repouso, quando a loucura dos negócios se apazigua e das almas desaparece êsse reflexo dourado de ambição que as sufoca e as impede de tôda a doce expansibilidade, como o inglês sabe rir sem ruído, sem estridência, sem alaridos espectaculosos!... Os eternos humoristas! E o que é inegável é que êstes humoristas de tão bom senso prático e positivo são os guardas mais vigilantes da supremacia europeia...

A morte do toureiro

As touradas que, na Espanha, veem dos séculos distantes em que os soldados de Pelágio, entrincheirados por detrás dos penhascos, se entregavam ao prazer da caça ao touro bravo, perderam de-certo uma das suas figuras representativas em Mazzantini — retirado das lidas da arena há vinte anos mas que, nos festivos dias de mocidade e esplendor, com a capa vermelha flutuando no ar, ao rútilo sol de verão, e com a *muleta*, foi aclamado pelas multidões delirantemente e venerado pelas turbas de admiradores como um semi-deus. Eu sei que, no seu tempo, Zorrilla, Menendez y Pelayo, Nunez d'Arce, D. Ramon de Campoamor, Pereda, D. Emílio Castelar, Moret, Ramon y Cajal, Perez Galdós, Canovas del Castillo — que a bala dum anarquista prostrou, por uma clara manhã, no repouso duma

estância termal — Sorolla, Breton, o crítico eminente que assinou « Clarin », Echegaray e outros, foram incomparàvelmente maiores do que o *diestro* esta semana desaparecido. Tôda essa nobre e luminosa legião de personalidades excelsas nobilitaram a sua nacionalidade gloriosa nos puros domínios do pensamento, da arte, da eloqüência, das letras, das sciências, da política : — e, todavia, nenhuma delas foi saüdada pùblicamente, por populaças desvairadas de entusiasmo, como êsse Mazzantini extraordinário a quem as mais belas mulheres de Madrid atiravam beijos nas pontas dos dedos, rendidas de amor, e a quem as sevilhanas de olhos negros, pensativos e absorventes de luz, erguendo a voz vibrante e trémula de paixão, ofereciam os cravos de tão sensual perfume que traziam nas tranças, quando o viam num *volapié* que faria exaltar a própria Virgem do Pilar — Deus me perdôe esta heresia, que não é mais do que uma imagem literária.

Luís Mazzantini, que lançou em Madrid, como Jorge Brumell na Inglaterra, um chapéu de aba direita e copa alta muito em moda na Península Ibérica em domingueiras tardes de corrida, tanto entre descendentes das aristocracias, das raças finas, como entre as plebes violentas e ruidosas, não foi, como toureador, aquilo a que poderíamos chamar um clássico. Pelo contrário : — quando êle surgiu nas praças faíscantes de claridade e de coloridos gritantes, à frente da sua *cuadrilla*, já se tinha mostrado em França, com o seu colete escarlate que fazia febre a Mme. de Girardin, o divino Théo, e já as hostes do Romantismo haviam alar-

mado Paris, nas sonoras e agitadas noites do *Ernani*.

Mazzantini foi, como toureiro, um romântico, se assim posso dizer. Ao lado de Lagartijo — um fenómeno ! e de Frascuelo — um assombro ! o Bernardo del Carpio do toureio, o Cid da estocada certeira abatendo fulminantemente o mais corpulento boi, a sua arte empalidecia. Êle não possuía o grande estilo dêsses super-homens que os espanhóis amaram arrebatadamente : — mas tinha, mais do que êles, a graça, a destreza, a elegância que conquistavam desde logo as bancadas fidalgas da « sombra » ou as do « sol », democráticas, espontâneas nas suas cóleras ou nas suas simpatias, sinceras nos seus aplausos ou nos seus apupos, maravilhosas de ironia, de sarcasmo, de flexibilidade de espírito e que dariam a Gautier o tema imprevisto para uma página resplandecente de côr. Mazzantini dispunha do segrêdo de certos artifícios que acendiam o fogo da paixão no sentimento dos *aficionados* — e, ao lado dos artistas que lhe eram superiores, conseguia ocupar sempre o primeiro lugar, muitas vezes apenas com um simples viva à Espanha soltado oportunamente, quando a lâmina reluzente do seu estoque — terrível como o do senhor de Jarnac — se embebia até aos copos na espádua da rês selvagem ! Ah ! nesse instante, com que prodigiosas exclamações era ovacionado, que estridentes salvas de palmas o festejavam, quantos seios femininos virginais arfavam por êle e quantas flores lhe caíam aos pés de ídolo, como uma chuva feérica e fragrante ! . . .

As lidas tauromáquicas — que D. Francisco de Goya Lucientes comentou num dos seus célebres *Caprichos* — foram, em tôdas as épocas, o espectáculo emocionante para a Espanha tanto das *élites* da inteligência como da população apaixonada, confusa e anónima. O romano do tempo dos Césares não admirou mais os combates de féras e de gladiadores nos circos famosos ! Por isso mesmo é que as individualidades da ordem de Mazzantini gozam duma adoração que as faz ascender aos mais altos cimos da popularidade, não compondo um poema ou uma sinfonia, modelando uma estátua, pintando um quadro, criando um novo sistema filosófico, fazendo uma descoberta scientífica, escrevendo um livro de história ou um romance, mas matando com um só golpe o valente cornúpeto das manadas de Miura — mais notável na Espanha, certamente, do que o foi D. Mateus Sagasta !

Nas ruas, nas amplas e animadas perspectivas madrilenas, nos jardins da bela *Villa Coronada*, poderiam talvez passar despercebidos dos transeúntes, se hoje voltassem aos esplendores da vida, D. Miguel de Cervantes Saavedra ou Lope de Vega, *el monstro del ingenio :* mas Belmonte ou Bombita seriam seguidos por milhares de pessoas, que os aclamariam desvairadamente ! Atrás dêles organizar-se-iam sem demora os cortejos triunfais, que os acompanhariam aos próprios Capitólios, cantando hinos vitoriosos, se ainda hoje houvesse, para os coroar de flores, o Anjou sumptuoso que coroou Petrarca.

Conheço, perfeitamente, que a Espanha actual é

uma nação ilustre na Europa, tendo homens eminentes em todos os ramos do saber. Nas suas Universidades e nos seus Laboratórios cria-se sciência constantemente ; as suas artes plásticas, sobretudo a escultura, atingem uma verdadeira superioridade ; as suas letras entram num período de fecundidade esplêndida ; a sua cultura torna-se de dia para dia mais extensa. A Espanha da éra presente em nada se parece com a Espanha que o autor dos *Esmaltes e Camafeus* observou e em que viu mendigos das ruas arrastarem na poeira capas que semelhavam mosaicos de remendos e que, estendendo a mão à caridade, se diziam descendentes dos antigos vice-reis. Essa Espanha era indolente, preguiçosa, desleixada, ignorante, embora generosa, cavalheiresca e altiva — e a da actualidade trabalha com uma fé que a vitaliza prodigiosamente, estuda, progride, faz as magníficas e promissoras sementeiras de idéas que hão-de florir e frutificar, num futuro mais ou menos próximo.

A Espanha actual está mesmo renovando a cultura latina, explorando as fontes do saber germânico e bebendo na sua água clara, e conta uma audaciosa legião de ensaístas, de historiadores, de geólogos, de antropólogos, de arqueólogos, de matemáticos, de biólogos, de psicólogos, de poetas, de dramaturgos, de músicos, de especialistas que começaram há muito a ser notados com surprêsa admirativa neste Ocidente que se debate na sua dolorosa decadência, fazendo esforços prodigiosos para reagir e para que nele uma primavera vindoura dê flor. Contudo, as touradas constituem ainda para ela scenas incomparàvelmente mais

emocionantes, sobretudo para o povo, do que o teatro dos irmãos Quintero, de D. Jacinto Benavente, de Martinez Sierra ; do que os romances de Pio Baroja, de Valle Inclan, de Blasco Ibañez ; do que os trabalhos de crítica de Azorin ; do que a fértil floração literária duma geração excelente dotada de raros dons de espírito e de elevadas faculdades estéticas. Por enquanto, o *diestro* espanhol ainda vive não direi sôbre um altar, enfeitado de frescas rosas votivas e rodeado de turbamultas de fiéis prosternados, mas sôbre um plinto donde contempla orgulhosamente os seus adoradores e donde não será fácil desalojá-lo. A Espanha que levanta monumentos a Ramon y Cajal e ao autor de *Pequeñeces*, um livro de beleza duradoura, também perpetúa os toureiros como Belmonte nas alegorias do bronze e do mármore, esculpidas pelo poderoso talento de Benliure.

Como não havia ela de impressionar-se, portanto, com a morte de Mazzantini ? . . .

Como Fuentes, o toureiro recentemente morto não voltou das arenas rutilantes e sangrentas na carruagem real, ao lado dum monarca e no meio dos aplausos ensurdecedores. A-pesar-disso, fruiu horas de alegria inolvidável, nesses amplos, vastos circos em que se aglomeram dez, quinze mil pessoas, em dias de corrida, quando, com uma coragem estranha, estendia, agonizantes, sôbre a areia fulva dos redondeis, as reses bravas.

Oh ! êsses circos barulhentos, irrequietos, nervosos, frenéticos, que são um pandemónio de gar-

galhadas, de risos, de vozes, de apóstrofes, de exclamações, de discussões, de disputas ! Que aspectos verdadeiramente originais e perturbantes êles oferecem aos olhos do observador, com a sua imensa multidão em trajes festivos e duma singular variedade de tons, desde os mais intensos aos mais suaves ; com milhares de leques abrindo-se e fechando-se como asas ; com algumas das mais lindas mulheres da Europa, com suas características mantilhas, fazendo a iluminura dos camarotes ; com os seus touros, irrompendo do touril, ao som dum clarim, escumando de raiva, de olhos fuzilantes e açoutando as ancas musculosas com o chicote da cauda ; com as manchas rubras das capas voando, sob o sol, nas pontas dos bois — longas como lanças e afiadas como punhais ; com os cavalos montados pelos picadores e a que os touros rasgam o ventre, galopando até caírem extenuados, com os intestinos varrendo o chão ; com os charcos de sangue na arena — sangue que, visto a distância, dá a impressão de se terem desfolhado, na praça, feixes de papoulas vermelhas !

O scenário é, na realidade, estupendo e não estranharei que êle tenha inspirado muitos dos maiores pintores, que servisse de motivo emocional a prosadores, a poetas e a compositores musicais. O próprio Baudelaire, se o visse, celebrá-lo-ia num soneto bizarro — êle que afirmou que a tolice humana tinha cabeça de touro.

Foi êste, justamente, o palco dos triunfos do Mazzantini de há vinte anos — que eu muito bem conheci nas praças portuguesas, entusiasmando os amadores da arte de Montes que, na Península Ibé-

rica, teem feito palpitar mais apressadamente os corações do que as obras de Calderon de la Barca, de Manuel Bernardes, de Tyrso de Molina, de Herrera, de Gil Vicente !

Nessa época, era muito conhecido em Espanha e em Portugal o *espada* audacioso que, sonhando com a glória, ambicionou primeiro cantar óperas líricas e que, não podendo ser Julian Gayarre, conseguiu no entanto ser notável pelos seus *quites* sensacionais e pelas formidáveis e teatrais estocadas com que varejava reses costumadas à liberdade das lezírias e duma ferocidade terrível. Grande homem e grande pulso !

Os seus adversários, desdenhando-lhe as teatralidades, crivavam-no de sarcasmos fulgurantes : — mas o povo consagrou sempre a êste romântico do toureio uma devoção excepcional, até ao momento em que êle, saciado de ovações, cheio de dinheiro, profundamente amado pelas maiores belezas ibéricas, se retirava da lida como um Tibério exausto, cortando a *coleta* com o gesto enfastiado com que o rei Amadeo, seu contemporâneo, entregou a coroa que os espanhóis lhe tinham oferecido, fazendo as malas e indo-se embora para regiões onde não fôsse sobressaltado pela gritaria de súbditos sempre descontentes e ameaçadores. A êste soberano nada houve que o demovesse. Em vão lhe pediram que continuasse reinando de cima dum trono esplêndido. Êle, pondo o chapéu na cabeça e pegando na bengala, teimou em partir. Estava farto de erguer um scetro nas mãos. Apetecia-lhe o repouso.

Mazzantini fez o mesmo com a sua *coleta* — que foi também uma soberania. Abateu-a com uma te-

sourada implacável! E, como era um homem de acção, alistou-se nas fileiras políticas — de-certo para combater os homens como havia combatido os bois.

Cansado de viver, apagou-se no instante em que as amendoeiras se cobriam de flor pelas solheiras terras castelhanas: e a Península, recordando o *diestro* doutrora, chorou-o comovidamente. O seu retrato apareceu mesmo nas páginas dos jornais, entre columnas de prosa elegíaca. Mais parecia ter morrido Frei Luís de Leão do que um *toreador*. Ah! doce e encantadora Ibéria!...

A poesia dumas belas mãos

A linda, a maravilhosa jarra artística e duma imprevista originalidade que eu acabo de ver e que vivamente interessou a minha sensibilidade estética! Não julguém que se trata de delicados Sèvres, de valiosos Saxes ou Limoges, de cristais resplandecentes e puríssimos cheios duma água límpida scintilando à luz e vivificando rosas agonizantes. Nada disso. A jarra simplesmente admirável que tanto me surpreendeu e impressionou e que eu contemplei demoradamente numa fotografia em que Dante Gabriel Rossetti teria escrito um dos seus belos sonetos, foi exposta recentemente num certâmen fotográfico de Londres, e representa duas encantadoras mãos de mulher — mãos talvez de adolescente que serão deliciosas e cândidas afagando puras cabeleiras de crianças ou bordando frontais

de altares — erguendo nos dedos finos e longos uma tulipa real! Haverá alguma idéa artística fixada em linhas ou formas plásticas mais docemente evocadoras do que esta? A mim, confesso que me embalou suavemente durante alguns instantes e que me transmitiu um profundo gôzo espiritual.

As mãos delicadas que um fotógrafo — que seria também um poeta de rara emoção — entendeu que devia apresentar, mesmo numa fotografia inerte, aos louvores e ao entusiasmo da população elegante de Londres são realmente das mais belas que o Criador tem esculpido numa carne rosada, e saem, como duas flores estranhas, da sêda e das rendas de dois braços femininos duma elegância de caules flexíveis. Só de observá-las por fugidios momentos a imaginação se me excitou, povoando-se de sonhos e fantasias.

Na verdade, essas mãos que uma capital habitada por milhões de almas aclamou com exaltação, eram duma pureza patrícia e dir-se-iam talhadas num mármore que uma gota de sangue aquecesse e animasse pelo cinzel dum estatuário subtil costumado a lapidar estrofes eloqüentes nas frias pedras! Mãos para trazer anéis em que ardessem rútilos fogos de pedrarias; mãos para erguer roçagantes caudas de veludo branco em solenes escadarias de jaspes luminosos, subindo entre bronzes soberbos e recobertas por tapêtes abafando o som dos passos; mãos piedosas e místicas que seriam duma graça tocante, elevando, numa comunhão, a hóstia eucarística; mãos aristocráticas; mãos incomparáveis para acariciar doloridas frontes humanas; mãos para beijar como se beijam veneráveis ima-

gens religiosas ; mãos que os trovadores cantariam em versos puros ! . . .

Vê-las, sustentando com levezas de asa uma tulipa escarlate tendo ao centro lágrimas de ouro, era pensar em tudo quanto a arte e a vida criaram de mais puro e excelso : — lirismos, pinturas, estatuárias de Paros ou de Carraras imaculados alvejando a uma luz matinal e dourada entre as folhagens orvalhadas de jardins floridos. Que purificação !

Ah ! com certeza que a reprodução fotográfica dessas mãos de que a Londres requintada fez o elogio caloroso, não inspiraria a ninguém — mesmo aos temperamentos menos emotivos e mais indiferentes à radiação superior da beleza — as de Macbeth, manchadas dum sangue que nenhuma linfa cristalina ou nenhum perfume da Arábia lavariam : as das criaturas violentas, que dilaceram ; as que erguem iradamente armas mortíferas ; as que se deformam nas lutas amargas e desvairadas — mas as que sossegam berços inquietos ; as que aconchegam a roupa dos leitos à volta de martirizados corpos enfermos ; as que acarinham ; as que foram feitas para trazer pedras finas ou flores virginais ! Elas eram, realmente, mãos de bênção, de ternura, de inocência, e não mãos de crime.

Jarra artística lhes chamei eu : — e efectivamente que maravilhosa jarra dum galbo sem par ! Benvenuto Cellini, diante delas, sentiria queimá-lo a inspiração para cinzelagens que não chegou a realizar ; Donatello tomá-las-ia para modêlo, na brancura marmórea, das mãos das suas Madonas !

Dollfus, que por vezes teve uma visão que penetrava até à essência das coisas, afirmou que a mão era o órgão dum ser criador dentro da Criação, e La Fontaine, que sabia surpreender nìtidamente a verdade onde ela se ocultasse, disse que essa mão era o mais seguro e rápido socorro do ser consciente. Isto é, com efeito, exacto : — mas tais definições matam completamente a poesia e a gracilidade destas mãos fidalgas, destas mãos excepcionais que me servem de tema emocional para o meu louvor. Na realidade, elas não me fizeram meditar nas que fôssem capazes de criar ou de socorrer. Nenhum sentimento de acção experimentará, em frente delas, a mais arguta mentalidade. Essas mãos de maravilha, obra prima de Deus, vieram ao mundo sensível precisamente para repousar em regaços brandos de setim ou sôbre plintos de madeiras aromáticas cobertos de terciopêlo vermelho ou cinzento ; para folhear os *Livro de Horas*, iluminados por monges que tivessem sido artistas de génio, ou missais festivos gravados em pergaminhos seculares ; para exibir jóias brilhantes nos saraus opulentos, nas cerimónias de côrtes exigentes, nas salas principescas em que se vão desfolhando as derradeiras flores das castas nobres — nestes nossos dias banais de Democracia e de igualdade que tanto desdenham a formosura humana como os dons do espírito e que, no seu egoísmo grosseiro, subordinam tudo a uma doutrina utilitária e às necesessidades brutais do estômago — para pousarem os linhos frescos e olorosos sôbre os retábulos sagrados ! O Amor, se as encontrasse nas suas horas elíseas de aspiração, havia de osculá-las, de joelhos ; a Arte ficaria a

admirá-las, num demorado êxtase ; a Tristeza e a Dôr, rezar-lhes-iam, porque elas, na realidade, relembravam as das santas das catedrais. Eram mãos para ungir e não para castigar.

À minha emotividade, elas apenas trouxeram desejos de ascensão para uma vida mais bela, ambições de paz, incitamentos de bondade, de clemência, de perdão para as culpas alheias.

A página esplêndida que Barbey d'Aurévilly comporia sôbre essas mãos femininas, dum tom marfinado, duma evocadora magreza em que havia muita raça, terminando por unhas nacaradas que apenas sabiam brilhar e não arranhar ! E que elevado poema lírico Alfredo de Musset ou Baudelaire escreveriam, em rimas áureas que ressoassem, que fôssem melodia, cântico, hino, se as pudessem ter visto, naqueles dias distantes em que tanto um como outro procuravam o reflexo dos olhos verdes da Quimera — que jàmais vislumbraram ! Porque tais mãos, com efeito, sòmente faziam pensar em actos duma alta nobreza moral ou intelectual. Analisando-as mesmo superficialmente, em breve adquiríamos a certeza evidente de que elas não serviam para empunhar uma espada rutilante — mas um leque de sêda com varetas de cristal e ouro ; o punhal de Macbeth, mas uma tulipa bem lançada e de pétalas rubras polvilhadas dum pólen áureo como sol condensado ; para punir, mas para afagar ; para manejar pesados instrumentos de trabalho, engenhos de destruïção ou mesmo os fulminantes venenos da Roma da Renascença, mas para serem admiradas pelos romeiros do Ideal e da Beleza ! Nunca elas vibrariam o alfange com que Judite de-

golou Holofernes, mesmo para salvar um povo, nem segurariam o prato de ouro com a cabeça de São-João Baptista, como Salomé, mesmo para fazer calar uma voz acusadora e implacàvelmente odiada!...

Nelas notava-se harmonia, ritmo, proporção, medida, como nos mármores gregos esculpidos por Praxiteles. Eram reveladoras e eram sublimes.

Há mãos brutais, pesadas, grosseiras, cruéis : — mas estas, de que falaria com uma vibração nunca atingida pela palavra, se pudesse, se tivesse talento para isso, são boas, belas, inteligentes, espirituais ! Teem uma fisionomia de encanto — uma fisionomia que a sagacidade de Buffon notou quando, antigamente, no tempo da celebridade e da glória, traçou no seu plano da sciência futura a educação das mãos, no ser sensível.

E quantas inspirações eu devo à reprodução fotográfica que as trouxe até ao meu isolamento de solitário, esguias, duma delicadeza como se não depara trivialmente, coroadas pela corola da tulipa aberta ! Por espaço duma hora suave que serenamente deslizou sem o mais leve sobressalto que me perturbasse, estive eu a cogitar que tôda a civilização, afinal, no que ela tem de atraente e de aliciador, se deve precisamente mais às mãos — que executam — do que aos cérebros — que concebem. Já o amável heresiarca que estudou as origens do Cristianismo asseverava que conceber é alguma coisa, mas que realizar é tudo . . .

Foram as mãos que realizaram, nos metais nobres, as cinzeladuras imperecíveis ; que modelaram

as estátuas com que a Hélada definiu o homem exterior ; que pintaram as télas imortais que representam um prolongamento da vida envolvente, nos seus scenários, nos seus coloridos e nas figuras que as humanizam. Com elas, se gravaram, em tejolos, no remoto Egito, as páginas em que se arquivava o saber ou se escreveram nos papirus e nos velinos brancos os livros que não morrem e que são uma parte dos Anais do espírito humano, quer nos contem a história, como os gregos e os romanos, quer desenrolem diante do nosso entendimento as grandes télas dramáticas de Éschylo e de Sofocles, quer nos recitem a poesia dos hinos védicos, quer nos reconstituam, pelo seu verbo eloqüente, o viver do ser pensante nos séculos extintos.

Ora, se a mão tem sido isto tudo, porque não havia ela de ser também uma jarra maravilhosamente estilizada sustentando uma flor virgínea e olorosa ? Saíndo duns finos punhos de renda, como uma rosa de forma original de que o braço alvo e de modelação impecável fôsse o caule, será encantadora e sugerirá à própria Arte as suas superiores criações ! . . .

A poderosa emoção que mãos assim comunicam às almas sensíveis ! Na realidade, a natureza realizou-as cuidadosamente, para que ellas enlevassem, erguendo, por entre a scintilação dos anéis e os jogos de luz das pedrarias, os scetros áureos, ou jóias raras, ou florações esplêndidas como as que o fotógrafo de Londres — que deve ser, certamente, um discípulo de John Ruskin ou que, pelo menos, o terá lido e meditado — reproduziu, depois de as ter ornamentado com uma tulipa desabrochada

plenamente — e não para brandirem lâminas cortantes com que se fere e se mata ; para ameigar suavemente e não para agatanhar, cortando a pele setinosa de sulcos sangrentos ; para tocar, no piano, a *Appassionata*, de Beethoven, e não para se calejarem nos trabalhos rudes.

Algunas vezes teem elas sido amarradas atrás das costas, nos cadafalsos, pelos verdugos bestiais, como as de Maria Antonieta e as de Maria Stuart ; mas quantas outras elas foram abençoadas e inspiraram os mais exaltados e intensos lirismos, como as que, fotografadas, estiveram expostas num salão de Londres e a que Tennyson ou Browning, se fôssem vivos, consagrariam poemas de rimas harmoniosas, como a vaga música esvoaçante das aragens ! . . .

Mãos profanas, certamente, que talvez hajam mergulhado nas ondas de cabelos revoltos, desfalecidas de paixão, mas também mãos angélicas pela sua beleza e que poderiam elevar a Deus o cálice sagrado, nas missas, diante do altar da Virgem, na austeridade dum templo ! . . .

O casamento e o sentimentalismo dum novelista

Acabei de ler, por esta luminosa semana dos fins do outono — esmalte azul no céu, ouro vélho na paisagem adormecendo sob a fluïdez da luz dourada — um livro que me pareceu encantador, não pela doutrina mas pela ingenuïdade. O problema de que trata o seu autor — um romancista célebre pela finura da sua arte e pela enorme tiragem das suas novelas, que tanto interessam o espírito caprichoso e muitas vezes frívolo do Efémero Feminino — é o do casamento, não o da mulher, doce criatura crédula que vai para o amor conjugal com ilusões em flor no sentimento e revoadas de sonhos côr de rosa pousando sôbre a sua cabeça angélica, mas o do homem moderno que não é, de forma alguma, aquele Adão das primeiras manhãs do Éden Terreal (casto, simples, adorável de candidez que

um dia, ao despertar do seu profundo sono, ficou muito surpreendido ao encontrar junto de si a Eva bíblica que a serpente simbólica ainda não tentara e que o Criador formou duma costela do nosso venerável Pai e do barro grosseiro de que fala a *Génesis)* mas um ser astuto e cheio de experiência. O romancista que me ofereceu, com o seu recente volume, algumas encantadoras e joviais horas de leitura, considera, evidentemente, que ainda hoje há muitos moços pertencentes às classes aristocráticas ou burguesas que se sacrificam, resignadamente, à vontade da família, no momento em que teem de escolhar aquela que há-de acompanhá-los, admirável de ternura e de espírito de abnegação e de sacrifício, através dos ásperos e êrmos descampados ou dos idílicos vergéis da vida, sendo a consolação das suas amarguras, a sua bondade acolhedora em todos os momentos de hostilidade e de angústia, o comovido perdão para tôdas as suas culpas, o afago constante em tôdas as suas torturas e adversidades, a palavra que sabe inspirar confiança, a fé capaz de reanimar as crenças extintas, restituindo-lhes tôda a intensidade e tôda a exaltação que perderam. Isto acontecia antigamente com as adolescentes adoráveis que não podiam deixar pulsar livremente o coração, obedecendo aos seus maravilhosos impulsos — que raras vezes se enganam — para se submeterem, lacrimosos e melancólicas, às ordens tirânicas dos pais. Sucedeu, por exemplo, no drama de Shakespeare, com Julieta, a pálida apaixonada das noites de luar de Verona, que assomava, inquieta, à janela romântica do seu quarto recatado, à espera de Romeu, quando os

rouxinóis cantavam pelas ramarias floridas, para só deixar o bem-amado quando as cotovias, pairando nos espaços tocadas já pelo fulgor da claridade matinal nascente, anunciavam o ressurgir da aurora.

Nas nossas fidalguias doutrora, as pobres rôlas amorosas eram, realmente, escravizadas pelo despotismo paterno, sempre que sonhavam ardentemente com núpcias sumptuosas, de braço dado com os noivos da sua alma. Nas embaladoras horas de divagação e de aspiração, idealizavam, com tôdas as graças e tôdas as superioridades, aqueles a quem teriam de consagrar-se para sempre — e que eram inevitàvelmente príncipes louros em plena primavera da existência e iluminados por uma beleza incomparável, possuindo riquezas fabulosas, castelos, exércitos, poderios e reinando sôbre milhões de vassalos. Nestes delírios, nestas exaltações sentimentais, intervinha, porém, a autoridade paterna — prosaica, positiva, inflexível e desdenhando com sarcasmos terríveis os desmaios, os êxtasis, as pièguices — que não tardava a impôr-se, bradando: « Ou casar com quem eu mandar, ou meter freira ! » Os príncipes de cabelos flavos e vestidos de veludos e sêdas, à maneira faustosa da Renascença, transformavam-se então nesses morgados corruptos, gastos por todos os excessos lúbricos e todos os abusos da mesa, encanecidos, gemendo os seus males contìnuamente, mas tendo enormes fortunas, solares, quintas, parques e florestas pelo fundo das províncias e palácios na côrte — que Camiló Castelo Branco admiràvelmente perpetuou em poderosas páginas. Todo o encanto de viver desaparecia, aos

olhos das sacrificadas, diante de maridos que eram tristes ruínas humanas e que já não conservavam fibra corpórea incorrupta : — mas, se se insurgiam, mosteiros implacáveis e de severas regras, para punir rebeliões filiais, abriam as suas portas pesadas e de ferro para essas pombas insubmissas entrarem, sequestrando-as definitivamente do mundo exterior, para que se mantivessem fiéis ao Divino Espôso ! Que haviam elas de fazer, as lamentáveis vítimas ? Curvar-se sem resistência e aceitar como cônjuges, não Apolo em tôda a sua glória juvenil, mas um Júpiter decadente, vélho, trôpego, com ataques de asma, gota nos joanetes e desvairadamente ciúmento ! . . .

Estas violências hoje incompreensíveis — depois da conquista da lei do divórcio, da educação actual, das reivindicações femininas, dos cabelos à *garçonne*, dos *dancings*, das saias pelo joelho, dos decotes audaciosos, da mulher-deputado, da mulher-ministro, da mulher-*boxeur* e doutras singularidades sensacionais que vão pervertendo a nobre instituïção da família — exerciam-se apenas contra as viçosas flores femininas e não contra os homens. O sexo forte estava muito para além de submissões humilhantes, em questões de consórcio.

Não afirmarei que as mães, sobretudo, não empregassem de quando em quando todos os seus esforços para levarem os filhos, pela mão da cobiça ou do interêsse, aos chamados casamentos de conveniência, em que não havia a interferência de razões de coração, mas de razões económicas. No seu

afecto caloroso e com um subtil senso utilitário afinado por desilusões cruéis e por terríveis ou sardónicos desenganos, elas iriam desenrolando tôdas as pompas e tôdas as riquezas das que desejavam para nóras e tentariam dominar as rebeliões com a dialéctica cerrada que o Fatal Feminino sempre possuiu, desde a sua iniciação paradisíaca. Seriam elas, talvez, as primeiras a dizer aos rebeldes que o amor era ainda mais efémero do que as rosas de Malherbe, que não passava duma perversão da sensibilidade nervosa ou dum lôgro dos sentidos, que se esvaía num minuto — aquele minuto que, na *Divina Comédia*, é sombriamente fatal a Paolo e Francesca — sem que dêle ficassem doçura ou enlêvo, e que só o dinheiro constituía uma certeza séria nas preocupações e nas aflitivas dúvidas da existência. Se, em face dêstes argumentos eloqüentes, as resistências ainda assim não afrouxassem, as veneráveis tentadoras continuariam a sua lição, asseverando que o ouro de bom toque, o ouro rutilante que tão fortemente sobreexcita as ambições actuais, tudo comprava : — os gozos mais requintados, as castidades mais imaculadas, os regalos mais altos, os tálamos mais puros, as alcovas mais recatadas, as consciências, as santidades ! Não havia porta que se fechasse ruidosamente a êsse ouro de sortilégio que é uma das melhores armas de Mefistófeles, quando o Grande Exilado quere levar os Faustos rejuvenescidos para o regaço das inocentes Margaridas que fiam o linho branco na sua roca de cristal, ouvindo as serenatas líricas sob as estrêlas ! . . .

Na maior parte dos casos, os renitentes termi-

navam por se deixar convencer, porque a pecúnia é uma grande comodidade, mesmo neste nosso tempo de comunismos exaltados, de revoluções fulgurantes que vão minando pedra a pedra os fundamentos do secular edifício social, de renovações, de lutas frenéticas de classes, de expropriações — pensando, e certamente muito bem, que com os esplêndidos dotes que as noivas lhes levassem, lhes seria fácil arranjar, longe dos tédios caseiros, ninhos macios e de frouxel suave em que as próprias Virgínias e Lauras e Mimis gostariam de ouvir o musical arrulhar dos beijos. No entanto, os que se mantinham irredutíveis dentro da sua negativa, triunfavam de tôdas as tentações, e não havia maneira de farçá-los a um casamento que não quisessem, nem pela ameaça, nem pela intimidação — nem pela pancada. Não abdicavam dos seus direitos! Os pais mandariam em tudo e seriam dòcilmente obedecidos — menos nisso! A escolha da mulher que teria de acompanhá-los diligentemente pela existência fóra, amparando-se ao seu braço, rolando-lhes no ombro a cabeça tonta de amor, cantando junto do seu peito a divina canção da ventura, pertencia-lhes ùnicamente a êles. Apenas os príncipes, os representantes de realezas que algum dia dirigiriam o destino dos povos, tinham de atender, nas suas bodas, não as finas inclinações do sentimento, mas as grosseiras conveniências do Estado!...

Não será, pois, surpreendente e delicioso que, na Europa da actualidade — em que as mocidades femininas e masculinas começam por emancipar-se,

logo na adolescência, de tôdas as humilhações que sôbre elas intoleràvelmente pesam e zombam com sarcasmo de todos os convencionalismos e preconceitos, sacudindo irònicamente qualquer dependência que lhes limite os amplos horizontes da sua acção intelectual ou emotiva — haja um novelista, um educador de multidões, um analista de paixões humanas, que considere como essencial a publicação dum trabalho literário como o que acaba de lançar às curiosidades, em que reivindica com denodo e estilo o direito intangível que todo o homem tem de ser êle só a procurar a sua espôsa — a mulher superior pelas virtudes da intimidade moral e pelos dons do espírito com quem fundará um lar que será pacificação, poesia, refúgio sagrado, e que viverá constantemente na sua admiração, na sua gratidão, na sua afectividade purificada ? Creio que sim.

Que romancista inacreditável e raro, que observador, que psicólogo ! Vive em Paris — nos esplendores da Cidade Luz, em pleno século XX, e parece viver nos tempos remotos, entre criaturas que conservassem perenemente a tocante ignorância das coisas com que saíram das mãos omnipotentes do Criador ! É por isso, de-certo, que julga que, nas sociedades presentes, há homens já com barba e de maior idade, habitando não as frias e sórdidas mansardas mas os palácios de mármores brunidos, que vão para o casamento, impelidos tirânicamente pelos pais aváros, como condenados que vão para a morte, — e que durante todo o caminho, por onde a sua felicidade vai ficando aos farrapos, choram perdidamente, fitando no céu os olhos ennevoados de lágrimas ! . . .

Bom e justiceiro Deus ! Mas de que remotas e paradisíacas regiões desconhecidas nos chega então êste escritor com uma forma por vezes sugestiva e cheia de ritmo, de som, de côr, de poder expressivo, mas que não sabe ainda que, tanto na Europa, como na América ou como em qualquer outra parte do mundo civilizado, não existem hoje mártires como aquele de que nos fala com tanta eloqüencia e que teve de revoltar-se contra a mãe, desobedecendo-lhe pela primeira vez, só para não casar com as noivas, risíveis ou grotescas umas, excessivamente perigosas outras, que ela a todos os instantes fazia desfilar, em teorias nupciais, por diante da sua vista ? Ah ! não ! Os moços apaixonados que na Europa de hoje casam, não são de modo algum tímidos donzéis ignorando certos aspectos da vida e aceitando as imposições paternas com resignação inexcedível para os seus consórcios. Quando se subordinam inteiramente a essas imposições é porque assim lhes convém — e porque já deram um balanço minucioso à fortuna da futura espôsa ou ao que ela virá a herdar !

E também êsses moços não vão para o casamento aureolados por uma candura e por uma ingenuïdade a que São-Francisco de Assis ergueria comoventes cânticos. Pelo contrário, não haverá experiência, por mais extraordinária, que não tenham feito, audácia a que se não arriscassem. Obedecer aos pais, na indicação da carne de sua carne e do osso do seu osso, segundo a Bíblia ! Por via de regra, apenas obedecem ao interêsse material e egoísta ! Foi tempo — *où sont les roses d'antan ?* — em que os rapazes que pensavam em casar cò-

ravam de pudor como noviças assustadas, escondendo-se nas dobras das saias maternas e acatando as ordens dos pais ! Hoje, mandam em si próprios, governam-se pela sua vontade, redimiram-se de tôdas as submissões. Todavia, há romancistas que, julgando-os em perigo, correm a salvá-los — como no *Trovador*. Oh ! candidez ! Oh ! pilhéria ! Oh ! Sancho Pança ! . . .

Os jardins citadinos e a consagração dos grandes homens

Nos grandes centros de população que constituem os palcos imensos onde a Vida desenrola os scenários exteriores das suas tragédias ou das suas farças, os jardins representam frescos e doces oásis de repouso, de frescura, de graça e de colorido que é grato contemplar a certas horas do dia, sob o esplendor da luz que os doura, pela serenidade que darão às almas de mais fina sensibilidade e pelo enlêvo que oferecerão aos olhos capazes de compreenderem a beleza plástica tanto nas suas nuanças atenuadas ou estridentes como nas suas formas originais e duma inspiradora variedade de linhas. Como teve admiràvelmente razão aquela poderosa e lendária raínha da remota Síria que levou o soberano, seu senhor e seu bem-amado, a esmaltar com as manchas de tão variegados tons dêstes jar-

dins encantadores as terras melancólicas que rodeavam o palácio real todo em mármores brunidos e côr de rosa e com salas interiores ornamentadas a ouro e a sêda ! Essa vaga raínha dum subtil bom gôsto era de origem persa — e, mesmo entre a pompa e o esplendor dum trono, não podia esquecer os aspectos risonhos e pitorescos das pradarias e das montanhas de sua pátria distante, onde sempre existira um puro culto pelas flores. E foi para que a tristeza não pusesse a mais leve sombra nos seus olhos que uma ternura acariciava que o monarca quási omnipotente, abrindo a porta do recinto subterrâneo em que encerrava as suas fabulosas riquezas, pôs à disposição da espôsa que uma profunda nostalgia acabrunhava o dinheiro que ela quisesse para a realização dos sonhos da sua fantasia. Não tardou então que, à volta do sumptuoso paço do déspota assírio fôssem reproduzidos os mais belos aspectos naturais, com suas rosas vicejando por entre um perpétuo escorrer de águas frígidas, fluindo e cantando em veios cristalinos, com sua rusticidade inspiradora, com seus arvoredos de inefáveis sombras que desciam dos ramos floridos cheios de ninhos e de pássaros.

Era neste suave recanto que a soberana exilada pelo amor se refugiava, nos instantes de mais funda saüdade. E não se julgue que se trata apenas duma lenda sem raízes na realidade. Luís XIV, o famoso e teatral « Rei Sol » que os historiadores modernos consideram como um dos maiores chefes de Estado da França, e que dissipou torrentes de ouro para manter em tôrno da sua grandeza uma sumptuosidade incomparável em que permanentemente arru-

lhassem as pombas amorosas, ultrapassou em Versailles os fantásticos jardins suspensos da Babilónia feitos para Semirâmis distraír os seus ócios ou os seus pesados tédios — jardins que Júpiter, o Pai dos Deuses, tantas noites visitou, baixando do Olimpo numa chuva de estrêlas, naquelas épocas em que percorria a terra para trocar os seus ardentes beijos apaixonados com Semele, com Helena, com Leda ou com Danae.

Foram certamente superiores almas de poetas que inspiraram às ruidosas urbes — onde os homens sempre teimaram em aglomerar-se para um triunfo mais rápido das suas ambições ou para a conquista imediata duma fortuna, que só raros alcançam, e dum bem-estar cada vez mais quimérico neste logar de expiação e de sacrifício que é o globo terrestre — as vastas praças ou pequenos largos ajardinados, pondo uma idílica nota de fresquidão, de aroma, de poesia, de alegria, de côr, na aridez de negras ruas que se entrecruzam, de passeios públicos, em que não murmurava um ramo verde, recozendo às soalheiras de verão ou encharcando-se sob as chuvas torrenciais do inverno, quebrando a monotonia de cantarias e argamassas com talhões de viçosas relvas em que ramalham arbustos que a primavera enflora e canteiros em que o setim vivo das corolas brilha à claridade, perfumando tudo à roda.

Desde que apareceu com o seu encanto irresistível, o jardim foi sempre considerado como uma scenografia maravilhosa indispensável para ameni

zar as torturas, os desesperos, as violências da existência humana, transmitindo-lhe, com alguns saborosos instantes de quietação, a calmaria essencial. A Renascença, porém, transformou-o numa verdadeira obra de arte — talvez com mais artifício do que os jardins de Nero e de Adriano, que procuravam confundir-se em tudo com as paisagens naturais — mas de-certo mais opulento e engenhoso. O senso decorativo do Renascimento havia-se inspirado nos estilos das grandes artes : — a pintura, a escultura, a própria arquitectura — para a ornamentação dêsses jardins incomparáveis que verdejaram por Florença e por Isola-Bela. Le Nôtre esmaltou de jardins preciosos, em princípios do século XVII — antes de se desencadearem as tempestades revolucionárias de fogo e de sangue que haviam de aniquilar as tiranias e dilatar os horizontes da liberdade — todos os recantos bucólicos em que as realezas da França tinham entre sêdas, rendas, veludos e jóias, as suas sumptuosas e ternas alcovas de amor : — Versailles, Marly, Meudon, Saint-Cloud, Tulherias, Chantilly, Saint-Germain. À variedade infinita das flores, aliavam-se os parques com densos arvoredos e alamedas areadas, os lagos, as ilhas mais enfloradas do que as da Grécia antiga, os jogos de água caíndo em lágrimas iriadas sôbre os asfodelos, os jasmins, os narcisos, as tulipas, exalando-se em perturbantes eflúvios.

A Renascença, que foi a ressurreição da arte greco-romana, imprimiu, certamente, a êsses jardins — que a duquesa de Liancourt, com mais imaginação do que Semirâmis, elevou a um tão alto grau de esplendor — a sua maior imponência orna-

mental. A pouco e pouco, êles deixaram de ser uma propriedade única dos reis ou das altivas aristocracias, começando a perfumar e a florescer também pelas cidades mais populosas, levando aos organismos doentes dos bairros urbanos lufadas de ar puro e a graciosidade das corolas e das ramagens que maio veste da esmeralda deliciosa das folhagens. Actualmente, fazem uma parte integrante da civilização, não se compreendendo capital faustosa ou povoação de certa importância sem êsses jardins em que sussurrem fios de água noite e dia e que as flores não cubram, pela estação primaveril, dum opulento e perfumado manto.

Pelos dias rútilos e esbraseados de estio, quando sob a fogueira do sol mal se pode respirar, êles ofertam às multidões citadinas uma consolação e um descanso de muito mais suavidade do que aqueles que Henri Heine, numa hora de calor infernal, encontrou nas augustas naves duma basílica e que o fez entoar hinos de reconhecimento ao Deus dos católicos que deu aos devotos a inspiração das catedrais.

Que deleitosos sítios, na verdade, para os que, nas cidades tumultuosas, não possuam o bocado de parede para encostar as costas enquanto se fuma um cachimbo carregado de tabaco, e a árvore de amplas frondes que Teófilo Gautier reclamava como a maior das felicidades! Basta a gente sentar-se num banco, sob os ramos de tílias ou de plátanos em que, em abril, as roseiras suspendem os seus festões e as suas grinaldas, para nos julgarmos tão ditosos como o «Rei Sol», nas tardes sentimentais em que, de braço dado com as suas amantes, errava

pelos jardins de Versailles que Le Nôtre, com um génio que o imortalizaria, desenhou para o pomposo soberano. É por isso mesmo que os homens, constatando a sua influência benéfica sôbre as sensibilidades, os foram enriquecendo sempre, imprimindo um requinte cada vez maior aos seus aspectos artísticos e recorrendo à estatuária e às notáveis criações arquitecturais para os ornamentarem com mais relêvo.

Lisboa, por exemplo, começou agora a decorar os seus jardins públicos com alegorias em bronze ou em mármore e com os bustos de algumas personalidades eminentes que a morte foi lentamente arrastando para as suas misteriosas e eternas obscuridades. Dir-se-ia que, a uma primavera de luz e de milagre, começaram a ressuscitar, na nitidez dos Carraras transparentes ou na energia dos metais enérgicos, os actores, os pintores, os estatuários, os poetas, os prosadores, os oradores que mais contribuiram para a glória da nacionalidade, nos luminosos domínios da inteligência. Ainda recentemente se inaugurou, com aparato, na presença de homens de letras, de artistas e de estadistas, o monumento a Augusto Rosa — que foi uma das primeiras individualidades do nosso teatro moderno e que nos tablados reconstituiu, em noites inolvidáveis de glória, as grandes figuras imaginadas pelos dramaturgos, fazendo-as surgir, frementes de vida, no calor e no movimento da acção, do conflito violento das paixões humanas. Augusto Rosa, que pertenceu a uma família de comediantes insignes, para pôr de

pé essas figuras, estudava-as nos planos reais em que ellas se moviam, com as suas superioridades e as suas inferioridades, as suas ascenções e as suas quedas, as suas virtudes e os seus vícios — levando-as só depois dêste minucioso estudo para o palco e insuflando-lhes uma intensa vida real: — tanta, com efeito, que muitas delas, como *D. César de Bazan*, como o cardial da comédia de Júlio Dantas e como as personagens dos *Vélhos*, da *Triste Viüvinha*, de *Afonso VI*, do *Bibliotecário*, do *Amigo Fritz* e de muitas outras peças nacionais ou estrangeiras, serão relembradas como perfeitos modelos durante muito tempo e formarão uma esplêndida galeria.

Pois esta individualidade ilustre que tão veementemente fez vibrar as almas e que trouxe para o teatro português uma arte nascida espontâneamente da observação directa da verdade tangível e da análise dos mais subtis sentimentos da intimidade moral, despertou há pouco tempo das trevas silenciosas e terríveis em que tinha mergulhado, na potência expressiva duma brônzea máscara e na alvura deslumbrante d'um mármore resplendente cinzelado por Teixeira Lopes, sob o luminoso céu de Lisboa. De cima do seu plinto, entre belas árvores e canteiros em que em março principiarão a circular as seivas enérgicas que tecem as florações e distilam os aromas gota a gota, nas corolas macias, durante as festas nupciais, para atraír o diligente mundo alado que fabrica o louro mel, Augusto Rosa, com a sua fronte de senhor faustoso, iluminada por um indecifrável sorriso que tanto pode ser de bondade como de humorismo, contemplará os bandos de crianças de cabelos encaracolados e

olhos azúis ou negros que, de manhã ou de tarde, para ali vão brincar, jogando o arco, saltando a corda, correndo, gritando, rindo às gargalhadas, como ranchos de aves inquietas que, ao cabo de longas horas de prisão, recuperassem a liberdade. O busto, esculpido numa hora feliz pelo fecundo talento de Teixeira Lopes, é magnífico. Augusto Rosa, reproduzido numa das suas habituais atitudes, com a face encostada à mão, a cabeça ligeiramente inclinada e os olhos perdidos na admiração de regiões invisíveis, parece meditar: — e, do artista excelso ressalta também flagrantemente o mundano, o elegante requintado amando a distinção da *toilette* como um conde de Orsay ou um príncipe de Ligne da nossa época.

Na realização célebre de Teixeira Lopes, o grande actor parece viver prodigiosamente e fitar de novo um dos aspectos dessa Lisboa a que êle tanto quis e que tão apaixonadamente o aclamou em gloriosas noites. Que doce destino o desta personalidade eminente! Enquanto fruiu a ventura suprema de viver, espalhou a beleza em redor de si, a plenas mãos, como quem espalhasse flores; e depois de morto e na quietude inviolável do sepulcro, a sua efígie poderosamente sugestiva é colocada sôbre uma base de mármore para receber um culto, como se estivesse sôbre um altar, e para fitar, com suas paradas pupilas de metal, as criancinhas que à volta dêle brincam, palram e cantam!

Ah! Lisboa, povoando de estátuas de artistas e de sábios os seus jardins, está transformando numa certeza o sonho de Fialho de Almeida, que tinha pensado justamente nesta consagração aos grandes

homens do país, para que o povo, que não lê as suas obras, os aprendesse a conhecer e a amar! Ruskin teve um dia a intuïção da cidade-jardim: — mas o poeta do *País das Uvas* imaginou o jardim-panteão a que Lisboa quis dar realidade palpável.

O jornalismo actual

Vai acesa uma polémica entre dois dos maiores jornalistas parisienses da actualidade, sôbre se o moderno jornal deve ser literário e lançar em cada número grandes idéas e despertar profundas emoções estéticas, ou se tem de limitar-se ùnicamente ao relato descolorido e conciso dos acontecimentos mais salientes da vida diária, a noticiar em rápidas linhas, sem o menor relêvo artístico e sem elegância, o que de mais notável fôr ocorrendo no vasto mundo.

Os dois polemistas — Stéphane Lausanne, do *Matin*, e Édouard Helsey, de *Le Journal* — encontram-se em face um do outro e em pontos de doutrina absolutamente inconciliáveis e opostos. Segundo o brilhante cronista Gomez Carrillo — que foi um jovial *boulevardier* e que vivia habitualmente

em França, tanto nos esplendores da Cidade Luz como na pacificação inspiradora e no encanto de Menton, onde os escritores insignes e milionários da actualidade europeia teem as suas esplêndidas vivendas entre jardins sempre em flor e árvores perpètuamente verdes — Stéphane Lausanne, com um intenso horror das responsabilidades, não quere no seu periódico ilustre, por onde passaram até hoje algumas personalidades eminentes, nem arte, nem literatura, nem juízos críticos ou filosóficos. Não admite mesmo que a scintilação dum pensamento arda num fulgor mais forte no meio das cerradas colunas de prosa sem côr, sem ritmo, sem som e sem beleza em que se anotam sóbria e sêcamente as guerras, as revoluções que estalam constantemente no vélho e decadente globo, os movimentos políticos e religiosos, as falências de casas comerciais, as quebras de Bancos, as ruínas de empresas fabris, as explosões nas minas de carvão, os trágicos naufrágios, os terramotos que transformam as cidades japonesas em montões de escombros fumegantes, os incêndios que devoram, com suas vermelhas línguas de lume, arruamentos inteiros de ruidosas cidades, as quedas dos últimos tronos, as discórdias parlamentares, os crimes passionais, as oscilações do câmbio, os casamentos aristocráticos, os baptizados, as bênçãos papais, tudo. Não! Stéphane Lausanne que possui, contudo, um nome insigne, que frui mesmo uma invejável celebridade, não deseja de modo algum que o homem que trabalha na imprensa saiba pouco ou muito. Apenas exige que êle veja e que seja capaz de dizer claramente tudo quanto vir em apressados mas lumi-

nosos períodos em que nunca se manifeste uma falta de clareza. Êsse saber, que para muitas outras profissões representa uma qualidade elevada — porque, naturalmente, denuncía uma competência — será funesto no jornalismo. Tal é a teoria de Stéphane Lauzanne, e talvez que nas suas palavras haja alguma verdade.

Realmente, a sabedoria do redactor de gazetas, na actual pulverisação dos conhecimentos humanos, há-de fatalmente ser incompleta por mais extensa que pareça.

Por isso mesmo, quantas questões da mais variada índole surgirão constantemente nas nacionalidades, alheias em absoluto à erudição e à cultura do jornalista que tiver de as comentar ou de formular sôbre elas opiniões concretas. Nestes termos, sucederá fatalmente aquilo que irònicamente disse Eça de Queiroz, na sua admirável « Carta a Bento » — um Bento que se propunha fundar um jornal moderno, com uma larga informação telegráfica. Sob a dourada claridade irradiando das tulipas de cristal em que flameja o gás ou sob a rutilação das brancas luas eléctricas, joviais rapazes, no esplendor da mocidade e da ilusão, assobiando trechos de operetas hilariantes, discutindo todos os assuntos superficialmente ou fumando cigarros e soprando num regalo o fumo ao vento, escreverão, entre gargalhadas, ditos picantes, revelações escandalosas, confissões de amor, sôbre os mais sérios problemas da humanidade, enviando as tiras de papel ennegrecido pelos sarrabiscos de tinta para a tipografia, com a certeza íntima de terem esgotado inteiramente o assunto e contribuindo assim para que,

no nosso tempo, «se aligeirem mais os juízos ligeiros».

Porque, na verdade, os julgadores que redigem as fôlhas impressas «que aparecem tôdas as manhãs» não podem saber tudo, por mais que para isso se esforcem, e muitas vezes terão de dizer nìtidamente o que pensam sôbre as acções mais complexas dos homens e das coisas, sôbre determinados fenómenos, sôbre casos scientíficos ou de estética, sôbre política, sociologia, economia, os costumes, a moral, as tendências dos povos na sua marcha para o futuro, a evolução da inteligência, e isto sem leituras meditadas, sem estudo, sem preparação de qualquer natureza — o que, todavia, os não fará hesitar. Ora, o que o jornalista diz, mesmo irreflectidamente e sem a verdadeira noção das suas responsabilidades, é reproduzido em milhares e milhares de exemplares e lido por imensas multidões de criaturas sensíveis. E isto assusta Lauzanne, que na imprensa moderna apenas admite factos, repelindo tudo que estiver fóra da órbita do seu critério pessoal.

Édouard Helsey é de opinião totalmente adversa, e insurge-se contra os pontos de vista do seu contraditor, dentro dos quais o ser consciente que exerce uma actividade mental no jornalismo não será mais do que um autómato, um mecanismo, um simples fonógrafo, repetindo inconscientemente tudo quanto ouvir.

O antagonista de Lauzanne revolta-se contra uma função que deprime o homem, baixando-o ao

raso de tôdas as banalidades. Édouard Helsey reclama para si e para os outros jornalistas o nobre direito de ver e de interpretar, de sentir e de exteriorizar nas sonoridades dum verbo mais ou menos vibrante, os seus sentimentos. Pretende, enfim, ser mais do que a objectiva duma trivial máquina fotográfica : — isto é, um cérebro !

Que Stéphane Lauzanne defenda a primazia da reportagem, na imprensa de hoje, compreende-se. A reportagem é, na realidade, a função e a fôrça do jornal contemporâneo, no verídico dizer de «Fradique Mendes», e é além disso uma das mais abundantes fontes da história e, sem contestação, um dos maiores repositórios de materiais indispensáveis para a reconstituïção do passado, em maravilhosos paineis duma impecável precisão de formas, de linhas e de nuanças. Um dos grandes cotidianos europeus, como o *Times*, que é um pesado tômo cheio de informações, de notas, de dados, de narrativas e que aparece logo ao romper de cada manhã em Londres, a formidável capital mais populosa do que muitas nações, para imediatamente se espalhar por tôda a Inglaterra e pelos seus domínios, é na realidade um capítulo histórico minucioso de tudo quanto, durante as últimas dôze horas, ocorreu no mundo habitado ! Para que êste prodígio seja possível, tem o *Times* de estar permanentemente ligado, por linhas telegráficas e telefónicas, pela telegrafia sem fios, pela via férrea e pelas vias fluviais, aos sítios do orbe terráqueo mais próximos ou remotos, mantendo noite e dia ao seu serviço um enorme exército de informadores que não deixem escapar grito, gemido, suspiro, após-

trofe, sucesso, incidente, desastre, catástrofe, hecatombe que se desenrolem a dois metros ou a duas mil léguas de distância.

E tudo isto, relatado em sóbrios períodos, será arquivado nas páginas dêsse *Times* considerável, que é o órgão que fornece às classes aristocráticas e às classes médias do Reino Unido as idéas diárias àcêrca dos assuntos mais diversos.

Daqui a dez, a cem anos, surgirão, fatalmente, os Mommsen, os Vico, os Niebhur, os Ranke, os Guizot, os Taine, os Carlyle, os Macauley que, consultando pacientemente o famoso jornal londrino, encontrarão seguramente os elementos de que carecerem para reconstruir o tempo presente, com tôdas as suas características, e para movimentar as suas perspectivas com as mais notáveis figuras da actualidade que ocuparam uma alta situação hierárquica ou que pelo génio, pela fulguração da inteligência, pela radiação da personalidade soberana, se elevaram acima dos outros indivíduos e tiveram um nítido influxo na direcção dos destinos humanos.

Contudo, o que Édouard Helsey reclama é que as entidades que dia a dia, como as formigas, vão recolhendo o material para estas construções gigantescas, se destaquem mais pelo intelecto do que pela visão, que não sejam de todo inertes, que intervenham, mentalmente, na sua produção, que a animem duma inquieta alma, dum pensamento, duma individualidade, duma vida enérgica, duma beleza. É por êste motivo, justamente, que Édouard Helsey me parece mais perto da verdade do que Lauzanne.

Eu sei perfeitamente que, na sua grande maioria, o público anónimo que adquire as gazetas, tôdas as manhãs ou tôdas as tardes, para as passar um rápido momento pela vista, lendo aqui e ali uma notícia mais sensacional ou pitoresca, para depois as esquecer por cima das mesas dos cafés ou das *brasseries* ou para as atirar à poeira da rua, não quere saber se essas gazetas são bem ou mal escritas e servem aos seus leitores idéas ou anecdotas. Isso é-lhe absolutamente indiferente. A massa tumultuosa não compra os jornais para se instruir ou para afinar a sua sensibilidade artística na pureza e na harmonia duma forma à Flaubert, à Barbey d'Aurevilly, à Leconte de Lisle, à Marcel Proust, mas ùnicamente para saciar a sua sêde de bisbilhotice.

Para ela, o noticiário tanto poderá ser composto por Mr. Jourdain — que fazia prosa sem o saber — como por Óscar Wilde, Gabrielle d'Annunzio ou Anatole France. À língua melodiosa, rítmica, musical em que outrora falaram os Deuses pagãos, talvez que a população prefira mesmo — uma « língua de trapos », muito mais expressiva e compreensível para ela.

Todavia, as fôlhas jornalisticas também são lidas por *élites* da sensibilidade e da intelectualidade que se não interessam nem pouco nem muito pelo que ordinàriamente comove as turbas até ao delírio e que de-certo gostam de encontrar nas suas colunas os contos, as crónicas que são a espuma leve das coisas irisando-se à luz e vasada a arder em moldes originais, o ensaio, o artigo de crítica, o

comentário político incisivo, a controvérsia, a polémica, a novela, o romance, o teatro. Êste género terá numerosas pessoas que lhe consagrem uma atenção permanente, trocando-o pelo outro que, muitas vezes, não obriga a pensar e nem dará sequer noções que mereça a pêna reter e que dir-se-ia escrito vertiginosamente por tagarelas incorrigíveis.

Ah ! não ! O intuïto da imprensa tem de ser também educador e não mèramente palrador. Que ela se detenha um instante, no seu caminho, a observar uma rixa, um duelo, uma discussão violenta, um assassinato, uma corrida bancária, ou a ver arrombar uma gaveta fechada, a contemplar um rapto, a presenciar uma partida de *box* ou de *foot-bal*, desculpa-se ; mas que se não esqueça de ir deixando atrás de si se não o sulco de luz áurea que assinalava a passagem de Parsifal, ao menos algumas sementes fecundas de que nascerão as futuras messes e que contribuïrão para que o nosso irmão, como diz não sei que autor excelso, seja melhor, mais justo, mais racional e mais feliz neste desordenado mundo em que andamos adormecidos ou em que rolamos mortos mas em que algum dia ressuscitaremos !

Depois, um jornal feito segundo o critério de Édouard Helsey denuncia homens superiores, mentalmente, e o jornal que Stéphane Lauzanne apostoliza — pode ser escrito por tôda a gente que souber narrar, mesmo infantilmente e em linguagem incorrecta, o que presenciar. O primeiro ensinará, instruïrá, encantará o espírito ; o segundo, apenas deleitará uma assembleia de alegres comadres mais

linguareiras do que as de Shakespeare, ou personagens que se contentam com o aspecto superficial das coisas, sem nunca as investigarem até à sua essência. E tanto a razão está do lado de Helsey, que *Le Journal*, por êle dirigido, tira diàriamente um milhão e quinhentos mil exemplares, e o *Matin*, de que é director Stéphane Lauzanne, apenas tira oitocentos mil. O argumento é concludente.

Garrett e João de Deus no mosteiro dos Jerónimos

Almeida Garrett e João de Deus, dois dos maiores poetas de Portugal contemporâneo e que deram à poesia lírica uma voz como ella raras vezes teve entre nós, depois de Camões, dormiam há longos anos o sono eterno, dentro dos seus fúnebres esquifes depositados na capela baptismal do mosteiro dos Jerónimos — que são também um poema épico cantando nas rijas estrofes da pedra as conquistas e as descobertas do Portugal vitorioso dos séculos XV e XVI. Tanto o autor das *Viagens na minha terra*, do *Frei Luís de Sousa* e de *D. Branca*, como o autor do *Campo de Flores*, amaram profundamente, enquanto viveram, a natureza, o ar livre, as scenografias exteriores com seus coloridos e suas formas originais, a luz comunicando alma e nitidez às coisas, o céu azul, as noites de luar tôdas estrela-

das. E era por isso que eu, sempre que visitava as suas silenciosas urnas — em que nada mais resta dos cadáveres que nelas se esconderam para sempre, além de cinzas esfriadas — me surpreendia a pensar que teria sido muito melhor que os dois admiráveis artistas do verso fôssem sepultados na terra gorda e negra dos cemitérios, onde certamente estariam mais perto dos espéctáculos duma existência de que se haviam evadido.

Bem sei que a intenção de Portugal dando-lhes por morada sumptuosa o nosso Panteão, era a de honrar as suas memórias excelsas. Almeida Garrett fôra tudo no país a que pertencia. A sua personalidade complexa desdobrara-se na dum dramaturgo genial, dum romancista, dum poeta extraordinário pelo esplendor da inspiração, na dum economista, na dum orador de verbo fácil e admirável de precisão, de clareza, de energia expressiva, na dum político, na dum diplomata, na dum panfletário. Foi, além d'isso, um mundano, vestindo com a elegância de Jorge Brumell, tendo o espírito de Rivarol, e um patriota pondo, nas horas de crise, a sua paixão cívica acima de tôdas as outras.

Garrett, além de ter ensinado a nacionalidade a conversar, a pensar e a sentir, enriqueceu as letras nacionais com o ouro de bom toque da sua prosa dum fino sabor clássico. Foi êle quem, com Herculano — figura de historiador fundida em bronze — trouxe do exílio o Romantismo, que representou inicialmente a reacção contra o saber germânico e saxão.

João de Deus, mais inclinado à pacificação, ao sonho, à vida da intimidade moral do que às pom-

pas teatrais e preferindo ao sol, aos planos maravilhosamente iluminados, as sombras discretas, as inspiradoras penumbras, as serenidades que nunca se conturbassem, os repousos espirituais, foi apenas um amorável educador da infância portuguesa, que iniciou nas primeiras letras, e o cantor mais comovido e mais intenso do amor, fazendo da mulher um ser angélico e elevando-a até aos astros, na música embaladora das suas rimas.

A namorada alma popular não teve mais alto intérprete dos seus sentimentos, das suas aspirações, das suas ingenuïdades, da flor da sua ternura: — mas o povo de Portugal nunca amou mais fervorosamente outro qualquer poeta do que êsse João de Deus que foi o seu directo representante.

Ora, a nação consciente, querendo prestar o seu culto às duas individualidades modernas que tanto a nobilitaram nos domínios luminosos da Arte, deu-lhes um monumento histórico às ossadas, colocando-as ao lado das de Vasco da Gama, que traçou com mão segura sôbre os mares os roteiros para as Índias misteriosas, e das de Camões que, nos *Lusíadas*, eternizou os feitos prodigiosos dos navegantes e conquistadores portugueses que com as suas espadas, a sua palavra e o seu heroísmo, levaram aos confins do mundo habitado o renome da raça.

No entanto, no seu faustoso isolamento, caía sôbre os ataúdes de Garrett e de João de Deus uma tristeza imensa e penetrante que nem as arquitecturas manuelinas de esplendorosa linha dissipavam.

Êsses ataúdes estavam durante o dia envolvidos duma meia-tinta crepuscular que dir-se-ia trespassá-los de frio : — e eu julgava que, se tivessem baixado à mudez dos covais, num dêstes campos-santos que em Portugal a primavera transforma em jardins, os dois gloriosos poetas até na morte de segredos impenetráveis, e por isso mesmo terríveis para a nossa sensibilidade, possuïriam algumas das coisas a que, em vida, mais quiseram.

Ah ! por estas belas e sonoras manhãs românticas, não lhes faltaria o cantar idílico das aves nos ciprestes, nem os aromas, nem as borboletas brancas dançando como as nixes sôbre as suas pedras tumulares, nem as melodias dispersas nas aragens, nem a canção constante das fontes, manando entre musgos verdes. Nem sequer seriam esquecidos da admiração ou da piedade dos vivos : — e quantas delicadas mãos femininas de longos e magros dedos em que faíscassem pedras de anéis — essas mãos com idéas e cheias de raça, de que falava o requintado Barbey d'Aurévilly — iriam pousar-lhes nos sepulcros ramos de flores orvalhadas e ungidas de perfume ! Além disso, quem poderia negar que a materia que constituiu os corpos das duas ilustres individualidades lusas, transformada pelas alquimias subterrâneas, não ascendesse novamente à superfície da terra, já feita seiva fecunda de relvas, de rosas ou de arvoredos, ou não errasse pelos infinitos scenários naturais, correndo nas linfas cristalinas, voando no vento, brilhando nos fogos fátuos das noites quentes e de treva, alimentando as raízes, vitalizando as ervas rasteiras ou as frondes magníficas ? Êste destino para além da vida que

conhecemos, sim ! encantaria Almeida Garrett — o Garrett da *Lírica de João Mínimo* e do *Retrato de Vénus* que ouviu, em Vale de Lôbos, cantar ao desafio os rouxinóis apaixonados perto da janela da «Joaninha do Vale de Santarém», e do João de Deus da *Cartilha Maternal* e das poesias amorosas que são, de-certo, as mais extraordinàriamente belas que se teem escrito em qualquer língua.

A sua morada fúnebre era duma grandeza incomparável, tendo sido elevada pedra a pedra, pelo Portugal dos séculos triunfantes. Nela trabalharam gerações sucessivas, modelando, brunindo com escopros enérgicos as informes penhas, rendilhando, florindo — e por isso mesmo êsse mosteiro que evoca as naus aventureiras que sulcaram os oceanos ignorados obedece ao ritmo e às pulsações do coração dum povo inteiro. Mas, como êles, que foram essencialmente portugueses, gostariam talvez mais duma sepultura que tivesse por cúpula a luzente concha do céu e que a flor de ouro do sol logo ao romper das alvoradas olímpicas começasse a cobrir com o seu vaporoso e ardente pólen ! Sob as abóbadas de Santa Maria de Belém, davam a impressão dolorosa de terem esquecido às multidões que deviam venerar-lhes as memórias. Os seus caixões, cobertos com panos de dó que o tempo ia esfarrapando, arrastavam-se por cima de mesas, sem que à volta dêles houvesse uma atmosfera de austeridade, de piedade ou de respeito que nos fizesse meditar ou um ambiente de grandeza excepcional, de esplendidez, de magnificência que nos causasse orgulho pela certeza que nos dava de que Portugal sabia glorificar dignamente as memórias dos seus

homens insignes. E por vezes, Deus me perdoe, êsses caixões lembravam os abandonos melancólicos . . .

Há pouco, todavia, João de Deus e Almeida Garrett começaram a ter, nos Jerónimos, uma jazida definitiva — embora seja considerada provisória. Os despojos transitórios dos dois poetas mortos mas que à sua pátria legaram uma obra que viverá enquanto se falar e se escrever a harmoniosa linguagem portuguesa, foram recolhidos nos confissionários do templo, convenientemente modificados. Em vez de confidências de vivos, que a dor, o remorso, o arrependimento torturem, terão o silêncio profundo e imperturbável.

A cerimónia foi dum tocante recolhimento, a-pesar dos jornais a terem anunciado. Em logar de turbas em luto e em lágrimas, curvando-se num desespêro ou numa saüdade sôbre as urnas em que se encerravam os restos de homens que tinham trabalhado admiràvelmente para a dignificação do seu país, apenas meia dúzia de pessoas, além dos representantes das famílias de João de Deus e de Garrett. No entanto, o acto, sem exibicionismos, sem oratórias que revivessem, por momentos, no seu fogo, as personalidades mentais e estéticas dos homens que deram à Musa portuguesa uma voz de excepcional vibração, sem artifícios, sem pompas incaracteristicas e absolutamente falhas de sinceridade, foi edificante. O palco em que o último acto de duas vidas triunfantes se realizava, era impressionante, sendo constituido por um dos primeiro

monumentos que o passado vitorioso da nação transmitiu às tristezas da actualidade e aquele em que o génio nacional, mais subjectivo do que objectivo, criou um estilo próprio, ornamentando o gótico de graciosa simplicidade com os atributos da náutica, com ramais de coral, com uma flora bizarra entrevista no Oriente. Aquelas arcarias, aquelas estilizações estupendas, aquelas flechas, aquelas naves augustas, eram as testemunhas mudas dum Portugal que ditou a lei e a ordem ao mundo e que trouxe esquadras invencíveis por todos os mares. Por elas passaram as heróicas figuras de épocas que nunca mais voltarão — nos momentos em que, com as suas espadas e em façanhas que a história eternizou, dilatavam as fronteiras enormes do império português! Que outras scenografias mais concordantes para a representação duma suave elegia? . . .

A dois passos do mosteiro, Lisboa, descuidada, feliz, vestida de luz, rútila de sol, palrava, sorria, passeava na doçura do dia primaveril, espairecia os seus tédios, surgia nas perspectivas centrais, nos passeios do bom tom com a graça e o luxo das suas *toilettes*, desinteressando-se, talvez, do que pudesse acontecer às ossadas de dois poetas que, enquanto exerceram uma actividade consciente, procuraram a Beleza pelo sentimento, fixando-a em imagens de maravilhosa perfeição. Nem por isso a solenidade deixou de ser comovente. Um sacerdote de-certo dado ao amor de Deus e das belas-letras, como os da Renascença, celebrou missa pelo eterno descanso dos dois poetas — que já nada querem das tragédias, das comédias, dos contentamentos, das angústias, dos júbilos, dos desesperos dêste

mundo : — e seguidamente, os ataúdes foram levados para os seus refúgios donde só serão removidos algum dia, se o Panteão de Santa Engrácia vier a ser uma realidade concreta e Portugal tiver, finalmente, uma glorificadora campa monumental para os seus mortos eminentes.

A trasladação bem simples e bem pobre sob o ponto de vista decorativo, não teria, certamente, agradado a Garrett, o sublime casquilho que na vèlhice, de chinó famoso e colete de fantasia, ainda suspirava pelas salas madrigiais às rôlas esquivas do mundanismo, e que adorava as exibições espalhafatosas, as aclamações entusiásticas, o ruído. Oh ! mas como ela encantaria João de Deus, o cândido lírico das *Flores do Campo*, que quis sempre às coisas humildes, fugindo das magnificências para se aproximar dos que sofriam e choravam e trocando as perspectivas iluminadas pelos pontos que as penumbras romantizavam para o seu espírito tímido ! . . . Uma festa — a última ! — sem o mundo oficial, sem tumultos, sem episódios grotescos ou ridículos, que felicidade para o João de Deus que, para cantar Heresta, deu à sua voz tôdas as modulações e tôdas as inflexões da dor, da saüdade, da ternura ! . . .

Quem escreveu os dramas de Shakespeare?

Há quási um longo e agitado século que se fére continuamente uma viva campanha crítica e literária à volta duma singular interrogação que ainda recentemente eu ouvi em Portugal: — «Quem escreveu os dramas de Shakespeare?»

Na realidade, êste nome excelso que ocupa uma das mais belas e luminosas páginas na história da literatura e que foi, outrora, uma brilhante realidade, começou a esfumar-se numa dúvida que de dia para dia mais se intensifica, a partir daquele fatal momento em que um cônsul americano que também cultivava as letras e dialogava docemente com as musas, confessou com timidez a sua descrença sôbre a autenticidade do teatro shakespeareano. Até êsse instante, a personalidade que Vítor Hugo admirava *comme une brute* destacava-se

com nitidez absoluta numa pura zona de claridade, avultando mais de época para época, pelo esplendor do génio. A sua figura que se havia sumido nas sombras profundas do Estígio mas de que nos restavam imagens fiéis — embora inertes — e que podíamos reconstruir perfeitamente, traço a traço, pelos seus dramas — continuava a ser tão real e tão presente para os espíritos sensíveis, como naquelas distantes e dilatadas noites em que êle dependurava no palco do teatro que dirigia a lanterna que, em *Romeu e Julieta*, havia de desempenhar o papel de lua. Nenhuma das suas características linhas fisionómicas se apagara, a-pesar-de já pesarem séculos sôbre a sua sepultura ; nenhum dos seus dons essenciais empalidecera, mesmo para os doutrinários da Arte.

Shakespeare era, sem contestação, um dos maiores criadores de almas que a humanidade tem conhecido. Ninguém como êle mostrou o homem inteiramente livre aos olhos dos seres conscientes — o homem que nenhuma educação, nenhuma dependência, nenhuma tirania, nenhuma lei, nenhuma convenção social deformasse. Ninguém como êle, no dizer dum crítico eminente, revelou a natureza espontânea, desencadeando as paixões e entregando-as à sua acção natural ! À volta da memória de Shakespeare, que a escuridão do passado não escondia e que, pelo contrário, radiava maravilhosamente, movia-se uma estranha multidão de personagens contando os seus amores e as suas alegrias, narrando as suas misérias e os seus crimes, denunciando os seus apetites impuros, os seus ciúmes, os seus ódios, as suas perfídias, as suas loucuras, as

suas piedades, as suas invejas, as suas aspirações. Era um bizarro mundo capaz de tôdas as infâmias, de todos os sacrifícios, de todos os vícios, de tôdas as santidades, de tôdas as abnegações. Júlio César acotovelava Othello ; António surgia lado a lado do Yago e de Péricles ; Romeu mostrava-se entre Miranda e Cordélia ; o rei Lear, já louco e à procura da pedra fria e dura em que repousasse a cabeça para melhor morrer, conversava serenamente com Ofélia ; Hamlet, desvairado, espiando nas silenciosas penumbras os passos cautelosos dos assassinos de seu pai, parava por um momento diante de Desdémona, de quem o « Mouro de Veneza » ainda não suspeitava, pedindo-lhe que lhe ensinasse a *Canção do Salgueiro* — menos lúgubre, certamente, do que a cantiga do còveiro abrindo, no cemitério, sepulturas que haviam de devorar com sua sinistra guela de treva corpos brancos de virgens, corpos gangrenados de bandidos, corpos torturados de miseráveis ; o rei Ricardo passava, hesitante, com a corôa oscilando na cabeça : Falstaff dava o braço a Shylock ! Era simplesmente formidável esta farândola humana de criaturas que realizavam por completo o Destino para que foram marcadas, fóra da influência de tôdas as pressões.

Veio, porém, inesperadamente, o cônsul Hart com as suas curiosas reflexões, vélho de setenta e oito anos, e logo a individualidade de Shakespeare entrou num período crepuscular. Oh ! de-certo que Hart não negava que tivesse existido, outrora, um pobre diabo com que êsse nome, com uma vida aci-

dentada que o arrastou por todos os espinhais da dor e da humilhação e que fez dêle um vagabundo dormindo pelos portais, um mendigo que corria a abrir as portas das equipagens aos solenes senhores da aristocracia, junto dos templos ou das casas de espectáculos, e mais tarde um comediante e director dum bando de cómicos, como Molière, que distraíam, com suas farças, suas chacotas e seus dramas, os ócios e os tédios da gente de qualidade e muitas vezes das próprias realezas, que iam ouvi-los no meio duma grande pompa decorativa, entre sêdas, rendas, veludos, jóias.

Êste Shakespeare não era posto em dúvida por Hart e pelos subtis investigadores de hipóteses que depois dêle se manifestaram, não para eliminar definitivamente a recordação dum ser predestinado que, na vèlhice, se isolou em Stratford, a terra de arvoredos e de águas correntes em que nascera, para repousar dos seus ásperos trabalhos, dormindo sob as folhagens perfumadas ou cultivando as flores do seu jardim, mas para o exautorar como dramaturgo, contestando teimosamente que fôsse êle quem escreveu *Hamlet*, *Othelo*, *Ricardo III*, o *Sonho duma noite de verão*, *Júlio César*, *O Mercador de Veneza*, *Péricles*, *Muito barulho para nada*, as *Alegres comadres de Windsor* e outras peças que são, efectivamente, admiráveis capítulos da História da alma, que rasgam os horizontes do infinito à consciência e que há muito entraram na imortalidade, porque desdobram o sentimento no amor, na paixão violenta, nas cóleras exaltadas, nos ódios, nos ciúmes, nas ingratidões, nos misticismos, nos sarcasmos, nas blasfêmias, nas lágrimas, nos desesperos!

Hart e com êle Delia Bacon, Bleibtran, Demblon, Lefranc e tôda uma esplêndida e audaciosa legião iconoclasta, recusam-se clamorosamente a acreditar que Shakespeare, que abandonou a escola de instrução primária aos treze anos, para se entregar aos acasos duma vadiagem que o trouxe por todos os *bas-fonds* da miséria, dispusesse dos extensos conhecimentos nìtidamente expostos na vasta obra firmada com o seu nome e que é profunda e misteriosa como um mar. Realmente, essa obra suprema, duma grandeza cíclica e duma poderosa expressão dramática, acusa claramente como seu autor, além dum poeta de inspiração inesgotável e torrencial, um historiador, um artista, um psicólogo penetrante, um jurista subtil, um sociólogo, um filólogo, um filósofo, um teólogo, um observador, um arguto analista. Como é, pois, que poderia ser concebida e realizada maravilhosamente, numa forma eloqüente, sóbria, concisa, perfeita, por um homem vulgar que não fizera altos e demorados estudos, que nunca fôra supliciado pela febre de pensar e que, na juventude, mal aprendera o alfabeto? Havia, inevitàvelmente, uma correcção a realizar. No jardim vitorioso da Glória tinha de ser abatida uma árvore cheia de flor, para substituir-se por outra — porque vicejava, frutificava numa terra usurpada!

Mas quem seria, então, a individualidade genial que compusera uma série de dramas e de comédias superiores, pelo pensamento, pela intensidade emotiva, trágica ou poética, que ofertam sombriamente

ao ser consciente o espectáculo terrível da dor e em que as suas personagens sofrem como sofriam « os antigos sacerdotes na presença do seu Deus »?... O facto de Shakespeare não ter freqüentado as universidades e as bibliotecas na sua mocidade, não é, talvez, uma razão suficiente para que o empurrem exaltadamente para fóra das luminosas fronteiras da celebridade. Com efeito, Wolfram de Eschenbach, que viveu na côrte do landgrave Hermann da Turíngia, ao lado do seu émulo Walther, um dos maiores líricos da antiga Germânia, não sabia ler nem escrever. No entanto, possuindo apenas um vago conhecimento oral das literaturas teutónica, latina e francesa, foi um excelso poeta épico e imortalizou-se ditando a um secretário os dezasseis cantos do seu poema *Parsifal*, em que Ricardo Wagner encontrou a pura fonte da inspiração para uma das suas óperas mais notáveis, e a *Lenda do São-Graal*, em que desenvolveu subtilmente os temas célticos da Távola Redonda.

Êste exemplo, todavia, não convence os que, há perto dum século, minam incessantemente o pedestal da estátua de Shakespeare, para a demolirem, asseverando que os dramas shakespeareanos foram escritos por outras personalidades insignes que, por qualquer motivo obscuro, tiveram de ocultar-se. Quem seriam elas ? As opiniões discordam, não havendo uma absoluta conformidade entre elas. Delia Bacon afirma que o autor dêsses dramas é Bacon, o eminente chanceler que foi, na verdade, um grande homem. Para os germânicos Alvor e Bleibtran, o dramaturgo não pode deixar de ser o duque de Rutland, Rogers Mamers — ponto de

vista que o belga Demblon também defende calorosamente. Lefranc, porém, tenta provar, com documentação abundante, que o autor das peças firmadas por Shakespeare é o sexto conde de Derby !...

A discussão em tôrno do difícil problema, entre os partidários do homem de Stratford e os arautos de Bacon e das outras sombras irreais, é entusiástica e tumultuosa, mas não se chega a um resultado decisivo : — e eu, ouvindo todo êsse inútil ruído e tôdas essas palavras que se atiram ao vento e que êsse vento leva para longe, como um barulho estéril que não deixa atrás de si factos, fundamentos, ideas, vou considerando que, tanto para os que leram como para os que ouviram declamar as peças prodigiosas assinadas por um nome que pode ser um simples pseudónimo, mas que é um verdadeiro símbolo, será uma questão sem a menor importância. Na realidade, o que vivamente interessa às personalidades cultas que compreendem uma entidade genial nas suas ascensões, não é uma frívola representação plástica, exterior, o tipo físico, banal, mas a beleza ou a grandeza excepcional que as suas concepções artísticas lhe fazem entrever claramente ou lhes fazem sentir com intensidade. O que essas personalidades admirarão veementemente, neste caso, não é um homem — mas um dramaturgo que, mergulhando nos tenebrosos abismos do coração humano, vélho como a vida, encontrou ainda para revelar às multidões sentimentos ignorados de que animou as suas prodigiosas criações. O que para nós tem, em primeiro logar, um valor positivo e elevado são, enfim, os dramas, que, evidentemente, foram escritos por uma individuali-

dade de génio. Qual ? Shakespeare ? *Lord* Bacon ? O duque de Rutland ? O conde de Derby ? Nesta constante sucessão de sombras movediças, cada um que escolha aquela com que mais simpatizar. Por mim, já escolhi a minha — que será a de Shakespeare, enquanto me não provarem com a irrefutabilidade da luz o contrário.

Eram êstes raciocínios que eu ia fazendo, por uma noite recente, ouvindo a notável conferência dum alemão — Angels — que veio à universidade do Pôrto asseverar que os dramas shakespeareanos foram, de-certo, escritos por Shakespeare ! . . .

O encanto dos livros abandonados

Passei uma das minhas poucas manhãs de repouso na confusa livraria dum alfarrabista, sentindo um prazer muito íntimo em remexer nas fôlhas, não de árvores viçosas que a primavera começa a florir sôbre a unção da luz, mas de vélhos livros já amarelados que passaram de mão em mão, que andaram, talvez, por sumptuosas estantes de madeiras do valor de jóias, sôbre macios veludos, sôbre mesas de nobres estilos, perto de jarras de cristal com flores, por salões, por gabinetes de leitura, por quartos de estudantes, por águas-furtadas de boémios, alegrando um pouco o tédio das longas noites alagadas e hostis. Antes de chegarem à loja fria e triste para onde o implacável Destino os arremessa com indiferença, todos êsses volumes que tanto interessam os bibliófilos — e também os poe-

tas da humildade, que muito amam as coisas discretas e desdenhadas, as penumbras, as meias tintas ! — fizeram longas jornadas através duma vida que tem para êles, como para os seres sensíveis, altos e baixos, esplendores e misérias. É indizível por palavras o encanto especial que êles me comunicam — e compreendo perfeitamente o interêsse que levava Anatole France e outros grandes nomes das letras para os cais de Paris, à procura de raridades bibliográficas que vão parar não se sabe como aos melancólicos estabelecimentos dos adeleiros das letras.

Na realidade, se êles, por baixo das encadernações em couro, em marroquim, em pergaminho ou em cartão, tivessem uma voz e se entre as suas páginas pulsasse uma consciência e uma inteligência, que histórias amorosas, líricas ou trágicas nos contariam, serenamente, quando pelos vagares nocturnos os abríssemos, junto do fogo onde ardesse e crepitasse uma alegre chama de lenha bem sêca, para conversarmos durante alguns instantes com êles, enquanto fóra, na rua, passasse sob a neve ou a chuva, a ronda fantástica dos terrores e os olhos fulgurantes do crime espreitassem às esquinas.

Alguns dêles, só teriam casos joviais para narrar, acontecimentos irónicos ou divertidos, episódios de ternura ou de galantaria. Outros, sobretudo os de versos com estrofes sonoras desfilando na pompa das imagens e no esplendor das rimas, poderiam falar-nos do sonho louco dos amantes, das almas que se procuram ansiosamente durante muito tempo, até que de súbito se encontrem, do arrulhar doce dos beijos pelos jardins em flor, em que se realizam

entrevistas românticas, das esperanças de sêda e ouro que se vão tecendo, das bôcas sedentas e soluçantes que vuluptuosamente se osculam, dos castelos de Espanha que se vão construindo, com seus torreões de luar e suas ogivas de opala e que a menor aragem adversa lança por terra ! Mas outros, finalmente, revelariam numa linguagem feita de exclamações, de gritos, de súplicas, os esforços enormes de certas criaturas predestinadas para o sofrimento, a luta heróica por elas empregada para triunfarem na existência, os seus raros júbilos, as suas confianças, os seus desesperos sombrios, os seus combates de todos os instantes, torturando-se, queimando-se, matando-se lentamente para darem mais um passo em frente, para subirem mais um degrau, para ascenderem a alturas donde pudessem já contemplar, à luz plena, uma certeza ! Ah ! a quantos desmaios, a quantas febres devoradoras, a quantas cóleras, a quantas piedades, a quantas fúrias descompostas, a quantos desânimos, terão assistido mudamente muitos dos tomos na aparência inexpressivos e sem o menor relêvo que deparamos por certas casas, expostos à venda, numa confusão dolorosa, entre sórdidas trapagens, papeis cobertos de poeira, vélhas estampas mutiladas, manuscritos com nódoas de tinta ! Que dramas intensos ou que felicidades idílicas êles conheceram ! Não possuem o dom maravilhoso da palavra falada : — no entanto, embala-os uma suavidade poética que lhes transmite uma sensibilidade subtil e que os torna extraordinàriamente simpáticos ao nosso afecto estético ou mental.

Na manhã luminosa e repousada a que aludi, por exemplo, descobri eu, abandonado em cima dum vélho escano, um livro de Henri Heine. Estava em estado lastimável, ao lado duma edição antiga das obras de Aristóteles, traduzidas em latim. Folheei o volume firmado pelo autor do *Intermezzo* — que morreu em Paris, no seu leito de paralítico, olhando com ódio a sua pátria do norte, em que os miosótis florescem e onde um Diabo conhecido de «Fradique» e com um feitio de Leibnitz, dava outrora serenatas aos astros, pelas ruas das seculares cidades góticas — e levei-o comigo, quási de graça. Efectivamente, o livro estava muito danificado — e eu, ao metê-lo no bôlso do casaco, ia pensando nos representantes das sucessivas gerações que o teriam lido e meditado. Quantas mãos, na verdade, o abririam, quantos olhos pousariam deleitosamente nas suas páginas, quantas imaginações se teriam exaltado com as suas composições líricas, quantos lábios se teriam iluminado de riso, com as ironias tão finas do amargo Heine que tantas vezes fixou em traços exactos e vigorosos lados dessa Beleza que foi a sua maior aspiração!

Interrogava inùtilmente o tômo arruïnado que se mantinha em rigoroso silêncio, concentrado, recolhido de-certo num pensar que o absorvia por completo ou num sentir que o alheava de tudo quanto à sua volta fôsse ocorrendo.

Ao entrar no meu escritório pousei o volume de Heine, com outros que também comprara, sôbre uma banca e não me preocupei mais com êle. Hoje porém, ao ver, pela primeira vez êste ano, um lindo

e fresco ramo de lilases brancos, exalando-se em perfume, lembrei-me repentinamente de Henri Heine, não sei porque motivo, e do vetusto cartapácio que adquirira dias antes ; e, pegando nele, sentei-me, começando a lê-lo. Eram pequenos poemas líricos admiráveis de emoção, de graça, de forma — dando-me a impressão de terem sido feitos com uma aguada de dor e de sarcasmo tão intimamente combinados e fundidos que dêles resultou uma côr estranha e uma vibrante e inédita potência expressiva.

Heine — que eu tinha diante dos olhos com o seu rosto muito branco, o seu perfil de ironista, de angustiado e de resignado, a sua fronte tantas vezes aureolada de beijos de amor — ia deixando caír vagarosamente, nos brandos regaços de sêda das mulheres por êle cantadas, as flores da sua adoração, a uma claridade expirante, último lampejo de uma tarde outonal. Maravilhado, eu escutava a Musa teutónica e parisiense conjuntamente a elevar a sua áurea voz em ritmos e em músicas incomparáveis, para dizer ao Fatal Feminino o que êle jàmais tinha ouvido — uma voz evocadora que dir-se-ia vir de muito longe, da tristura crepuscular dos dias mortos, dos séculos distantes em que os bardos ainda eram coroados nos Capitólios pelos príncipes famosos que arrastavam grandes mantos de arminho. E houve um instante em que me pareceu que a Poesia já não sabia cantar assim, aliando à eloqüência do seu verbo, a aristocracia artística, a originalidade das ideas, a comoção ! . . .

Sùbitamente, ao voltar uma fôlha já rôta a um

canto, fiz um achado que me teve por muito tempo imóvel na minha cadeira, avivando os brasidos da fantasia.

Que achado fôra êsse? Oh ! uma insignificância ! Com certeza que Poe, com êle por têma, não conseguiria escrever os capítulos bizarros do *Escaravelho de Ouro !* . . .

Tratava-se, apenas, de algumas violetas tão sêcas, tão mirradas que delas se evolara todo o perfume e tôda a côr. Mas, alguém — com certeza uma romântica ! — as pousara mesmo sôbre uma poesia em que o amor, a eterna ilusão e o eterno mistério que sempre atraírão o coração humano, entoava um dos seus hinos gloriosos em deliciosos versos ! Essas violetas haviam ali sido postas ainda viçosas, porque tinham manchado o papel com a sua seiva. Apertadas entre as laudas de papel, numa sepultura extraordinária, sob uma lápide em que o lírismo gravou uma das suas puras criações, foram morrendo devagar — e perfumando sempre, para que a sua morte cheirasse bem. E agora, ao cabo de anos sem conta, ao depará-las por acaso, ressequidas, olvidadas, inúteis como todos os cadáveres de homens de génio ou de ervas rasteiras, eis que se apoderavam inteiramente do meu sentimento e me retinham sob o seu sortilégio. Porque ? Não o sei dizer. Contudo, depois de vê-las e de ler a poesia que elas outrora tinham coberto de colorido e de aroma, comecei imediatamente a fantasiar um romance gentil com scenas de paixão e scenas de enlêvo, decorrendo em paragens irreais povoadas por

espíritos ou por espectros farandolando numa sugestiva penumbra.

Sem dúvida, a mão que naquele sítio colocara, por uma manhã ou por uma tarde merencórea, aquelas pobres violetas, seria muito branca, pertenceria a uma mulher nova e apaixonada e fulgurariam nos seus dedos pedrarias de anéis ! Oh ! fatalmente, essa mulher, já morta como as violetas por ela colhidas para as consagrar ao lirismo de Henri Heine, amaria, então, pela primeira vez, revoadas de sonhos róseos voariam à volta da sua cabeça, os seus olhos procurariam de preferência os céus estrelados . . .

Não podia deixar de ser mulher, na realidade, e mulher que do Amor esperava as supremas revelações — mesmo as da Beleza !

Mas, porque pensava eu desta maneira ? Porque não havia de ter sido um homem, até rebelde aos sentimentalismos, que florisse com violetas olorosas o livro de Heine ? A ternura faz tôda a gente piegas : — e há Romeus tão ingénuos como Julietas ! . . . E todavia, embora formulasse esta hipótese, recusava-me a aceitá-la, sem me ser possível explicar a minha recusa. Um pressentimento interior dizia-me que era feminina a mão que ali deixára as violetas — como uma recordação, um comentário, um ponto de vista crítico, uma saüdade ou um sinal de reconhecimento. E, depois de volvidos longos anos, inesperadamente, as cinzas frias dessas violetas aparecem-me de repente, comunicam às páginas que as esmagaram um encantamento inexprimível e obrigam-me a cogitar horas seguidas, na criatura ignorada e talvez já fóra das scenografias

da vida terrestre que as teria apanhado para as oferecer à alma invisível de Henri Heine, espalhada nos seus versos, ou à recordação de alguém que lhe fazia palpitar o coração mais sobressaltadamente. Oh ! conseguisse eu penetrar aquele segrêdo inviolável ! . . .

Quem a conheceria perfeitamente era o vélho livro. Êsse, teria sentido nas suas fôlhas o calor das mãos que o enfeitaram de violetas, como se êle fôsse um altar, teria ouvido, talvez, um suspiro de mágoa ou o múrmurio de um beijo que significasse, mais do que uma promessa, um juramento. Porque não havia êle de dizer-me tudo ? Em vão lho pedi. Conservou a sua mudez inalterável. Mas, a êsse encontro fortuïto, devo eu doces e inolvidáveis instantes.

Ah ! os livros vélhos são fontes de ternura e fontes de evocação. Com que suavidade nos falam e quantas surprêsas nos fazem !

O culto por Brillat-Savarin

Uma época estranha e inquieta como a nossa, que pensa mais em comer do que em cultivar a pura flor da inteligência e da sensibilidade, não podia deixar de celebrar com esplendor o primeiro centenário da morte de Brillat-Savarin que foi um dos mais notáveis tratadistas e filósofos da *ripaille* e, nas asperezas dêste mundo transitório em que vivemos, encontrou as doçuras do céu — à mesa do jantar. O singular magistrado que a brilhante imprensa francesa, com o *Figaro* à frente, recordou amorosamente — fazendo um pouco a história da sua personalidade mental e do seu admirável apetite e reconstituíndo-lhe com exactidão a biografia — embora tivesse sido, nos dias em que viveu e exerceu uma intensa influência não nos límpidos domínios do saber mas da cozinha, um dos mais belos represen-

tantes do povo gaulês, pela vivacidade, pela originalidade, pela fantasia, pela gentileza, foi também um precursor da éra actual que, depois da conflagração europeia, dentre tôdas as aspirações humanas, apenas se interessa profundamente por uma: — a do prato bem cheio. É, na realidade, de Brillat-Savarin esta máxima a que não faltam verdade e perspicácia: — « A invenção dum novo cozinhado tem incomparàvelmemte mais importância, para a felicidade do homem, do que a descoberta duma estrêla ». Lidas superficialmente, estas curiosas palavras hão-de parecer paradoxais e procuradas mais com o intuito de obter efeitos de riso, pela violência dos contrastes, do que com outro sentido qualquer. Todavia, que realidade evidente elas exprimem! Efectivamente, um guizado que, pela primeira vez, comece a ser servido aos mortais, em travessas de prata, de ouro, de fina porcelana de Limoges ou até de faiança grosseira, causará um vivo, indizível prazer pelo menos aos que, acima de tôdas as alegrias da existência transitória, colocam as da comezaina. Se o globo consciente fôsse povoado por santos eremitas, nutrindo-se de duro pão negro ou de ervas fervidas em água e levando os longos dias e as silenciosas noites em oração, prosternados diante duma cruz e duma caveira ou lendo os ensinamentos dos livros sagrados que lembravam a São-Bernardo, com tanta saüdade, a pacificação e a suavidade paradisíaca das regiões siderais, então as mais raras vitualhas, os mais delicados manjares seriam indiferentes aos seres que na salvação da alma teriam a sua mais alta ambição e que exaltadamente castigavam, com fomes implacáveis ou

cruéis disciplinas, as rebeldias sensuais da carne. Ah! mas da face da terra desapareceram os anacoretas, os que se penitenciavam, os que, pela dôr, pelos sofrimentos corpóreos, ascendiam aos páramos iluminados da libertação. A Santo Antão, repelindo imperturbàvelmente as olorosas frutas, as deliciosas gulodices, as louras aves tostadas, os peixes bizarros exalando-se em vaporizações acirrantes, entre fôlhas aromáticas e môlhos tentadores com que Satanás o queria perder, despertando-lhe no coração o sentimento pecaminoso da gula, sucedeu Falstaff; a São-Francisco de Assis, que matava as suas sêdes bebendo de bôrco nos regatos cristalinos e cantantes e se alimentava com raízes quando errava pelas solidões da Umbria, ouvindo cantar nas árvores verdes os Irmãos Passarinhos ou erguendo hinos imortais ao Irmão Sol, sucedeu Pantagruel! As doutrinas evangelizadas pelos seres geniais ou por aqueles que, pelo esplendor da sua virtude, conheceram a verdade, alando-se com ela aos mais altos cimos, não valem para a humanidade da hora presente — que assistiu, nas trincheiras, aos dramas da guerra e viu, por entre lágrimas angustiosas e padecimentos fulgurantes, a Europa envolvida, dum extremo ao outro, no mar de labaredas em que se ia consumindo — êste pensamento de Brillat-Savarin: — « O prazer da mesa é de tôdas as idades, de tôdas as condições, de todos os dias, de todos os países. Pode associar-se aos restantes prazeres e permanece-nos fiel até ao último, para nos consolar da perda de todos os outros! » . . .

Não hesitarei em afirmar que a maioria das criaturas conscientes da actualidade há-de prefe-

rir a Santo Agostinho e a São-Tomé, as duas tôrres de sapiência coroadas de astros pela Igreja tôda poderosa, mestre Vatel, e que anteporá ao *Ramayana*, à *Bíblia*, à *Odisseia*, à *Divina Comédia*, a Shakespeare, a Descartes, a Buffon, a Aristóteles, à obra das Academias — o *Manual do Perfeito Cozinheiro !* . . .

Anthèlme Brillat-Savarin é, na realidade, o *representativeman* dêste fim da nossa civilização a que Gabriel d'Annunzio já rezou a oração dos mortos — e seria extraordinário que a Europa, sobretudo, lhe não festejasse a memória aureolada de grandeza. Perfeitamente sei que êle, como Berchaux e como outras figuras da mesma elevação gastronómica, não foi apenas um vulgar comilão. Ah! de modo algum ! Brillat-Savarin pertenceu às *élites*, mesmo sentado à mesa dos banquetes em que a princípio se observam êsses solenes silêncios de que falava o arguto Balzac. Jàmais baixou da sua nuvem dourada ou desceu da sua superioridade. Assim como há *fogots et fogots*, também há gastrónomos e gastrónomos. O autor excelso da *Fisiologia do Gôsto* era até quando comia com requinte, com a veneração e a ternura de quem celebrasse um culto, uma individualidade de relêvo. Por mim, considero-o uma das pessoas mais interessantes e de maior espiritualidade dessa França da Revolução, dos Direitos do Homem e do Cidadão, e do Terror, mantendo-se constantemente dentro duma linha de moderação e de elegância moral de que nunca abdicou, mesmo nos trágicos instantes em que os seus compatriotas,

proclamando entusiàsticamente a liberdade, atiravam noite e dia vidas promissoras e em plena florescencia à voracidade da guilhotina.

Pachorrento, grave, conciliador, encolhido dentro do seu egoísmo como um caracol dentro da casca, tendo combatido, na Assembleia Constituinte que a França elegeu depois de eliminar a República de 93 e o primeiro Império, a abolição da pena de morte — para comer à sua vontade sob a protecção das leis na humorística afirmação dum ironista, Brillat-Savarin possuía, em todo o caso, um excepcional talento criador. Adorava, de-certo, a arte de cozinhar : mas, nos momentos de inspiração maravilhosa em que em tôdas as consciências se ergue uma aurora de luz, pensar era igualmente para êle um exercício mais do que nenhum outro — depois do da deglutição — digno do homem !

O escritor insigne que entrou na imortalidade só com um volume que, há mais de cem anos, é meditado por todos os que desejam ilustrar o seu espírito, como filósofo prático, admirava com maior sinceridade Epicuro do que Zenon, na opinião de Richerand, seu amigo, seu discípulo, seu biógrafo e, certamente, seu admirador. No entanto, foi sempre um exigente e aristocrático *gourmet* que, embora com a faca e o garfo nas mãos, fez a filosofia do jantar como nenhum outro, e, por vezes a sua poesia, em que há páginas duma subtileza ou dum lirismo superior.

Brillat-Savarin nunca abancou diante da comida apenas para se fartar brutalmente, devorando com sofreguidão, num desvairamento de Ugolino na sua prisão a quem, por fim, ofertassem uma ga-

mela a transbordar. Pelo contrário : — para êle, comer era um dos actos mais nobres, e saber comer a única sciência que se devia possuir com profundidade. Na escolha do bocado, na maneira de levá-lo à bôca, na forma como se excitariam com êle as papilas gustativas, nos juízos críticos que os paladares mais delicadamente sensíveis formulariam sôbre êle, estava tôda uma sabedoria esplendorosa ! E foi essa sabedoria, efectivamente encantadora, que o eminente magistrado e filósofo codificou num maravilhoso volume, de-certo composto com tôda a serenidade, nos deleitosos instantes que se seguiam aos ágapes variados e opíparos e depois de pacíficas séstas em que repousasse o estômago — mais essencial para Brillat-Savarin, talvez, do que o cérebro, a-pesar dêle ser também um intelectual.

Como poderia a Europa de hoje — a Europa que saíu dos braseiros da campanha guerreira e que, na afirmativa de sociólogos ilustres, seguidamente à tragédia em que o sangue correu em torrentes vermelhas, começou a comer como comeria Gargântua — olvidar a entidade verdadeiramente representativa de Brillat-Savarin, não a relembrando ao fim da primeira centúria da sua morte ? Paris, especialmente, tem obrigação de festejar a recordação dum homem que lhe deu um dos livros de maior originalidade de tôdas as literaturas e que é feito de tudo : — humorismo, espírito, filosofia, aforismos, anecdotas duma veia cómica nada trivial, fisiologia e química culinária : — isto é, cozinha, e que foi, incontestàvelmente, o educador

prodigioso dos últimos parisienses que souberam cear — e entre os quais tão luminosamente se destaca o vulto simpático, não de Barbey d'Aurévilly, com sua sobrecasaca de gola de veludo, impecàvelmente *dandy* até na miséria, mas o imprevisto e impulsivo Rogério de Beauvoir, tão arguto conhecedor da *galantine* ou do perú trufado como dos segredos da língua francesa, e não ignorando os sarcasmos ígneos que estalavam mais sonoramente do que as rôlhas das garrafas de *champagne!* . . .

Brillat-Savarin que, como cozinheiro, seria talvez maior do que Pascal ou Francisco Rabelais como pensadores, aliou a êste dom perfeito para uma Europa epicurista que acaba de pousar as armas com que se bateu èpicamente nos campos de batalha, para se divertir e para fartar o seu desejo sensual e a sua fome que em vez de espiritualizar, materializa, o de moralista profundo. Foi êle quem disse isto : — « Os animais nutrem-se : o homem come. Únicamente os homens inteligentes sabem comer ! » Foi ainda Brillat-Savarin quem realizou esta síntese esplêndida : — « O direito das nações depende do modo como teem de se alimentar ». Se isto é ou não exacto, que o diga a Rússia de Lenine e de Trotsky ! Que o digam tôdas as outras nacionalidades, a principiar pela França de 93, da França que decepou a cabeça dos seus reis, que desencadeou revoluções terríveis apenas para que os povos possuam uma fatia de pão mais abundante.

Ah ! o grande Brillat-Savarin merece, indiscutìvelmente, mais do que nenhum génio humano, as

flores votivas que a Imprensa da Lutécia dedicou à sua memória venerável. Que é a vida para o Ocidente da época que passa ? Comer — como já o era para o poeta :

Jantar ou não jantar, eis a eterna questão.

Ora, Brillat-Savarin foi, dentro dêstes pontos de vista, um personagem que em nenhum outro encontrará similes de comparação. Viveu exclusivamente para nobilitar uma das ocupações que Vitellius considerava essenciais : — foi o artista máximo da comezaina. Jordaens, o pintor flamengo estupendo, se o tivesse conhecido, eternizá-lo-ia num dos seus retratos formidáveis !

Efectivamente, Brillat-Savarin foi deputado, combateu no Parlamento a instituïção do júri, exerceu a magistratura e opôs-se às vinganças sanguinárias dos terroristas franceses da Revolução em Belley — tendo por isso de fugir para o estrangeiro, para salvar a cabeça. Mas, a sua missão principal, como homem, foi, sem dúvida, a de comilão. E tanto assim que, para êle, a Suíça era sòmente um restaurante e que, mais tarde, reentrando em França, com a queda do Terror, exclamava, ao evocar Lausanne, onde viveu com os emigrados : — « Que bons jantares fizemos no Leão de Ouro » ! Homem glorioso ! Scéptico, aceitava tôdas as situações, pedindo apenas que lhe não perturbassem a digestão. Mundano, convivia com as fidalguias, nos salões aristocráticos. Escritor, legou à humanidade, como um Evangelho, a *Fisiologia do Gôsto*, além doutros escritos notáveis.

Foi Brillat-Savarin quem afirmou: — « Dize-me o que comes e dir-te hei quem és ! » Ao mundo da actualidade, que o festejou, chamaria êle — um ventre e não uma alma. E é por ser um ventre, que êsse mundo transforma Brillat-Savarin num semi-deus, e o eterniza nas alegorias do mármore e do bronze ! . . .

Os «Diários» dos grandes homens e a história

No ano já distante de 1851, quando ainda na França as liras vibravam apaixonadamente, em belas e sonoras estrofes, entoando os seus hinos à República romântica saüdada com exaltação e entusiasmo pelas bandeiras vermelhas das massas trabalhadoras e pelo verbo lírico e musical de Lamartine e que havia de conduzir a França às pompas scenográficas do segundo Império e à catástrofe sangrenta de Sédan — depois do exílio de Vítor Hugo, o solitário aedo de Guernesey — Edmundo e Júlio de Goncourt, dois escritores em pleno triunfo, decidiram anotar quotidianamente todos os factos políticos, artísticos, mundanos de que tivessem conhecimento e em que interviessem como testemunhas ou como actores. Durante muito tempo, os dois brilhantes romancistas — que introduziram

nas letras da sua grande nacionalidade processos novos de observação e de análise e que levaram tão longe o seu escrúpulo que, enquanto Paris esteve cercada pelos prussianos, iam tôdas as manhãs para os pontos onde se combatia furiosamente, munidos dos seus cadernos de apontamentos, para fixarem em palavras precisas como expressão e colorido, as bizarras atitudes dos mortos caídos no fragor dos combates e crispando ainda as mãos lívidas nos canos das espingardas — entregaram-se com interêsse e febre a essa tarefa singular que havia de constituir uma original história anecdótica e viva da sociedade parisiense do tempo em que os dois excepcionais artistas da prosa viveram. Nada daquilo que lhes parecesse digno de destaque, pela raridade, pelo escândalo, pela significação, pelo imprevisto, pelo lado episódico, pela importância crítica ou estética, era rejeitado. Acabado o seu dia de trabalho em que, sentados próximo um do outro, iam modelando e polindo páginas dum relêvo excepcional, pela subtileza e penetração psicológica, pela côr, pela fluïdez, pela sobriedade, davam minucioso balanço aos factos ocorridos durante as últimas dôze horas e que lhes não haviam passado despercebidos : — e imediatamente, com um prazer em que scintilava um fulgor de ironia ou ardia uma pontinha de perversidade, apontavam, em linhas apressadas e incisivas, as intrigas entre camaradas, as deslealdades de certos indivíduos para com as pessoas de quem se diziam amigos, as infidelidades dos maridos, os adultérios das espôsas, os segredos das alcovas amorosas e os dos gabinetes políticos, as *bavardages* inconvenientes, surpreendi-

das às esquinas, nas *terrasses* dos cafés, nas cervejarias, nos camarins das actrizes. Não esqueciam o menor incidente, sobretudo quando nele houvesse sarcasmo, hipocrisia, maldade. O *Journal* dos Goncourt era, não um comentário aos sucessos ocorridos periòdicamente, mas um relato cuidadoso dêsses mesmos sucessos, com tôdas as suas sombras e todos os seus delicados ou intensos toques de luz.

Os dois escritores eminentes não formulavam nem desenvolviam opiniões próprias, pontos de vista sociais : — reproduziam conversas ou os aspectos exteriores que mais comoção lhes causavam. Não falavam : — deixavam falar os outros, limitando-se a ouvir, para narrarem com exactidão e clareza. E tôdas as noites a obra estranha se continuava, com um calor que, longe de diminuir, aumentava constantemente. Quanto mais ela avultava, mais os seus autores a amavam. Era uma espécie de *Memórias* e, conjuntamente, de conversa descuidada, em que se discutiam todos os assuntos do teatro, da poesia, do amor, do jôgo, dos *boudoirs* galantes, do Estado, da vida privada e da vida pública, de casa e da rua, da igreja e das praças, e em que constantemente desfilavam, com os seus tics nervosos, os seus traços característicos, a sua alegria, a sua *verve*, os seus desespêros, as suas generosidades, as suas ambições, os seus delírios, os seus cinismos, a sua nobreza, as figuras mais em evidência da sociedade parisiense do século XIX — figuras dos salões, dos ministérios, do parlamento, da Academia, dos círculos literários, dos grandes *boulevards*, da rua da Paz e do bairro de Saint-Ger-

main ! E quando certo dia Júlio Goncourt mergulhou nas densas e misteriosas trevas da sepultura, interrompendo para sempre uma encantadora camaradagem de que ficaram alguns livros superiores, Edmundo, o sobrevivente, continuou, sem interrupção, as laudas dêsse *Journal* que, sendo uma bisbilhotice, era também uma rica e vasta colecção de documentos preciosos — para o estudo do homem que será sempre o mesmo ser dúbio, obscuro, complicado e que jàmais os argutos psicólogos chegarão a compreender perfeitamente, por muito que o observem, na intenção de o definir ! . . .

Já quando essas notas tomadas *au jour le jour* dariam, depois de impressas, uns vinte volumes aproximadamente, Edmundo de Goncourt resolveu começar a publicá-las, fazendo uma primeira selecção de dôze tomos — reduzidos, em seguida, a nove, com a eliminação das anotações já publicadas nos livros dos dois escritores e das passagens inoportunas pela celeuma que levantariam, ou contestáveis sob o ponto de vista da verdade. Quási tôdas as individualidades mencionadas pelo *Journal* estavam ainda vivas : — e, como nem sempre eram poupadas pela agulha de ouro do sarcasmo dos dois cronistas ou pela sua inconfidência de *reporters* que levaram uma larga parte da sua existência, de lápis e papel na mão, a escutar às portas mal fechadas, a espreitar pelos buracos das fechaduras, a seguir palestras nos passeios, nas salas e nas tabacarias, para contar o que ouviram com todos os pormenores, é bem fácil de imaginar o

escarcéu tempestuoso que as revelações dos Goncourt produziriam.

Foi por isso, de-certo, que Edmundo, entregando o original dos primeiros nove tomos do sensacional diário ao seu editor habitual, guardou cautelosamente o resto, esperando um ensejo mais propício.

A morte riscou-o da comédia do mundo em 1896, com a sua fouce temível, mas o insigne romancista, que foi, com seu irmão, um dos combatentes do naturalismo e que, com Zola, Alphonse Daudet, o russo Turgueneff e outros, assistiu aos jantares mensais organizados pelos homens ilustres da Paris da sua época — jantares que se comiam em mangas de camisa, num delicioso à-vontade, e em que apenas eram obrigatórios o bom humor, a fulguração satírica, os irisados fogos do riso e em que, ao *champagne*, ressoavam gargalhadas épicas que assustavam o timorato burguês que passava e excitavam o contentamento íntimo dos *Gavroches* — tinha previsto com antecipação êste incidente fatal e, portanto, encarregara, em testamento, a Academia Goncourt, que êle fundara e a que dera o nome, de depositar o manuscrito inédito na Biblioteca Nacional para que, vinte anos volvidos sôbre o seu falecimento, fôsse comunicado ao público e lançado aos indiscretos alaridos da publicidade.

A Academia Goncourt, efectivamente, cumpriu a vontade do Mestre : — mas o *Journal* ainda desconhecido não apareceu nas montras das livrarias em 1916. Porque ? Porque nessa funesta época a França ardia dum extremo ao outro devorada pelo incêndio da conflagração europeia. Não havia um

doce momento de tréguas para repousadas leituras. Combatia-se alucinadamente. A cada canto da França feria-se rudemente uma batalha. As mãos válidas, em vez de pegarem em livros, pegavam em espingardas.

Novamente os germânicos, descendentes daqueles que os Goncourt tinham combatido em 1870, quando, seguidamente à batalha de Sédan, os vencedores, enfeitando as armas com viridentes ramos de louro, avançaram com rapidez sôbre Paris, pondo-lhe cêrco, surgiam na bela pátria francesa, talando o seu território, mutilando-o, reduzindo algumas das suas cidades a fumegantes montões de escombros e de argamassas desconjuntadas, e novamente, como em 1870, a França válida partira para a guerra . . .

O desejo do testador não podia ser atendido, quando a nação andava, nos infernos dramáticos dos combates, no horror trágico das matanças, a gravar, em sangue, os mais heróicos capítulos da sua História moderna : — e foi por tal motivo que o govêrno francês, pelo ministério da instrução pública, adiou para 1925 a publicação dos últimos volumes do *Journal* dos Goncourt.

Essa publicação, contudo, não se fez — nem, naturalmente, se fará. É por isso que, nos *cercles* literários de Paris, se travou rude batalha, querendo uns que o *Journal* fôsse impresso tal como os seus autores o legaram e insistindo outros para que essa impressão se não realizasse, evitando-se assim o forte barulho, o tumulto violento que a vulgarização dessas notas desencadearia porque elas mostrariam a uma outra luz personagens que, pelo ta-

lento, pelo carácter, pela magnanimidade, tiveram a sua hora de celebridade excelsa e de pura admiração.

A quem caberá a razão nesta ruidosa controvérsia ? Por mim, não hesitarei em confessar que o *Journal* dos Goncourt é o mais movimentado espectáculo que a História ligeira da Paris do século XIX nos oferecerá. De-certo que se não poderá reconstituir claramente por êle, linha a linha e tom a tom, a França déssa época que é apenas de ontem e que já lá vai tão longe, como pela *Comédia Humana*, de Balzac. Os Goncourt, compondo o seu diário sem nada ocultarem, não pensaram em fazer, rigorosamente, História como Mommsen, Macauley, Ranke, Thiers, Guizot, mas uma longa narrativa jornalística da vida parisiense de determinadas classes. No entanto, que páginas poderosas, intensas, impressionantes, magníficas, êles nos deram nos volumes editados por Fasquelle ! . . .

Nesses volumes, com efeito, desfilam incessantemente os homens com os seus vícios e as suas virtudes e que se mascaram, para se não revelarem pelo seu aspecto verdadeiro aos olhos mais argutos. Edmundo e Júlio de Goncourt, talvez para que o seu *Journal* mais se valorizasse, não tiveram contemplações com ninguém : — amigos, adversários ou indiferentes. Tôdas as fraquezas, tôdas as quédas, tôdas as inferioridades, tôdas as protérvias que chegavam aos seus ouvidos foram logo fixadas gràficamente, numa forma que, pela sua ligeireza, pela sua concisão, pelo que nela há de descuidado, d

incompleto, interessa profundamente, não fatigando, transmitindo-nos sensações vivas, empolgando a nossa atenção. As personalidades que perpassam diante de nós não são fundidas em bronze ou talhadas em mármore e animadas por um sôpro vital omnipotente. Há nestes vultos qualquer coisa de sombra que lhes imprime extraordinária leveza. A-pesar-disso, encantam-nos, justamente pelo que neles existe de fugidio, de vago.

Tais personalidades, de resto, não surgem nos primeiros planos do *Journal* para fazerem solenes depoimentos sôbre a existência e os actos por elas praticados, mas para rirem ou provocarem o riso, por instantes ; para nos mostrarem com nitidez determinadas particularidades inferiores dos seres conscientes ; para mais uma vez denunciarem as duplicidades de sentir e de pensar dos homens e para, em seguida, se apagarem sem ruído, esgueirando-se como entidades invisíveis por entre as linhas impressas.

A História escrita desta maneira e quási copiada *d'après-nature*, incomparàvelmente mais flagrante, mais real, mais exacta do que a outra, a que é construida laboriosamente sôbre documentos arquivados nos tombos silenciosos e de que nada garante a autenticidade, quando não é improvisada sôbre algumas afirmações nem sempre rectificadas com rigor.

Os que se opõem à publicação do *Journal* dos Goncourt, entretanto, justificam a sua hostilidade com motivos atendíveis. Na realidade, dizem êles que nenhuma vantagem scientífica, literária, artística, moral ou filosófica derivaria da divulgação

dêsse diário ignorado das multidões e que se mantém, por enquanto, manuscrito. Parece que o *Journal* inédito, realmente, nada mais é do que uma série de revelações perversas ou mesquinhas sôbre os escritores, poetas e dramaturgos parisienses do século XIX — que se apertavam efusivamente as mãos e que, pelas costas, se anavalhavam e, muitas vezes até, sôbre histórias sem a menor veracidade, forjadas com o intuito único de produzir a gargalhada, de acontecimentos registados inconsideradamente e sem uma patente intenção crítica por Edmundo de Goncourt que a velhice tornara quási infantil e conjuntamente vaidoso e mau. E tudo isto, à roda duma Vénus senil, grotesca, hilariante, com dentes postiços e claudicando melancòlicamente das pernas.

Se assim é, se os volumes ainda não publicados do *Journal* nada mais podem ofertar às curiosidades mentais do que a scena ridícula dum homem que foi ilustre, babando-se de ternura como um D. João de Maraña paralítico, e se as suas notas, em vez de verdadeiras, não passam de puras invenções, então o melhor será deixar dormir o manuscrito o sono de que se não desperta, no fundo duma gaveta.

Oh ! certamente que teria, para muitos, um encanto irresistível, precisamente pela sua inferioridade : — mas, nem por isso acrescentaria nada ao prestígio de dois homens que foram um exemplo de amor fraterno, que cultivaram com requintes inexcedíveis a flor da arte e que exerceram uma nobre e fecunda actividade nos puros domínios da inteligência. Tudo quanto contribuir para amesqui-

nhar entidades representativas exercerá sôbre os espíritos sensíveis uma influência depressiva. É preferível, para os destinos humanos, que essas entidades vivam engrandecidas, mesmo a uma falsa luz, no culto das gerações sucessivas, porque por esta forma serão dignificadas as personalidades que mais nobilitam os países em que nasceram, embora na sua elevação também houvesse baixezas.

As guerras modernas e a decadência da arte

O pacto de Locarno que um dia foi ratificado na cidade de Londres, ainda tôda pezarosa pela morte recente da raínha Alexandra — a soberana admirável que até aos oitenta anos arrastou majestosamente um grande manto imperial — iniciou, na afirmação dos seus turiferários, uma doce idade de paz e amor na terra que a conflagração europeia inundou de torrentes de sangue. Quem ouvir as aclamações delirantes e sonoras com que é saüdado, terá a impressão de que nunca mais, no vasto mundo, os homens armados e violentos se arrojarão uns contra os outros para se destruirem, e que uma suave concórdia reinará para sempre sôbre os povos, que substituïrão pelas negociações de gabinete os seus exércitos permanentes, transformando em úteis apetrechos de trabalho o ferro dos canhões e o aço fino das espadas.

Se os que fazem estas tranqüilizadoras meditações se não iludirem, a guerra — que de quando em quando provocava matanças horríveis nos campos de combate, ceifando com lúgubre gadanha as existências em flor — acabou definitivamente e em breve nada mais representará do que uma vaga recordação, como a queda de Cartago, o cêrco de Tróia e a morte de Júlio César.

Ninguém a lamentará, de-certo. Há muito que, furiosamente odiada pelos altruistas, deixára de interessar os cantores de Epopeias, os historiadores e os próprios artístas que nos seus sombrios dramas não encontraram as profundas emoções outrora oferecidas por ela.

Na verdade, desde a Revolução Francesa e desde o Primeiro Império que essa guerra devastadora começou a perder o que lhe imprimia, por entre o seu fúnebre horror, uma certa beleza. Com Napoleão I, realmente, ainda ela inspirou uma arte pictural nova, cheia de febre, de colorido e da animação das colossais massas de tropas que o imperador arremessava contra os adversários, nas batalhas fulgurantes, sob o chuveiro da metralha e das balas.

Enquanto a «Grande Armée» fez a sua vitoriosa jornada na Europa, coberta pela flutuação das bandeiras, os combates em que os guerreiros caíam aos milhares, ofereciam têmas inesgotáveis aos pintores que haviam de surpreender detalhes novos nessas bruscas multidões, aglomerando-se em planícies extensas, em fundos vales, em longas colinas, nas florestas de baionetas, nas muralhas das carretas de artelharia, nas cavalgadas formidáveis lançando-se para a frente em perseguição do inimigo em

debandada, no *élan* das heroicidades épicas e dos patriotismos exaltados e ao som estridente dos clarins !

Um quadro de Gros, por exemplo, parecerá iluminado por uma labareda de fogo e agitado por uma intensidade emotiva em que estremeça a alma napoleónica. Dos coloridos esplêndidos e fortes, irradia qualquer coisa do génio aniquilador das pelejas inexoráveis e brutais : — e cada combatente que avança de espada alta ou de sabre nú evocará aos espíritos sensíveis os antigos legionários, pela poderosa expressão da máscara, duma enérgica mobilidade de linhas fisionómicas, e pela vivacidade das atitudes.

O *Assalto de Constantina*, de Horácio Vernet — o pintor tão apaixonado pela realidade que, para reproduzir com exactidão, por meio das tintas, uma tormenta, se fez atar, pelos marinheiros, ao mastro dum navio açoutado pelo vendaval desencadeado — é uma impressionante página heróica, pela sensação que exerce sôbre os temperamentos mais finamente estéticos e capazes de vibrar com os espectáculos da côr. Essa onda frenética de soldadesca desvairada, avançando à carga até se enovelar num redemoínho sangrento, sugere as iradas hecatombes, as crueldades que não perdoam, a alucinação que se apodera dos vencedores, no instante bestial das carnificinas e que os embriaga como um alcool diabólico, a loucura e o terror que, na derrota, invadem os vencidos, a explosão de tôdas as ferocidades ancestrais concentradas, de tôdas as animalidades grosseiras, de tudo quanto no ser consciente há de inferior ! Dir-se-ia que um outro sentimento

nasce no coração torturado dos que se batem e que as imperfeições que dormiam no fundo das almas acordam de súbito.

Com o *Petit Caporal*, na realidade, a guerra foi ainda prodigiosamente grande, sob o ponto de vista artístico, embora não atingisse a altura a que ascendeu com Atenas e Roma. As sensualidades, as volúpias exacerbadas pelo cheiro acre das sangueiras, como em Eylau, o instinto natural da defesa, a exaltação impetuosa do ataque, deram-lhe em Wagram, em Austerlitz, na tomada de Moscou, em Waterloo, uma imponência incomparável. Os que nela andavam envolvidos já não eram homens que batalhavam, mas féras dilacerando-se por entre gritos estridentes, rugidos, blasfêmias, pragas, imprecações ! Em Eylau, o palco duma das maiores tragédias de Napoleão, no fim de três dias ainda se encontravam feridos, delirando na exaltação dos acessos febris, sob pilhas de mortos — já com gangrenas nas chagas que os projéctis ou as pontas das baionetas lhes rasgaram no corpo !

Houvesse um Homero moderno e êstes ressuscitados seriam heróis de feitos maravilhosos. Houvesse um actual Miguel Angelo, e os semi-deuses seriam imortalizados nos mármores.

No seu belo livro *Espelho da Vida*, Robert de la Sizeranne consagra um capítulo de excepcional valor à pintura que, através dos séculos, em tôdas as aspirações do ideal humano, se inspirou directamente nos recontros bélicos. Nesta sua obra, o crítico subtil não pensa de modo algum em demolir

as guerras como um atentado contra a justiça, contra a equidade, contra a piedade, contra o respeito pela vida das criaturas conscientes. O seu intuito é apenas o de analisar a elevação e a queda da arte tão pura a que Ruskin, o sacerdote da Beleza, assinalou uma brilhante missão educadora.

Ora, segundo o comprova Robert de la Sizeranne, os scenários das tremendas pugnas, em que os densos formigueiros de combatentes se destroem implacàvelmente, teem-se modificado muito, desde a Grécia até hoje, com o progresso do espírito colectivo — e modificado para pior. A luta entre os gregos era escultural. Foram os estatuários que perpetuaram, através de crepúsculos seculares, os lutadores helénicos, decorando com êles os frontões dos templos em que os Deuses sorriam aos crentes de cima das suas aras.

Nas eras remotas em que os cinzéis de Fídias e Praxiteles definiam o homem exterior, talhando a golpes firmes, nas pedras brancas, as formas impecáveis, a escultura preferia muitas vezes, para as suas representações formais, as pelejas de amazonas, de titães, de centauros, nas suas idealizações : — e quando baixava da sua nuvem à observação flagrante da realidade, reproduzia os guerreiros, aos pares, batendo-se face a face, numa admirável correcção corpórea, numa graça incomparável de movimentos ritmados. A perfeição plástica das lutas impressionava vivamente os escultores que chegaram a revelá-las nos Paros luzentes com tôda a sua harmonia e todo o seu equilíbrio de proporções e de medida. Mais tarde, com o romano dominador e invencível, a guerra foi também uma fonte de

motivos para os que tinham o poder de fazer brotar dum bloco inerte e compacto de mármore ou de granito, tôdas as formas da vida exterior — porque Roma havia sido educada em Atenas. Daí em diante, porém, a decadência principiou a acentuar-se, até chegar à tristeza e à inferioridade actual.

Com os novos meios de agressão que o conflito ocidental revelou durante quatro anos de chacina, a estética das batalhas desapareceu por completo. O combatente não se mostra orgulhosamente, recortando-se no puro disco da luz : — esconde-se nas entranhas da terra, como uma toupeira ; mergulha nas profundidades do mar, como um peixe monstruoso ; ala-se num vôo olímpico até às nuvens, como uma ave de rapina !

A artelharia dispersa, varre a distâncias consideráveis as cerradas fileiras de infantaria, que caem umas sôbre as outras como as espigas duma densa mésse por onde passa o ceifeiro — aniquilando assim a estatuária guerreira e transformando o duelo individual à maneira helénica ou romana, no duelo por vastas massas. O que era belo tornou-se apenas pitoresco, e a harmonia plástica foi substituida pela confusão indescritível, tumultuosa em que não há ordem e, portanto, beleza.

Nas batalhas actuais, efectivamente, não se notarão a elegância e a compostura das doutrora. Em vez de se esgrimir o gládio que foi admiràvelmente triunfante nas mãos dos legionários de Pompeu, de César, de Germânico, rasteja-se, fere-se de emboscada, em ciladas abomináveis. Há explosões de di-

namite que sepultam, vivos, centenas de homens — sem que os agressores e os agredidos cheguem a ver-se.

Nas gloriosas manhãs helénicas em que os combatentes de campos adversos disputavam a vitória, a nudez dos tórax em que pulsavam corações potentes, os braços estriados de rijas musculaturas, as espáduas magníficas e de pele crestada pelas soalheiras, mostravam-se a tôda a luz, na sua perfeição inexcedível. Nos tempos modernos, os artistas não terão para inspirar-se mais do que alguma sentinela morta por balas misteriosas partidas da sombra, corpos destroçados que um obuz, explodindo, abate na lama das trincheiras, povoações incendiadas, cidades arrasadas por bombardeamentos infernais — montanhas fumegantes de escombros que a presença dos seres vivos não humaniza. O alcance estupendo das granadas, saídas das guelas rubras dos canhões, fulminou definitivamente as heroicidades ! . . .

O Parsifal das antigas lendas teutónicas corria o mundo, reluzente na sua armadura, com uma estrêla fulgurando no alto da lança : — o Parsifal moderno é um estrategista estudando plàcidamente, no seu gabinete, a léguas de distância das operações militares, o mapa da nacionalidade que as suas tropas invadiram, fazendo cálculos matemáticos e dispondo da sorte de milhares de vidas, com absoluta impassibilidade.

O que outrora foi formosura é hoje pensamento ! No combate antigo, o homem era belo, no dizer de Robert de la Sizeranne ; nos combates do século dezoito e princípio do século dezanove, foi ainda

interessante; nos combates actuais, é apenas um autómato movido por um fio invizível. A arte contemporânea, assaltada mesmo nas campanhas pelas indústrias e pelas conquistas scientíficas, corrompeu-se, degenerou, caíu de cima do seu plinto, perdendo o senso da linha, do som, da côr, do ritmo e da finura da composição. Se o pacto de Locarno libertou as nações da guerra que, sendo antigamente magnifica, pelo seu lado estético, nos tempos presentes até essa superioridade perdera, merece os mais ardentes louvores, e de-certo que não tardarão a glorificá-lo as músicas melodiosas das liras enramadas de flores. Tal como se fazia nos nossos dias, para saciar egoísmos e ambições e para oferecer a Mercúrio, que atrás dela abria o seu sacco, uma ampla estrada, para nada mais servia do que para atulhar de carne trucidada as ucharias da Morte. Bani-la, por isso mesmo, era uma obrigação moral e mental do ser pensante. Teriam-lhe vibrado um decisivo golpe representantes dos países que, no drama da conflagração, desempenharam os papeis principais — sonhando com uma Democracia de génios e de santos à maneira de Saint-Simon?

Se assim foi, realizaram a obra mais meritória e de mais duradoura beleza dos dias actuais!

Os grandes Apóstolos

Em tempos ainda não muito distantes, existiu em Paris um *cabaret* que era um brilhante centro de reüniões mundanas, artísticas e literárias, pelo que nele tôdas as noites ocorria de estranho, de hilariante, de original, de inacreditável. A esplêndida cidade cosmopolita, cansada, fatigada de emoções violentas e permanentes, procura sem repouso coisas novas que a façam vibrar intensamente, pelas suas exterioridades, pelo inauditismo, pela raridade, pelos exotismos, pelos seus aspectos humorísticos, pitorescos ou dramáticos. E, com efeito, o *cabaret* de que falo não era como os outros. Havia nele êsse *algo nuevo* que tanto impressionou, outrora, um aventureiro espanhol e que tanta influência exerce nas sensibilidades delicadas. Administrava-o um homem que durante muitos anos teve

uma vida apagada, cheia de revoltas amargas e fulgurantes, convulsionada de cóleras terríveis, perdendo-se em obscuridades dolorosas e reagindo contìnuamente contra a penúria e a subalternidade envolventes. Êsse homem era Bruant, e fruiu a sua hora dourada de popularidade, quando publicou um livro de versos — as suas canções ! — que Émile Zola prefaciou, colocando-as em cinzeladas jarras de ouro, como se elas fôssem flores esplendorosas de forma, de côr e de perfume. O Bruant *cabaretier* — nos momentos tristes em que não dialogava docemente com as Musas — surgia, impertinentemente, num estrado que se elevava ao fundo do seu café e onde um piano soluçava ou gemia, rompendo logo, sem fitar a multidão que se aglomerava às mesas de mármore, com essas famosas *chansons* em que se aludia, em estrofes nervosas, veementes, poderosamente emotivas, a roubos, assaltos, desgraças de amor, mortes nos hospitais, doenças, confianças de coração traídas, esperanças malogradas. Mulheres perdidas, encarceradas pela polícia, aconselhavam os amantes a uma existência honesta, pediam-lhes fidelidade até que elas outra vez regressassem à alegria das ruas e à miséria moral, indicavam-lhes as criaturas a quem êles se tinham de dirigir, quando necessitassem de dinheiro — « pois que eram demasiadamente altivos para se resignarem a apanhar pontas de charuto » — e, por vezes, Bruant, nesses poemas, que tão forte ruído de aplauso provocavam sempre, encontrava, na sua inspiração lírica, notas dum sentimento profundo e duma pura beleza, como neste, que li antigamente e que cito de memória :

Je finis ma lettre en t'embrassant,
Adieu, mon homme !
Malgré que tu sois pas caressant,
Ah ! je t'adore comme
J'adorais le bon Dieu, comm'á Papa,
Quand j'étais petite
Et que j'allais communier
À Sainte Margueritte.

Esta inefável e virginal recordação dos dias cândidos da infância, a ternura, a castidade com que se evoca a inocência e a graça sideral da comunhão, a comparação do homem entre todos amado, primeiro com o bom Deus e depois com o pai — tudo isto, na bôca duma desditosa rapariga que se vende a quem a quere comprar e que desceu a todos os lodaçais, a tôdas as podridões, a tôdas as gangrenas do vício, é dum encanto angélico e supremo !

A Paris que se divertia e a Paris admirável da Arte consagrava uma preferência especial a êste *cabaret*, onde um grande poeta humilhado dizia, em estrofes incomparáveis, os sofrimentos e as consolações da alma e, de quando em quando, insultava os clientes. Precisamente nestes insultos é que residia tôda a originalidade daquele café, em que se cultivava delicadamente a fina flor da *blague*.

Bruant era anarquista. Insurgia-se, sacudido de iras coruscantes, contra a sociedade em que tantos crimes eram possíveis, fazia o elogio dos gestos vingadores de Vaillant e de Ravachol, entoava cânticos ardentes às bombas devastadoras, santificava a dinamite e o fulminato de mercúrio, era um paladino da igualdade humana, lançava a sua furiosa excomunhão aos ricos, chicoteando-os com

sarcasmos luminosos como as frechas apolíneas. E, sempre que no *cabaret* entravam as pessoas que desejavam ouvir o brado da desventura e o verbo rutilante do demolidor das injustiças ou espairecer os seus pesados instantes de tédio, Bruant, erguendo insolentemente a cabeça e apontando-as com o dedo acusador à turba que atulhava a sala, crivava-as de apóstrofes, de invectivas, de insídias venenosas, enxovalhava-as, vilipendiava-as ferozmente, no meio da gargalhada homérica dos espectadores. Ninguém era poupado a êste vèxame : — homens ou damas. As palavras soezes e mais sonoras do que explosivas, as obscenidades que se entrechocavam como calhaus, caíam sôbre os intrusos, numa formidável saraivada, mas sem causarem melindres ou levantarem protestos.

Uma das maiores delícias da Paris da *bombance* era ser ultrajada por Bruant, poeta e revolucionário, artista e petroleiro, que as duquesas do Bairro de São-Germano convidavam para as suas solenidades galantes e aristocráticas, e que evangelizava eloqüentemente a renovação social pela morte, pelo sangue, pelo saque, pelo incêndio, pela destruïção.

Em breve, Bruant, gozando já dos olímpicos favores da celebridade, ganhou uma fortuna enorme — modificando-se completamente. Vendeu o *cabaret* que o enriquecera, comprou um belo palácio em Paris, numa das mais lindas avenidas, e começou a viver, como um sibarita, dos seus milhões ! Tinha criados de libré, cavalos *pur-sang*, exibia um luxo faustoso, uma opulência principesca. Era verdadeiramente majestosa a equipagem que, tôdas as tardes, levava ao *Bois de Boulogne* êste grande

senhor, vestindo veludos bordados a ouro, como uma *cocotte*, e contemplando a populaça com um ar scéptico e desdenhoso de Tibério exausto ! É claro que renunciou ao anarquismo, transformando-se num burguês intransigentemente reaccionário e gritando a todos os minutos que os governos deviam ser inflexíveis na manutenção da ordem, afogando em sangueira as rebeldias.

Que fulgentes, límpidas páginas de ironia, que dardejantes sátiras, que indizíveis efeitos de riso os cronistas franceses, então, produziram, comentando a deserção do milionário Bruant das tumultuosas e febris hostes acratas ! Mas êle, sem se comover, sem còrar de pudor, ria também, satisfeito, contente, aspirando à rosa da vida todo o seu aroma, folgando com as suas amantes, atirando ao vento, por um capricho, por uma fantasia, dinheiro aos punhados !

Deu-se mais tarde um caso idêntico ao de Bruant e que acendeu um desordenado escândalo nos meios políticos avançados da Europa e nos exércitos de altruistas armados que pretendem emancipar, pelas hecatombes revolucionárias, a humanidade escravizada — e que, conjuntamente, oferece aos jornais que defendem os ameaçados interêsses da burguesia têmas esplêndidos para remoques cruéis ou estocadas a fundo. Com efeito, há anos apareceu em Berlim um judeu russo, o dr. Helphand — um dos mais enérgicos e convictos arautos do socialismo. As suas doutrinas eram absolutamente avançadas. O dr. Helphand não transigia

com o burguês explorador e odiado, e apostolizava, em imagens faíscantes, a insurreição dos escravos contra os tiranos — porque apenas essa insurreição seria capaz de regenerar um mundo envilecido no roubo, na crápula, no egoísmo, na gula, na iniquidade. Tão estridentes foram os seus brados, que o árdido guerrilheiro não tardou a ser ouvido com veneração. Os combatentes germânicos de Berlim correram a ofertar um reduto ao emancipador, que certa manhã saíra da Rússia sem dinheiro para comprar um pão e que, ao entrar na Alemanha, se confessou orgulhosamente « sócio do proletariado universal » de-certo para que esta vasta Empresa o alimentasse, o vestisse e lhe pagasse outras despesas secretas. Que reduto era êsse ? A revista radical *O Sino*, um dos órgãos da Social Democracia e que o dr. Helphand tangia constantemente, sob o pseudónimo de « Parvus ».

Parece, contudo, que o diligente sineiro, vindo dos confins da Rússia como um bendito romeiro do ideal, se fatigou ràpidamente de convocar os fiéis à prece no templo do socialismo e que nas intimidades do seu coração vicejou uma vermelha e impura rosa de desejo. De quando em quando, o dr. Helphand saía para as claras avenidas bordadas de fileiras de prédios de nobre linha arquitectónica, cruzava, no passeio, com automóveis de alto preço e de magnificente pompa, conduzindo damas de formosura perturbante, via fulgindo pelas *vitrines* ou pelos brancos colos femininos, as pérolas, os brilhantes, as esmeraldas, os rubins, as safiras, as opalas, montadas em platina e ouro e ardendo, faülhando em scintilações, olhava, com mal

contido furor, os felizes que nos restaurantes caros comiam o prato rico da *Charlotte Russe* ou da *Galantine* — e foi desvairado, alucinado pelo demónio da tentação. As fortunas pletóricas eram criminosas para Helphand, que pelejava pela libertação dos oprimidos : — mas, se êle pudesse também manchar-se nesse crime ! Batalhar pela emancipação das massas trabalhadoras, que tudo produziam e de nada dispunham, era uma acção generosa : — mas se êle conseguisse fugir dessas ruidosas massas, grosseiras, brutais, impulsivas, sem elevação mental e sem grandeza de espírito, que felicidade ! Ora, a guerra serviu-lhe o ensejo ansiosamente esperado e Helphand, judeu russo e mensageiro da fraternidade, não a deixou escapar.

« Parvus », fundibulário do *Sino* e Messias, principiou a envolver-se em negócios comerciais e fabris, mais ou menos escuros, com a Suécia, ganhando em poucos meses quantias fabulosas. E o lado interessante desta jovial farça é que, quanto mais atulhava o seu cofre, com mais insofrido desespêro repicava a sineta — que nas suas mãos parecia um carrilhão imenso, bradando aos dominados que sacudissem o jugo e que massacrassem os déspotas. O dr. Helphand, ao escrever estas sandices, havia de sorrir como Judas, seu semelhante e seu irmão, ao pensar na infindável ingenuïdade, na enorme parvoíce humana. Na realidade, ali estava êle, milionário, fulminando com os dardos e coriscos do vocabulário pecados em que se enliçára, se atolára até ao pescoço ! E os iludidos, os ofendidos, os es-

carnecidos, tinham uma fé inabalável nos seus ensinamentos, que só encobriam o dolo, a cupidez, a sordidez, a vilania, a ausência de escrúpulos!

Os operários aclamavam-no quando o encontravam nas praças públicas, olhavam-no com enternecimento, gratidão e respeito, consideravam-no como um dos seus orientadores espirituais, um dos seus homens representativos. « Parvus », já transbordante de ouro como Crésus, foi admirado sinceramente como um libertador. O destino, sempre enigmático, impelira-o para esplendores nunca sonhados.

Dando, porém, balanço aos seus cabedais, que eram avultadíssimos, depositou-os em Bancos seguros e explorações rendosas e fugiu da glória certo dia, ocultando-se para que ninguém o surpreendesse na fuga. A Suíça, doce terra de poesia, de liberdade, de paz, de quietude, atraía-o imperiosamente. Foi para a República Helvética, onde teem rezado santos e combatido heróis — e, nas margens do lago de Zurich, em Waedenswil, adquiriu uma luxuosa casa de campo, com seus parques, seus jardins, suas águas correntes, suas folhagens perfumadas, instalando-se nela como um triunfador, enquanto, em Berlim, o *Sino*, desamparado pelo sineiro, nem sequer tocava a finados! « Parvus », tendo amontoado milhões com negociatas duvidosas e por processos inteiramente opostos às idealidades socialistas — de que fôra um activo e entusiástico propagandista — quis verificar, por um método experimental, o valor e o poder do dinheiro, e ei-lo a pensar o que poderia comprar — candidez de adolescente ou consciência de estadista, de dirigente. Ao mesmo tempo, farto de viver

na miséria, mergulhou àvidamente nos prazeres da carne e nos prazeres da mesa, dispõe de todos os confortos, veste principescamente, anda rodeado por hordas de lacaios diligentes que tentam adivinhar-lhe as mais fúteis vontades, para lhe obedecerem passivamente. Em certas noites, há, nos iluminados e sumptuosos Paços dêste estupendo plutocrata (e antigo reivindicador socialista), festivais prodigiosos, verdadeiras feérias orientais, que alarmam e escandalizam os modestos e sossegados habitantes de Waedenswil. Mulheres duma elegância adorável e duma beleza radiante, arrastando nos tapêtes as longas caudas dos vestidos de sêda e de veludo e dardejantes de pedrarias, passam como raínhas em frente do novo monarca socialista, que as acolhe amorosamente; jogadores, *sportsmen*, aventureiros e *noceurs*, acotovelam-se nos salões resplandecentes de luz, flamejantes de talhas douradas, de mobiliários, de cristais; dança-se até de manhã ao som duma escolhida orquestra de *tziganes;* há ceias em que se servem vinhos que são preciosidades e iguarias que são maravilhas compostas por Váteis de génio.

Não julguem que exagéro. De modo algum. Tenho aqui, na minha frente, um grande jornal estrangeiro, que afirma, num indignado artigo, que a vivenda campestre do dr. Helphand (o rebelde e lutador irredutível, o nivelador, o acusador implacável) mais parece «um serralho de Constantinopla do que uma habitação europeia» e que as festas nocturnas que ali se celebram, com profusão de fogos de artifício, para que possam ser vistas

de muito longe, recordam os contos das *Mil e uma Noites*. E tanto assim que a população de Waedenswil reclama das autoridades que expulsem da Suíça um indivíduo que afronta, com tanto impudor, a pobreza alheia, que com tanto cinismo ostenta uma nova moral — talvez a « moral autónoma » tão louvada pelos reformadores sociais.

Ah ! meu suave Jesus, eu não quero, certamente, dizer que todos os socialistas sejam como Bruant ou como o « Parvus » — que está alvoroçando os pacíficos suíços com as suas ignominiosas riquezas ; — mas, diante dos repetidos exemplos desta ordem, afirmarei, Deus me perdôe, que, afinal, os corifeus da redenção das plebes esmagadas pelos déspotas do Capital vociferam e desencadeiam as revoluções sanguinolentas, menos por amor à humanidade do que por amor a si próprios. Não é um ideal emancipador e sublime que os inspira nas suas cruzadas ; é apenas isto : — ambição furiosa à posse das riquezas e dos privilégios por êles condenados. Oh ! os apóstolos modernos ! Safa ! . . .

O casamento como profissão

A almas delicadas e sem um nítido senso prático da vida tinham feito do casamento o canto maravilhoso dum poema lírico de rara intensidade. Nele, especialmente nos primeiros meses de núpcias, tudo eram êxtasis, borboletas brancas, encantos, exaltações sentimentais. Os olhos dos noivos só baixavam do deslumbramento das estrêlas para se contemplarem demoradamente. À volta dêles, a Beleza desenrolava os seus panoramas sob o sumptuoso docel da luz dourada. Bôcas misteriosas que sabiam sorrir divinamente faziam aos casados maravilhosas revelações, indicando-lhes o doce caminho da felicidade. Passavam nas aragens ligeiras músicas flutuantes. As próprias flores de corolas virginais lhes falavam, com ternura, uma linguagem em verso que êles compreendiam per-

feitamente, como Siegfried, o herói da mitologia germânica, que forjou a espada com que Parsifal havia de redimir os seus irmãos em culpa, entendia, na floresta, o que as aves diziam nos seus gorjeios.

As fontes em que a água dia e noite entôa a saga deliciosa da abundância e da frescura, ofereciam-lhes o cristalino espelho em que se miravam e contavam-lhes, na sua voz sonora e harmoniosa o que, nas noites de luar, as nereidas, as ninfas, os silvanos diziam nos seus idílios e os beijos que trocavam.

À porta das câmaras nupciais, a Poesia punha, com Vítor Hugo — que fez ouvir em todo o mundo, das alturas esplêndidas de Guernesey, o seu tão comunicativo lirismo — anjos de nevadas asas com um dedo nos lábios sorridentes, a impor silêncio e segrêdo aos indiscretos.

Durante séculos, desde que o homem, ser subtil, se civilizou, o consórcio foi sempre um acto mais para ser comentado pelas Musas, em belas estrofes e em puras rimas, do que para ser louvado mesmo em imagens originais e dum nobre relêvo literário, pela Prosa. A mulher que, primitivamente, era a fêmea rude, humilhada, sórdida, grunhindo ou gritando e coçando a grenha numa fúria, eterizou-se, tornou-se angélica, sublime, ideal! A sua fronte que é uma flor elevou-se até aos astros, iluminou-se de claridades celestes, coroou-se de constelações. Tudo quanto nela havia de grosseiro, de terrestre, de transitório, se purificou para que ficasse sem mácula a resplandecer, serenamente, na imensidade sideral.

Os poetas consagravam-lhe líricas incomparáveis ao formoso seio branco, com o entusiasmo e o fervor de quem celebrasse um culto, e os sonhadores fitavam-na continuamente, com a sua vista interior, na doce ilusão dos sentidos. Não podia, portanto, ser da terra um acto solene em que entrasse essa mulher, divinizada pela adoração permanente dos sêres sensíveis — devotos que jàmais levantavam do seu macio e tépido regaço a cabeça tonta de amor.

No entanto, um dia a verdade sempre chega, mesmo através de tôdas as brumas, de tôdas as obscuridades, de todos os fatais enganos! A filosofia exacta e a crítica do casamento foram recentemente feitas na Inglaterra, pelo conselheiro municipal duma localidade próxima de Londres — a cidade formidável e vasta como todo um reino em que Shakespeare criou a galeria assombrosa das suas figuras femininas. Para aquela personalidade superior que há-de vincular o seu nome ilustre nos Anais da vida administrativa, a dona do nosso tempo de lutas e de renovações, mesmo quando se encontra nos esplendores da adolescência e quan doama pela primeira vez, não é naturalmente a pomba da Arca, a sílfide, a estrêla, a leve nuvem matutina, podendo alar-se às fulgurações celícolas, mas uma criatura plàsticamente igual a tôdas as outras, modeladas na vulgar argila de que fala o *Génesis*, pelas omnipotentes mãos do Criador — e no casamento nada haverá, também, de transcendente.

O cidadão britânico é dotado dum raro bom senso e êste de que falo — e que acaba de formular sôbre a ligação dos sexos considerações de que estão sendo tirados magníficos efeitos humorísticos, mas que são duma evidente originalidade e duma feição prática flagrante — mais uma vez denunciou claramente uma das qualidades fundamentais da sua raça triunfadora.

Para êle, com efeito, o casamento tão exaltado pelos bardos clássicos e românticos é apenas — uma profissão e nada mais. Tanto as mulheres como os homens exercem essa profissão com maior ou menor habilidade, como uma outra qualquer: — a de actriz, a de ministro, a de cançonetista, a de moralista, a de empregado bancário, a de médico, a de sapateiro, a de advogado, a de trolha, a de carpinteiro, a de costureira, a de modista, a de alfaiate. Os celibatários são personagens sem aptidão para o mister de cônjuge — um modo de vida, segundo o ponto de vista do edil de Willesden e não uma página perfumada do *Livro dos Cantares*, um trecho da *Canção da Primavera*, do *Cântico dos Cânticos*, uma encantadora oitava da *Ilha dos Amores*, em que a lira de Camões tão suavemente vibrou, o doce episódio de Paulo e Francesca de Rimini, na *Divina Comédia*, em que se narra, em rimas de ouro, a história dos dois apaixonados que, lendo uma vez o mesmo livro, interromperam a leitura para trocarem um beijo trémulo e funesto e que não puderam ler mais nesse dia.

Portanto, como todo o ofício, desde o mais hu-

milde ao mais elevado, o consórcio exige uma aprendizagem. Não se nasce ensinado ! O próprio génio, como o seu poder divinatório, tem de dedicar-se longamente ao estudo, antes das revelações artísticas ou scientíficas em que há-de imortalizar-se. Os maiores homens do globo freqüentaram as Escolas. Os romanos, que dominaram o orbe com seus gládios e suas legiões e que escreveram a História com Tácito e Suetónio, cinzelaram a Poesia com Lucrécio, Ovídio, Horácio, Vergílio e falaram eloqüentemente pela bôca de Cícero, iam educar-se a Atenas que, por sua vez, se educara com outros povos . . .

É por êste motivo que o conselheiro municipal de Willesden — a quem a Gran-Bretanha talvez venha a festejar, erguendo-lhe uma estátua de bronze — reclama desde já a fundação dum curso preparatório para os esponsais. Os indivíduos que pretenderem casar-se, estabelecer um lar, criar uma família — que é a unidade da pátria — terão de se diplomar antes de mais nada. Só a posse dêste diploma, na verdade, documentará rigorosamente a sua competência para o exercício dum dos cargos mais sérios e de maior responsabilidade : — o cargo de marido ou de espôsa. Não é imprescindível, igualmente, a carta de bacharel para as personalidades que querem seguir a carreira da magistratura ? . . .

E não me digam que não há muito que aprender para ser-se um cônjuge modelar. « Entre a terra e o céu há muito mais coisas do que aquelas que ensina a nossa filosofia » — dizia Hamlet a Horácio. É precisamente o que acontece no casamento.

Quem deseje desempenhar com brilho e com elevação êsse mister, terá de dar algum tempo à prática, de formar o seu espírito e desenvolver a sua inteligência de profissional do casamento com as lições dos mestres eminentes !

Bom Deus ! de que matérias constará êste curso muito pitoresco e, certamente, dum alto interêsse social ? De-certo que as superfluïdades poéticas, as delicadezas sentimentais serão implacàvelmente banidas dos programas da Universidade para Esposos — que o próprio Romeu teria de freqüentar seis meses, pelo menos, de braço dado com a romântica solitária das noites de Verona. De-certo que nessa Universidade os moços que aspirem aos repousos e à ventura da vida conjugal não recitarão às eleitas da sua alma :

«Uivaria d'amor a fera bruta
Que pela grenha te sentisse a mão,
E eu não sou fera, pomba, estrêla, escuta :
Eu tenho coração !»

Nada de arroubos, de ternuras, de sentimentalismos. Coisas úteis é que são indispensáveis, porque só elas poderão ofertar aos estudantes destas singulares Academias a sciência e o saber que êles ansiosamente procuram. É, pois, bem possível que a aprendizagem consista, como supõe um sarcasta, na procura minuciosa dos botões dos colarinhos por debaixo dos móveis, sem irritações e sem gritarias desagradáveis ; na entrada em casa a horas

convenientes ; no fabrico de doces ; em trabalhos de cozinha, inventando-se certos pratos requintados que fariam a alegria de Lúculo . . .

Por mim, vou mais longe. Oh ! eu não ignoro, de-certo, a dificuldade que há, no casamento, em que o marido procure os botões de punho que levaram sumiço sem manifestar o seu mau humor, berrando, desarticulando-se em gestos furiosos, vociferando, praguejando, atirando desvairados pontapés às cadeiras inofensivas e fechando, com estrondo, as gavetas. Há, todavia, assuntos muito mais importantes a considerar. Na realidade, nos últimos anos houve uma profunda inversão de valores, e a organização da sociedade sofreu modificações enormes. A mulher, que era a diligente *ménagère*, a guarda fiel da vivenda familiar, onde tinha o seu trono de raínha e os seus fiéis devotos, emancipou-se, transformando-se numa criatura de exterior, numa estátua de carne, animada e de formas impecáveis, numa flor de pompa e de luxo para a admiração de todos os olhos. A mãe amorável, a espôsa cheia dum inexcedível espírito de abnegação e de sacrifício, transmudou-se numa simples obra de arte.

Saíndo do seu refúgio inviolável, onde era venerada, quis, por orgulho, por essa vaidade que a mulher sempre cultivou, escalar tôdas as posições a que o homem, seu senhor e seu escravo, havia ascendido através dos séculos e não tardou a surgir altivamante na cátedra, nos parlamentos, nas tribunas, nas redacções dos jornais, nos ministérios, na diplomacia, no estrado das conferências, nas artes, nas indústrias, no comércio, por tôda a

parte, enfim. E não se contentou apenas com isto: — conquistou o voto, interferiu nos negócios públicos, bateu-se até nas fileiras dos exércitos, em fulgurantes batalhas. Depois, entrou nos restaurantes, nos cafés, nos casinos, nas casas de jôgo, nos *dancings*, assistiu às lidas de touros, nas arenas sangrentas, às corridas de cavalos, às regatas, aos torneios de tiro aos pombos. Para que as casas não ficassem desertas, tiveram os maridos de fazer-lhes guarda, pondo a roca à cinta e tomando conta dos filhos. É necessário, portanto, que o curso preparatório do casamento tenha, pelo menos, uma cadeira em que os homens se possam entregar à aprendizagem de pontear roupa, de espanar o pó, de fazer a cama, de proceder aos despejos e de cozinhar uma sopa Juliana embora modesta, para que, quando a senhora chegue de fóra, com o charuto nos dentes, de luvas à inglesa, de botas de duas solas e de bengala, encontre tudo em ordem e o jantar na mesa . . .

E será ainda bom que não esqueça outra cadeira em que se ensinem as boas maneiras, a correcção e a bondade com que os cônjuges devem tratar-se sempre, no exercício da profissão de casados. Verdade seja que, na opinião dum ironista, seria muito mais eficaz e compreensível começar a educação dos noivos — não antes do consórcio, mas seis meses depois das bodas.

Hão-de concordar, no entanto, que a proposta do edil de Willesden é uma verdadeira *trouvaille* e parece inventada por uma das alegres personagens de Rabelais! . . .

Que é a Felicidade?

Vai lindo o tempo para idealizar quiméras. Por êstes claros, luminosos dias de sol que enchem o espaço de scintilações e a paisagem de flores e de tintas loiras e em que um cântico de festa embala a terra, lembram, com infinita saüdade, certas idealizações da fantasia, em horas de inefável aspiração e de melancólica doçura. O espírito, libertando-se por momentos, de preocupações terrestres, bate as asas maravilhosas para os sonhos irrealizáveis e, por isso mesmo, duma beleza imperecível — porque tudo quanto se realiza é inferior ou grosseiro! Sente-se na prodigiosa natureza de flanco robusto e desentranhando-se constantemente em turbilhões de vida, a palpitação duma fôrça estranha e renovadora — fôrça que se sente nos troncos verdes em que as seivas ascendem, nas fo-

lhagens cheias do murmúrio da aragem, nas ramarias em que dormem os ninhos inocentes, nas sebes em que enfloram as madre-silvas perfumadas e não tardam a amadurecer as negras amoras silvestres. Em certas manhãs de ar mais vivo, o ambiente cheira a rosas de vergel. Não há recanto rústico dêste Minho em que agora estou no repouso dalguns dias de férias — que não seja matizado da verdura de relvas tenras ainda esmaltadas de botões brancos e amarelos e em que, nas balsas rurais, não sangre a floração das espinhosas. Os campos de cultura, já com os milheirais embandeirados e de fôlhas longas como lanças e com o feijoal em flor, estendem-se bucòlicamente pelos férteis vales, entre serras de dorso pardo e outeiros cobertos de belos arvoredos — sobretudo de tílias que derramam a fragrância deliciosa de sua florescência, embalsamando a atmosfera, de elegantes plátanos de fôlhas recortadas em forma de estrêla, de pálidos salgueiros que me fazem relembrar Shakespeare e Desdémona, sempre que os contemplo. E por vezes, no meio dêste scenário soberbo que dir-se-ia imaginado por um artista genial que amasse de preferência as grandes composições harmoniosas, ressalta a mancha dum azul transparente dalgum riacho que docemente foge, cantando, através de ervaçais altos ou arbustos flexíveis, reflectindo as suas idílicas margens.

A aleluia primaveril ainda conserva o seu esplendor dos primeiros dias, embora se encontre quási no fim. As serpentes de roseiras que, em maio, começaram a enroscar-se nos troncos, rebentando do chão famintas de frescura e luz e subindo até

às mais altas ramagens, esplendem por enquanto de côr e desdobram-se numa estranha variedade de formas; nas florestas, nas bouças de pinheiros bravos, nos soutos de castanheiros, os raios de luz atravessam, como longas agulhas de ouro, as mesmas espêssas copas que só o outono principiará a despir — para os lutos severos de inverno.

É um prazer superior para mim pegar num livro, logo ao romper da aurora, quando os melros, pelos freixos ou pelas carvalheiras, entoam as suas cavatinas, e ir sentar-me num sítio isolado, de sossêgo e de sombra, lendo saborosamente os escritores e os poetas que mais interessam a minha emoção e a minha inteligência. Nestas horas plácidas e no meio duma paz imperturbável e que nada sobressalta, adquire-se maior lucidez, maior faculdade de compreensão. Dir-se-ia que as coisas mais obscuras se clarificam para o nosso entendimento, e não nos escapam as sensações mais vagas e subtis.

Ainda há pouco eu pude verificar isto, lendo, na serenidade matinal, um estudo sôbre Montesquieu, o filósofo e o pensador das *Lettres Persanes* e de *L'Esprit des Lois*, que me apresentou êste homem ilustre por um dos seus aspectos inteiramente novos. A-pesar-de confuso, em determinadas passagens, como êsse estudo, de resto, me pareceu duma perfeita simplicidade! . . .

Depois desta substanciosa leitura, para repousar o espírito fatigado, abri por acaso um outro volume — de-certo menos profundo e mais fácil

— no capítulo que dissertava superficialmente sôbre a felicidade humana. Levei-o heroicamente até ao fim, a-pesar das ironias delicadas duma toutinegra que me garantia que a verdadeira felicidade estava no palácio de ramarias em flor onde ela vivia sem cuidados nem torturas de qualquer espécie, absolutamente conformada com o seu destino de ave inocente e sem se importar com o dia de àmanhã.

Na realidade, o capítulo de que falei não chegava a qualquer conclusão e era dum amargo pessimismo. Não fazia uma afirmação — insistia numa dúvida. De quando em quando, ia até à negativa rotunda, sob uma forma literária admirável de elegância, de pureza, de ritmo, o que o tornava ainda mais odioso ao meu sentimento de crente.

O autor dêste trabalho tomou para têma o facto, de-certo inventado, dum arqui-milionário americano ter feito a singular aposta de gastar, num só ano, nada menos do que um milhar de milhões de *dollars*, saciando as suas ambições do raro, do requintado, do estranho e conhecendo assim a felicidade suprema.

É claro que as obras filantrópicas, os hospitais, os recolhimentos, as casas de educação moral e profissional, as universidades, as populações miseráveis, não seriam subsidiados. Essa quantia fabulosa seria simplesmente atirada ao vento para a conquista da encantada flor do gôzo material e das finas comoções de arte, e nas viagens aventureiras a continentes ignorados e longínquos, através dos mares, com tôdas as comodidades, todo o confôrto, tôda a pompa...

O multimilionário, efectivamente, partiu a bordo dum *yacht* bizarro, em que havia teatros, salões de baile e de concêrto, bibliotecas, estufas com tôda a sorte de flores raras e preciosas, jardins de inverno, bosques de palmeiras e de arbustos, galerias de quadros, bronzes, mármores, mobiliários de alto preço, fofos tapêtes, divans de molas flexiveis para os repousos demorados. Pelo tombadilho, as «Maples» esperavam afàvelmente os que nelas se quisessem sentar, para o sonho dalguns momentos deleitosos sob as estrêlas.

E não era tudo: — havia também uma orquestra composta de professores célebres que, tôdas as noites, tocava as mais belas páginas de Beethoven, de Gluck, de Wagner, de Schubert: — e essa música inspiradora chegava aos ouvidos do extraordinário sibarita tamizada por gazas e sêdas vaporosas para que, durante a audição, êle não fôsse perturbado na contemplação das regiões sobrenaturais que visionava, num enlêvo.

Compraram-se nada menos de trezentas mulheres de tôdas as raças, de tôdas as nacionalidades e de beleza alucinante e satânica — bailarinas, cantoras, trágicas, comediantes, mundanas — para adoçarem os mais pesados tédios do viajante opulento, que colhia o ouro a plenas mãos num Pactolo que corria inesgotàvelmente só para êle. Tais mulheres, pagas como raínhas, tiveram de abandonar argentários, banqueiros, Cresus que as mantinham com esplendor, tão sedutoras foram as propostas recebidas. Receberiam tesouros só para aligeirar a vida do seu senhor, tornando-lha mais agradável, de maneira a êle nunca experimentar a

sombra dum único aborrecimento ou duma cinzenta monotonia. E elas desempenhavam-se da sua missão perfeitamente.

Jàmais o milionário que as adquirira, por dinheiro, sentiu, ao pousar-lhes a mão sôbre as espáduas esplêndidas de Deusas, aquele frio de sepulcro que tanto entristeceu o snr. Teodoro, do Ministério do Reino, depois de herdar a fortuna do Mandarim, nos momentos em que as suas amantes o cercavam.

No *yacht* fantástico que fazia a jornada dos oceanos reüniram-se, enfim, todos os regalos e tôdas as grandezas da nossa civilização : — o amor, a arte, o luxo, a sciência. Era preciso que nem um só minuto de fadiga moral pesasse sôbre a alma do seu proprietário. Todos os dias se davam banquetes à Trimalcião, em que as pétalas das flores odoríferas caíam sôbre os ombros dos convivas, numa chuva colorida e aromática, e em que rutilavam, em cristais puros e facetados, vinhos de topázio e de rubi e em que rebrilhavam os ouros e as pratas das baixelas e dos talheres. Tôdas as manhãs, academias de sábios do maior renome discutiam os mais interessantes problemas estéticos, scientíficos e filosóficos. Tôdas as tardes, actores ilustres representavam os dramas ou as comédias dos mais notáveis dramaturgos !

Pelas fechadas escuridões nocturnas, o navio todo iluminado, dir-se-ia um palácio flutuante, ressoando de melodias, de cânticos, de gritos, de exclamações, de risos. Às vezes, ancorava em portos

desertos de paragens em que se não escutava fôlego vivo e em que se desenrolavam imensas florestas, sob a brasa viva do calor. E imediatamente uma legião de pintores célebres, saltando em terra, esboçavam nas télas paisagens duma patente originalidade de motivos e de coloridos, enquanto naturalistas audaciosos colhiam elementos para futuras obras . . .

Mas seria, na realidade, feliz o homem que ia dissipando em torrentes os seus *dollars* ? Dependiam da sua personalidade vidas magníficas ; todos os seus mais indecisos desejos e tôdas as suas vontades se realizavam ; a sua carne, farta, tinha a inércia da saciedade ; os seus olhos deslumbravam-se na admiração da beleza feminina ; nas suas livrarias jazia, compendiado e catalogado, o saber de séculos ; a terra firme em que formigava uma sombria humanidade cheia de vilezas e de fúrias, enliçando-se em discórdias formidáveis, estava muito distante. Que lhe faltava para a felicidade ? Segundo o seu ponto de vista, não lhe faltava nada !

No entanto, o audacioso aventureiro começava a bocejar de enfartado e a duvidar de que conhecesse, na realidade, a verdadeira ventura. A sua melancolia exacerbou-se com esta suspeita : — e não tardou que, quando as suas mulheres, tentadoras como a serpente bíblica, se encostavam ao seu braço, suspirando e envolvendo-o num olhar aliciante, êle se recordasse com saüdade dos seus tempos de miséria em que apenas ganhava cem *dollars* por mês e em que, na companhia duma alegre Mimi de acaso, cantava para os astros o seu

hino à graça de viver. E então, exclamava, desolado: — «Perdi a tranqüilidade e o contentamento íntimo que só encontrei na pobreza doutrora!»

A felicidade ardentemente sonhada também êle a não deparava, afinal, nos livros em que se compendiava o génio dos homens, nas evocações melodiosas dos poetas, no encanto supremo da música, na profundidade das ideas dos pensadores. Onde estaria ela, pois? A recordação fugia-lhe teimosamente para o passado, reconstituindo românticamente certos episódios esquecidos: — alguns inquietos minutos de espera, sob o balcão de Julieta, aguardando que ela aparecesse; certas confianças que tanto júbilo lhe deram; o contentamento que derivava do trabalho; a satisfação indizível dos lucros que lhe permitiam ir amealhando uma fortuna!... E, sob a impressão desoladora de que a felicidade não existia pelo menos nos esplendores da riqueza, ei-lo que começa a desejar a sorte do zagal que não conhecia o infortúnio — mas que não tinha camisa.

Bem me dizia a toutinegra que trinava as suas ironias nos ramos das tílias floridas, enquanto eu lia estas histórias romanescas, que para se viver feliz bastava uma árvore onde pudesse edificar-se um ninho de frouxel macio e não se ambicionar mais nada! No entanto, eu, a-pesar-de discordar da opinião respeitável dos moralistas e filósofos superiores e das aves eruditas e sarcásticas, sempre preferia à felicidade do pastor sem camisa, a infelicidade do Sardanapalo que tinha um milhar de milhões de *dollars* para atirar ao vento, numa via-

gem que era uma feéria, um maravilhoso conto árabe. E não é porque eu seja ambicioso, mas porque, como dizia certo personagem de Eça de Queiroz, por enquanto ainda o dinheiro é uma grande comodidade.

O humorismo duma invenção

Disse Verworn que um tão complexo sistema de energias determinadas, como é o da vida, não pode ser imortal. Só a matéria elementar e a fôrça são eternas.

Ora, Tomás Edison, o genial inventor americano, pretende agora demonstrar o contrário, e os seus trabalhos neste sentido estão comovendo profundamente o mundo scientífico. O homem excelso que é uma das mais relumbrantes glórias dos Estados-Unidos da América do Norte — a nacionalidade admirável em que nasceu o espiritismo — entrega-se neste momento à construção dum instrumento prodigioso, por meio do qual será possível surpreender no seu vôo misterioso e interpretar claramente o pensamento dos que partiram para as distantes e ocultas regiões do *au-de-lá* e que, na

sua mudez glacial, nenhuma revelação inefável ou terrível fazem à nossa ansiedade, porque o ouvido colado à terra húmida ou à pedra inerte das sepulturas nada escuta. As flores sombrias e merencóreas dos bizarros jardins fúnebres, as vagas sombras oscilantes que se projectam incertamente, nas águas imóveis do Estígio, as ténues figuras doloridas de que apenas resta uma frouxa saüdade na ternura dos que ainda vivem, não tardarão a ressuscitar — e todos nós dialogaremos com elas, em horas amorosas e doces, conheceremos os seus mais intensos desejos, as suas nobres e purificadas vontades, os seus sofrimentos, os seus júbilos derradeiros, as suas atitudes morais, os ideais que, na morte, realizaram, as puras aspirações alcançadas quando se desprenderam do transitório envólucro material que as prendia à banalidade terrestre. Pelas suas confidências, pelas suas estranhas profecias, penetraremos o segrêdo trágico dos campos-santos — que nem a sciência nem mesmo as toutinegras que matinalmente cantam nos ciprestes esguios e meditativos, conseguiram perscrutar nos seus lirismos, nos seus misticismos piedosos, nos seus enlevos ou nos seus êxtasis — os dramas ou os idílios dos sepulcros românticos onde se esconderam noivas que expiraram pelos ocasos religiosos, sem realizarem os sonhos de infinita meiguice e de felicidade que traziam a abrir no peito, como rosas etéreas ; vislumbraremos, enfim, as paragens sinistras ou luminosas em que Dona Morte tem o seu palácio encantado, envolto em trevas constantes e em que não há arquitecturas de astros ; ouviremos as orações, as litanias, os cânticos

ou as lamentações dos que se exilaram da vida! A descoberta recente de Edison — que depois da lâmpada electrica e de dotar o rígido ferro duma voz melódica e dum verbo eloqüente, mergulha nas secretas profundidades do «não-ser», para encontrar o abismo em que se teem reünido as gerações sucessivas — alvoroça inquietadoramente a Europa, e esta violenta comoção compreende-se e justifica-se. Na verdade, os racionalistas haviam matado nas almas a flor de suavidade e de graça da alegria. Viver, para tôdas as criaturas da nossa época tão árida e triste, não era um dom precioso mas uma condenação fatal, uma expiação cruel, um implacável castigo. A existência sòmente foi um gôzo celeste nos remotos séculos em que o lírio divino da fé florescia nas consciências. E porque? Porque, então, o ser pensante julgava que essa existência possuía uma resplandecente imortalidade. Quem, neste globo em vibrações permanentes, adormecesse no sono último, despertaria, já redimido de impurezas e padecimentos, nas esferas eliseais, sob um pálio fulgente de estrêlas, embalado pelos cantares celícolas e aspirando o aroma dos vergéis sidéreos, onde as corolas jàmais se fanam. A morte, aparente para os que mantinham intacta a sua crença, não era mais do que a passagem para um estado de perfeição absoluta, iluminado por uma radiante claridade de beleza. Por isso mesmo, longe de ser temida, ela tornava-se ardentemente desejada. Morrer não era só ser-se iniciado, como diz a Antologia grega: — era também a ascensão triunfal aos páramos olímpicos, aos perenes deleites do céu!

Os filósofos e os scientistas, porém, vieram afirmar com uma vaidade que o *Ecclesiastes* reprovaria, que se morreria definitivamente, que tudo findaria no lúgubre coval onde se operam as alquimias da transformação material, e que para além da vida presente nenhuma outra existe. Destas palavras inconsideradas e funestas, que tanto mal causaram à humanidade, derivou a angústia contemporânea.

Edison vem, inesperadamente, reflorir os roseirais crestados da ilusão apaziguadora, pondo o visível em comunicação directa com o invisível. Munidos do estupendo aparelho da sua invenção, poderemos conviver com os mortos que algum dia andaram presos ao calor do nosso afecto, ser-nos há fácil conversar com êles, interrogá-los sôbre coisas que tanto nos apavoram, inquirir quais sejam as suas idealidades supremas, pedir-lhes que levantem, com seus dedos descarnados de esqueletos, uma ponta do denso véu que envolve o desconhecido. O americano insigne, se saír vitorioso dos seus intuitos macabros e transcendentes, há-de reconciliar-nos, afinal, com uma existência que tantos maldizem.

O que sabíamos dêste problema tremendo era bem insignificante. Claude Bernard asseverou que a morte era o contrário da vida — mas esta definição sintética não correspondia à nossa ânsia nem pacificava a nossa inquietação amarga. Os fisiologistas garantiam que a morte se caracterizava pela desaparição completa dos processos químicos — mas tinha-se verificado que, quando todo o movimento respiratório cessava e quando as contrac-

ções cardíacas paralisavam, persistiam ainda certos sintomas vitais, o que exacerbava singularmente o nosso terror. Para recuperar a paz de espírito, no meio desta dúvida alarmante, os supersticiosos procuraram àvidamente os ensinamentos da tradição cristã, que lhes diziam que a morte não era mais do que a separação da alma e do corpo, representando tal separação as pênas do pecado inicial.

Os severos padres primitivos declaravam que, entre o perecimento e o juízo final, havia um estado intermediário em que os extintos esperavam a decisão irrevogável sôbre a sua sorte futura. Orígenes, o subtil, combinando esta teoria com a idea duma sublimação da alma, estabeleceu o ponto de partida da doutrina do Purgatório, formulada mais tarde por Gregório o Grande. Seguidamente à morte, os justos iriam para o reino perpétuo da ventura, fruindo uma eternidade ditosa, e os ímpios caíriam irremediàvelmente na danação, que seria a segunda morte, o fim total da vida humana.

Estas especulações teológicas, contudo, não sossegavam os sobressaltos da nossa intimidade, que alucinavam os tímidos e os que, de tanto amarem a existência, a queriam interminável para lá dos espectáculos terrenos, não se conformando que ela acabasse melancòlicamente, sob um punhado de húmus, para alimentar as raízes e as larvas funerárias. Foi nesse momento aflitivo — que data das primeiras éras do universo — que se começou a meditar na possibilidade de evocar a alma dos defuntos por certas práticas cabalísticas: — e do

acêrvo de experiências realizadas para tais evocações surgiu o espiritismo, que exige o auxílio dum *medium*. Para os espíritas, a alma dispõe duma vida completa e independente. Quando uma criatura se extingue, ela abandona os resíduos corpóreos, librando-se nos espaços azulados ao alor de asas imateriais, envolvendo os vivos dos espíritos que, durante a sua existência, estavam ligados ao corpo fulminado por uma certa substância etereal. Algumas pessoas são ricas, em excesso, dessa substância incoercível, podendo, por isso, entrar em relação imediata com os espíritos libertos, surpreendendo-lhes a vontade, o sentimento, a inteligência. Isto não é novo. Já na *Odysseia*, o adivinho Tirezias evoca os manes dos antepassados de Ulisses, que foi o mais engenhoso e o mais arguto dos semi-deuses e que, na Ilha Ogígea, teceu horas de luar e ouro junto do branco seio de Calipso.

Edison, inspirando-se talvez nas preocupações do espiritismo, que modernamente tanto interessaram e comoveram a sua nacionalidade triunfante e esplêndidamente progressiva, propõe-se substituir o *medium* por um famoso engenho da sua fecunda capacidade inventiva — engenho duma tão fina sensibilidade e duma tão rigorosa precisão que, em certas condições, fixará, com nitidez fotográfica, o pensamento sobrenatural dos mortos. Por esta forma, tôdas as nebulosidades da vida se esclarecem, tôdas as trevas que pesam sôbre os tumulos se iluminarão, nada ignoraremos da morte:

Funérea Beatriz de mão gelada,
Mas única Beatriz consoladora...

Na sciência moderna não há maior milagre do que êste !

O pensamento dos mortos ! Mas, o que pensarão êles, afinal, estendidos nas quatro tábuas do caixão, hirtos, gelados, decompostos, as mãos em cruz sôbre o peito, impassíveis, absorvidos num silêncio inalterável, dando-nos a impressão de que olham para dentro, de que se contemplam a si próprios e, certamente, tão longe do ruído, do tumulto dos espectáculos da terra que não manifestam o menor interêsse pelas nossas dores, pelas nossas glórias, pelas nossas cóleras, pelos nossos ódios, pelas nossas superioridades ou pelas nossas purezas e pelos nossos crimes ! Que excogitarão êles, debaixo da gélida leiva, apodrecendo vagarosamente, com a lívida mortalha colada às carnes que se desagregam, sequestrados dos esplendores da luz, dos murmúrios das aragens que fogem, das tempestades, dos céus calmos em que a lua sobe, numa anunciação ou em que o sol arde numa fogueira rutilante !

Os ascetas que outrora longamente viveram em companhia duma caveira tendo no buraco negro da bôca desdentada um riso histriónico, por mais que a interrogassem, apenas entenderam esta palavra terrível : — *Nihil !* Meditarão, efectivamente, os que a morte varejou, no recolhimento inviolável da cova ? Se assim é, como julgarão êles a vida, por onde passaram ràpidamente, amando e sofrendo, gritando as suas fúrias, as suas ambições, os seus desalentos, rugindo os seus egoísmos, uivando pragas e impiedades, regougando blasfê-

mias ? E saberão, finalmente, para que viveram, conhecerão a fatalidade que os obrigou a suportar as inclemências dêste mundo, para se purificarem das suas imperfeições, na marcha através da luz e da obscuridade, para mais altos destinos ? Terão encontrado a serenidade completa nas solidões pavorosas do coval e na comunhão dos bichos ? Possuïrão ainda um intelecto perspicaz e uma consciência ? Verão, do fundo das sepulturas, os dramas e as farças que contìnuamente se desenrolam sôbre a crosta terráquea ? Exercerão, porventura, alguma influência na nossa vida individual ou colectiva ? Desprender-se há da energia das suas ideas o fluido que conduz as sociedades, os povos, as nações ? Mandarão nos que vivem ou terão sôbre nós algum poder ? Tomás Edison fornecer-nos há em breve a maneira de encontrarmos uma resposta perfeita para tôdas estas preguntas. Armados com o instrumento maravilhoso que anunciou, saciaremos a nossa curiosidade devoradora conversando com Dante que nos dirá se a sua *Divina Comédia*, sonora de tercetos harmoniosos, é uma simples ficção poética ou uma realidade ; consultaremos Machiavel àcerca da política antiga, pedindo-lhe um resumo crítico sôbre Lenine ; preguntaremos a Júlio César se já perdoou a Brutus e a Cássio ; solicitaremos de Napoleão I algumas lições sôbre tática e estratégia, pois que a Europa está cada vez mais belicosa ; e até Beethoven nos dirá qual a sua opinião sôbre Santa Cecília, como harpista, e sôbre os córos angélicos. Edison banirá tôdas as incertezas que nos atormentam, servindo-nos a sciência esplendorosa que, através das ida-

des e das civilizações, o homem astuto sempre perseguiu em vão. Até hoje, a vida estava separada da morte por uma barreira inultrapassável. O génio revelador que fez falar o aço disse, como um Deus omnipotente, o seu *fiat*, e na espêssa barreira rasgou-se uma larga brecha para a eternidade por onde logo entrou, a jorros, um fulgor diurno. Aleluia !

O amor das mulheres e os colossos da fôrça

Dempsey foi um dêsses modernos semi-deuses do *box* com um fervoroso culto universal. A Fama, com a longa tuba de prata com que é representada nas alegorias, levou exaltadamente o seu nome glorioso, entre sonoros cânticos, aos mais distantes recantos do globo civilizado. A celebridade esplêndida e luminosa dêste super-homem do murro — que inspiraria, certamente, a Frederico Nietzsche profundas páginas de louvor floridas por uma viva originalidade de pensamento — há muito que atravessou as fronteiras da sua nacionalidade para brilhar, numa radiação perene, em todo o mundo. Há certas bofetadas tremendas de Dempsey que, estalando na América do Norte, ressoaram vibrantemente na Europa!

Foi êste excelso e vitorioso Sansão *yankee* que

abateu com alguns sôcos puxados da alma o herói francês Carpentier, Hércules ocidental — que não estrangulou, ainda no berço como o outro, o mitológico, serpentes terríveis, nem caçou javalis ferozes em florestas cerradas, nem roubou os pomos de ouro dos jardins das Hespérides, nem defendeu, com a sua pesada maça, as alturas siderais da escalada dos filhos da Terra, varejando-os implacàvelmente, mas que, antes de encontrar Dempsey na sua frente, partia quantas caras ousavam disputar-lhe a glória dum campeonato. Pois, o *boxeur* americano estendeu-o sem sentidos e o rosto completamente ensangüentado e cheio de equimoses, ao cabo de dois ou três *rounds !* A América do Norte que subsidiou magnìficamente a guerra europeia, afirmando a superioridade evidente do seu ouro, mostrou com nitidez incontestável, depois da catástrofe bélica, a superioridade do seu músculo sôbre a vélha civilização — e Carpentier, o Zarathustra latino da bordoada, reentrou na sua Pátria admirável com os queixos em deplorável estado ! Quem não se recordará ainda vivamente dêsse duelo singular ? A Europa atravessou então uma hora de comoção intensa. Depois da hecatombe que deixou pelos trágicos campos de batalha montanhas de mortos, nenhum outro acontecimento a tinha abalado mais profundamente do que êsse encontro entre dois homens que haviam feito da pancada uma profissão excelsa e que dispunham de biceps formidáveis e de mãos fortes e destruïdoras como catapultas antigas. Dir-se-ia que um e outro eram símbolos de duas nacionalidades diversas em luta para a conquista do futuro, tipos perfeitos de duas ra-

ças antagónicas e de duas culturas opostas às quais caberia, em partilha, o orbe ! O vencedor do recontro ficaria sendo o dominador absoluto, tanto nos puros domínios da inteligência como nos outros — que são, incomparàvelmente, mais acessíveis.

A França, ainda perturbada pela vitória contra a Alemanha, sua adversária secular, preparara-se para transmitir sem demoras ao Ocidente o triunfo decisivo de Carpentier, que não era Corneille, nem Descartes, nem Racine, nem Voltaire, nem Diderot, nem de Alembert, mas que saíria do seu combate mais aclamado do que Napoleão I depois de Austerlitz, de Wagram e de Iena ! A América ia saber duma vez para sempre que, se tinha milhares de milhões de *dollars* para emprestar à França, nas suas discórdias guerreiras, a grande República do Ocidente só nisso estava abaixo dela, conservando uma hegemonia indiscutível tanto sob o ponto de vista da Arte e da Sciência como sob o da resistência física. O braço estriado de musculatura de Carpentier provaria ao Novo Mundo que a Europa — e, especialmente, a França — nada perdera do seu vigor como nada perdera também do seu génio !...

Estávamos todos ansiosos por demonstrar à maravilhosa e próspera América que, se já não tínhamos nem Fernãos de Magalhães, nem Vascos da Gama, nem Colombos, nestas paragens ocidentais onde uma civilização vélha deu flor, ainda possuíamos, todavia, pulsos invencíveis, quando afinal Carpentier nos era devolvido pelos Estados-Unidos com uma sova homérica — uma destas sovas inolvidáveis, porque deixam sempre, com algumas cicatrizes, alguns ossos quebrados. Caímos do azul !

Para a França, a derrota de Carpentier foi uma dessas feridas de orgulho que nunca saram. E Dempsey é que prostrára o colosso francês ! Oh ! humilhação ! . . .

Com um dos seus bofetões, o *yankee* terrível fracturou vários dedos de Carpentier e pôs-lhe a face em *capilotade*. E neste estado é que êle reapareceu a uma Europa que está habituada a ver os seus Nelsons sem um braço e sem um ôlho, mas ainda capazes de comandar esquadras em batalhas navais como a de Trafalgar !

Enquanto Dempsey ascendia ao píncaro da montanha da celebridade, o continente europeu baixava a fronte, desalentado . . .

Batendo rudemente Carpentier, Dempsey adquiriu ràpidamente, com uma fortuna fabulosa, tôdas as notoriedades. Milionário, passou a viver còmodamente dos seus rendimentos — que lhe permitiam os mais requintados confortos, desde o do luxo, em palácios instalados com magnificência, até ao duma legião de servos atentos às suas menores vontades e ao de automóveis principescos — não tornando mais a expôr a cara à murraça de ninguém. No entanto, Dempsey, o ilustre pugilista já com uma história esplendorosa na sua curta vida, não era inteiramente feliz, no meio do seu fausto. Ah ! materialmente, nada lhe faltava. Tinha coxins que se afofavam molemente sob o pêso do seu corpo, para os longos repousos, as tranqüilas sestas ; salões tapetados e decorados com mobiliários preciosos ; uma fina mesa de Lúculo — por-

que, depois que enriquecera, Dempsey transformou-se num sibarita. E mesmo, no seu pacífico e sumptuoso *ménage* lidava, para lhe encantar os olhos e apaziguar-lhe os sobressaltos e as inquietações do coração, a mais deliciosa das *ménagères*, uma linda americana que com êle casara, por paixão, oferecendo-lhe, num encanto, o morno e macio regaço para lhe embalar a existência amorosa, suavizando-lha. Contudo, Dempsey havia-se acostumado às admirações das turbas entusiásticas, aos aplausos, às palmas, às gritarias glorificadoras das multidões delirantes — e tinha uma saüdade infinita dos dias extintos. Queria mais louros viridentes e mais corôas, êste Júlio César do *box* que fez rolar na poeira igualitária, a murros dramáticos, as cabeças dos mais altivos lutadores. Dempsey, que deve ter muito pouca leitura, havia de julgar-se com direito a êstes aplausos e diria com êle próprio, nos seus raros instantes de meditação, que tanto Roma como Atenas o divinizariam se, em vez de viver nos dias presentes, tivesse vivido outrora. E era isto que, naturalmente, o trazia triste, embora os Césares já hoje não assistam aos desafios de *box*, sob os seus velários de púrpura! A ternura conjugal abriu, porém, diante dêle, claros horizontes de êxito: — e não tardou que Dempsey, com a estúpida fôrça de bruto que a natureza lhe concedeu — como a outros, aos eleitos, concede faculdades geniais: — tentasse com sucesso e cinematógrafo. A figura de Dempsey, projectada sôbre um *écran*, não seria a dum prodigioso actor, cómico ou dramático, certamente, porque precisava de dispôr dum talento e duma

educação que não tem. A-pesar-disso, êste homem deslumbrará sempre as populações ruidosas — levantando, a pulso, toneladas, como um titan contemporâneo ; atirando ao ar, como um touro bravo, as criaturas ; deitando mesmo uma parede abaixo com as costas, como um ariete, ou arrancando uma árvore — como um elefante. Para as plateias bárbaras, Ursus valerá mais, em qualquer caso, do que São-Tomás !

Dempsey conseguiu, portanto, um invejável renome, na « arte do silêncio », que é animada por sombras — e continuou a entesourar dinheiro, como um fabuloso Cresus !

Repentinamente, porém, tomou-o uma vertigem, desvairou-o uma alucinação. Com tanta facilidade atingira os maiores triunfos, até êsse instante, dando bofetadas épicas ou representando para as fitas cinematográficas, que se considerou nascido para muito maiores empresas.

Daí em diante, Dempsey só queria ser orientado por Minerva, duma sabedoria tão reluzente com as suas armas áureas ! E não hesitou em anunciar à Europa aturdida que ia iniciar — a carreira literária. Precisamente ! A carreira literária — o que de resto é vulgar na América do Norte, aonde os homens tão destramente presidem aos destinos dum grande povo, como caçam leões e tigres nos bosques, como escrevem livros famosos. O Ocidente nada tinha, por isso, de que admirar-se, se Dempsey, que ontem escavacou Carpentier, àmanhã compusesse — o *Ramayana*, demonstrando por esta forma a sua competência tanto para a luta braçal como para cinzelar hinos védicos ! . . .

O campeão de *box* da América do Norte, depois desta última decisão, anuncia agora — o seu primeiro livro. O *Manual do Perfeito Pugilista* ? Não ! Epistolografia ! . . .

Não julguem que Dempsey pretende ofuscar o brilho perene de Mme. de Sévigné ou de Mme. Lespinasse. De modo algum ! O supra-homem *yankee* — que começa a fruir com antecipação os favores da imortalidade, porque está o que se chama uma criança e tem vida para muito tempo — inicia a sua obra literária pelas cartas para chegar aos capítulos intensos da filosofia. Como está com as mãos na massa, para êle, compor uma simples epístola ou criar um sistema filosófico será tudo a mesma coisa . . .

Verdade se diga que as cartas que Dempsey vai lançar aos alaridos da publicidade não são dêle. Quem as escreveu foram as mulheres que o *boxeur* deslumbrou com as suas façanhas. Apaixonando-se perdidamente por um homem que não descia, aureolado, dos jardins de Academus, mas que espancava como ninguém o seu semelhante, essas damas em plena primavera da adolescência ou na delicada floração da beleza, não resistiam à tentação de lhe declarar, em períodos ardentes, em palavras vibrantes, o seu amor. Centenas de doces e cândidas raparigas americanas aspiraram à felicidade suprema de serem não as Dálilas daquele Sansão ou as Judites do poderoso Holofernes, mas as suas Lauras e as suas Virgínias ! E era isto que elas, certamente, lhe diziam em bilhetinhos perfuma-

dos e escritos com tanto relêvo artístico e tanta emoção como se fôsse Heloïsa que se correspondesse com Abelardo ou Julieta que se carteasse com o leal Romeu.

Tendo coleccionado com meticuloso escrúpulo tôdas as missivas, Dempsey deliberou fazer com a publicação delas a sua estreia literária, certamente estrondosa. A-pesar-de ser esta a primeira idea que êle tem há vinte anos, é maravilhosa! . . .

Ponhamos, todavia, de lado as ideas de Dempsey como pensador ou como esteta, e falemos um pouco da singularidade das epistológrafas — porque são elas justamente que me ofereceram o têma para esta crónica. Creio que foi Camilo Castelo Branco quem afirmou que nunca o génio dum homem conquistou o afecto amoroso duma mulher — e esta afirmativa que sempre me pareceu não ter fortes raízes na realidade encontra, com o livro de Dempsey, uma justificação eloqüente. Camilo estava, pois, na verdade, oh! decepção! . . .

Ah! eu não ficaria desagradàvelmente surpreendido se as rôlas mundanas, arrulhando num devaneio, confessassem as simpatias do seu coração, em carta lacrada, a Dante, a Shakespeare, a Racine, a Tennyson, a Schiller, a Uhland, a Hugo, a Beaudelaire, a Musset, a Cervantes, a Camões, a Beethoven, a Mozart, a João de Deus, a Garrett, a Donatelo, a Rafael, a Rembrandt, a Rolin e outras personalidades que deixam atrás dos seus passos vivos sulcos de luz. Isto, porém, só raras vezes acontece: — e o autor da *Légende des Siècles* seria incomparàvelmente menos admirado pelo Efémero Feminino do que os toureiros Bombita, Fuentes,

Juan Belmonte! Nunca D. João de Maraña foi amado pelas Elviras e pelas Ineses como o funâmbulo que, num circo, faz exercícios de gimnástica.

A fôrça então tem um prestígio imenso sôbre essas deliciosas cabecinhas feminis que as belas revoadas de fantasias corôam e que os poetas teem nimbado de claridades astrais. Porquê, santo Deus? Pela razão aduzida por Schopenhauer que asseverou que o misterioso impulso que leva a mulher para o homem deriva do facto de reconhecer instintivamente que êle será o pai de filhos lindos, sadios e robustos? Será uma outra qualquer? Quem o sabe! Por mim, diante de problemas dêste género, chego às vezes a acreditar que o amor da mulher pelos atletas se explica, principalmente, pelo masochismo psíquico. As adoráveis filhas de Eva, na realidade, são seres de abnegação e de sacrifício, sentem um fundo prazer no sofrimento, por vezes. Ora, os *boxeurs* como Dempsey, se não podem dar ao seu espírito ou à sua sensibilidade ideas e emoções elevadas, poderão melhor do que os seres da *élite* mental ou estética dar-lhes — tundas pavorosas. É provável que o martírio — que as purificará de pecados terrestres — tenha para elas uma atracção maior do que o talento. Na verdade, que esperavam de Dempsey as doces criaturas que lhe enviavam cartas inflamadas? Uma corôa de estrêlas? A eternidade em sonetos mais belos do que os de Petrarca? Ah! não! Quando muito, esperariam, para sua condigna glória, alguns sopapos!...

A rua e os seus espectáculos

A rua — o logar pertencente aos homens, assim como o lar pertence às mulheres, na justa expressão de Júlio Janin — é na verdade um grande palco : e talvez seja por isso mesmo que um cronista parisiense, cheio de vivacidade, de originalidade e de espírito, um dia afirmou que ela devia ter os seus críticos. Com efeito, é justamente nela que a Vida constantemente desenrola os seus scenários de esplendor ou de miséria e representa os seus dramas ou as suas comédias. Na rua, sob a cúpula azul do céu ou sob a pálio das estrêlas, de manhã ou à noite, ocorrem os acontecimentos mais sensacionais — sobretudo nas cidades que são irrequietos formigueiros de almas agitadas por tôdas as paixões, por todos os ódios, por tôdas as cóleras, pelos mais extraordinários sonhos sombrios ou

côr de rosa : — e, embora ela conte os seus historiadores atentos, quantas coisas de alta importância decorativa ou sentimental passam despercebidas aos olhos mais argutos e penetrantes ! Nas amplas avenidas citadinas, nas largas praças, nos jardins públicos que são sempre, agora pela primavera, uma fina e fresca nota idílica de coloridos e de formas quebrando a monotonia do tom uniforme da caliça, nos passeios dos bairros aristocráticos, as exibições tornam-se permanentes, adquirindo uma intensidade imensa em certas horas diurnas ou nocturnas. À luz romântica da tarde, descendo sôbre a terra como um hálito puro, desfilam incessantemente os actores de uma risonha farça ou de uma lúgubre tragédia. Cada figura que surge nesse enorme tablado, tem o seu mistério, a sua sensibilidade, as suas lágrimas ou as suas alegrias, os seus interêsses materiais ou morais, as suas satisfações ou as suas angústias : — e todavia, nada das suas inquietações íntimas ou dos seus desalentos se lhe reflecte na máscara aparentemente serêna e por vezes mesmo tocada pela graça lírica do riso. Há pessoas que avançam espalhafatosamente, para serem vistas e admiradas, chamando sôbre elas a atenção por todos os processos — quando afinal melhor fariam sumindo-se nas penumbras discretas e silenciosas. Há outras que caminham apressadamente, rentes aos muros, nas tiras de sombra, procurando de preferência as meias tintas suaves para se ocultarem — quando deviam mostrar-se altivamente, como nobres exemplos de virtude ou de beleza espiritual. E tôdas estas personalidades que humanizam, com a sua presença,

os planos exteriores de um ruidoso e febril centro de população, tem a sua mágoa secreta, a sua esperança, o seu contentamento, a sua desilusão, a sua preocupação aflitiva, o seu doce cuidado de amor, a sua amargura, as suas aspirações. Tôdas vão pela existência fóra, não automàticamente, sem uma finalidade determinada, como fantasmas movendo-se entre uma ligeira, transparente névoa, mas gritando as suas dores, as suas exaltações, a sua admiração, as suas confianças. É uma turba psicológica que, na realidade, tentaria um observador subtil, um perspicaz analista do coração humano.

Não há cidade, por mais pequena que seja, em que os tipos de Shakespeare e de Balzac se não acotovelem furiosamente, procurando romper através de todos os obstáculos, subir mesmo esmagando com os pés os que cáem. Quantas vezes todos nós teremos contemplado, a-pesar-de lhes não sabermos os nomes, Eugénia Grandet, com os olhos marejados de pranto, confiando ainda na sua ilusão amorosa e agarrando-se, tôda trémula, ao braço de Ofélia; César Biroteau, já falido, aproximando-se suplicantemente de Shylock; Luciano de Rubempré de braço dado com Horácio; Goriot sorrindo-se para Falstaff, com sinceridade ou desdém; a personagem principal da *Peau de Chagrin* monologando com Hamlet, a um canto, na suave luz vespertina, enquanto Othelo, concentrado, procura a solidão, talvez para meditar uma vingança que será um crime atroz e irremediável! E a estranha procissão não se detém nunca.

Santos, heróis, bandidos, assassinos, ladrões, seres de bondade purificada, de candura, de enternecimento, inocências, castidades, impurezas, penúrias, opulências, artistas, sábios, homens de negócio, aventureiros, vão deslizando sôbre as calçadas ou os asfaltos das tumultuosas urbes, disfarçando-se o melhor que podem para iludir os que os observam : — e as scenografias que enquadram tôda essa humanidade extraordinária são de uma variedade tão grande como a dos sentimentos. Ao lado das sêdas, das rendas, dos veludos picados da scintilação das pedrarias, surgem os tecidos grosseiros, os farrapos sórdidos deixando entrever, pelos seus buracos, a carne exangue dos corpos que cobrem. Junto de pomposas equipagens em que se reclinam indolentemente as maravilhosas flores femininas, mostram-se os amputados, os aleijados, amparando-se a muletas. Os contrastes são intermináveis e de uma estupenda riqueza de tonalidades e de linhas plásticas. Ouve-se ressoar fortemente a gargalhada de Sancho Pança, comentando algum louco idealismo dos Quixotes que se chocam com êle. D. Bazílio reza, com hipocrisia, a sua oração, ao passo que Pantagruel, corpulento, beberrão, grande comedor, deambula vagarosamente, parando às vezes diante das confeitarias. Perto das perturbantes belezas que dir-se-ia deixaram atrás de si um rastro de claridade, surdem as monstruosidades inverosímeis, as fealdades horríveis. A romaria bizarra não se interrompe um só momento e daria aos psicólogos, aos pintores, aos artistas que amam os longos e intensos descritivos,

aos caricaturistas, aos estatuários, aos pensadores, aos filósofos, aos moralistas, um assunto inesgotável para as obras profundas que ficam pela elevação das ideas, ou para as obras ligeiras, amáveis, superficiais — que apenas fazem sorrir um instante.

Ah! na realidade, nenhum teatro, como o da rua, oferece, ao ser consciente do nosso século, nas cidades tentaculares que são verdadeiros infernos, espectáculos mais empolgantes e de uma diversidade mais vasta, em que os quadros se sucedem uns aos outros vertiginosamente e os actores se demoram em scena apenas o tempo suficiente para desempenharem o seu papel, desaparecendo logo como se os tragasse um abismo. Por êste motivo é que êsse teatro — em que representam sucessivamente milhares de individualidades — devia ter os seus críticos que fizessem um resumo lúcido e vivo de tudo o que vissem no seu caminho de mais sugestivo ou evocador e formulassem sôbre os acontecimentos o seu juízo. Como seria interessante para quem o lesse! Porque, efectivamente, a rua, em tôdas as nacionalidades, tem quem vá compondo dia a dia os seus Anais — mas em linhas pálidas, sem profundidade, sem um comentário mais incisivo e de que se possa tirar uma conclusão nítida. E todavia, que lugar surpreendente! É nela, precisamente, que melhor veremos o nosso semelhante — que, no dizer de um espírito ilustre, mascára menos o seu carácter no meio das multidões do que no isolamento! . . .

Dessa rua prodigiosamente movimentada e em que se entrechocam, se esmagam, massas cerradas de criaturas cada uma com as suas qualidades ex-

celsas ou os seus vícios, os seus crimes, os seus defeitos, os seus puros dons, que livro estupendo se poderia fazer! Ela é conjuntamente exposição, certâmen, tentação, bisbilhotice, intriga, escola de piedade e de abnegação, paragem de ócio e de divertimento, ocupando na existência da actualidade um ponto excepcional. E tem os seus sarcasmos! Com que artimanhas, com que malícia ela leva, em muitos casos, as mulheres a confessar-se — quando cruzam inesperadamente com o Amor que as fita com adoração ou ironia ou quando encontram na sua lenta caminhada as seduções irresistíveis do luxo e das jóias — que as fazem delirar de ambição e de febre! . . .

Émile de Girardin, que foi uma inteligência sagaz, pretendeu encerrá-la dentro de uma definição estreita, asseverando que a rua deixava de ser do domínio da liberdade para ser do domínio da ordem. Não é assim, evidentemente. A rua será, em certas horas trágicas, a liberdade ou a tirania, a ordem ou a desordem. Ela intervem em tôdas as conquistas ou em tôdas as lutas desde os séculos distantes. Já em Atenas a rua tinha uma opinião e uma vontade. Em Roma, na noite dramática do dia em que Júlio César caíu sob o punhal dos conspiradores, no Senado, essa rua, diante do cadáver do grande homem, incinerado numa praça pública, enquanto António arengava à populaça, fez empalidecer de terror os assassinos — que tinham ainda as suas armas maculadas de sangue!

Modernamente, ela eleva com rapidez as bar-

ricadas, para fazer manter os direitos essenciais, pega na espingarda para combater ou no facho para incendiar, quando é necessário aniquilar opressões, organiza os famosos cortejos que avançam por entre aplausos, palmas, flores, quando é preciso glorificar. Nenhum dos actos da vida humana lhe são indiferentes. A todos ela se associa, para galardoar ou para deprimir, para aclamar ou para atirar pedras, para louvar ou para punir. Realiza contìnuamente as manifestações de aplauso ou as assuadas cruéis. É ao mesmo tempo Côrte dos Milagres ou préstito solene. Tanto passam nas suas perspectivas os poderosos que espalham o ouro às mãos cheias para que reparem neles e os admirem, como os deserdados que nada possuem, os vagabundos, os pedintes, os que vivem de roubos e de torpezas. Tanto se expõem, nessa rua formidável, as dolorosas e tristes legiões do trabalho, que se extenuam de sol a sol para conseguirem um pão honesto que lhes não amargue na bôca lívida, como os plutocratas, os banqueiros, os que dispõem de cofres atulhados de ouro, os que fazem as suas exibições teatrais como « Reis Sóis » da nossa éra, os que não são minados secretamente por escrúpulos da consciência ou remorsos e que não hesitariam em praticar tôdas as acções, contanto-que delas lhes viesse a pecúnia sonhada ! . . .

A rua é tudo, efectivamente — tablado e origem inspiradora do poema lírico ou épico, pandemónio e oásis, logar de sofrimento e de distracção. A rua é, mesmo, a parte mais intensa e cativante da vida actual. A rês pensante, desde que se encontra nela, tem um sentido mais exacto da soli-

dariedade e da igualdade. Nos seus planos, todos os seres se confundem, desde as *élites* do sangue e da fortuna, aos *va-nu-pieds*.

É maravilhosamente grande : — e não me espanta, por isso, que comece a notar-se-lhe a falta de críticos que poderiam escrever sôbre ela as mais eloqüentes e luminosas páginas. Porque não há-de tê-los ? Como *étalage*, como fita cinematográfica, como comédia ou como drama, a rua não encontrará nada com que se compare. Além disso, as suas ornamentações scenográficas — avenidas desfilando numa pompa, entre arquitecturas sumptuosas, monumentos históricos e monumentos de arte, largas pontes, flechas de catedrais, templos, palácios, arvoredos, jardins em que se amassam, se fundem tôdas as côres — são de uma rara magnificência. Chegamos a uma época muito curiosa em que se procura activamente, num desespêro, a sensação requintada, o facto singular, o sucesso inédito que sejam capazes de sacudir os nervos fatigados de uma cansada humanidade que parece entrar em deliqüescência e que fatalmente degenerará se não fôr renovada imediatamente por um fluido vital que a tonifique e lhe restitua as seivas morais perdidas. Pois a rua ofertará a êstes perscrutadores de variedades sensacionais tudo quanto possa interessá-los — porque nela não há monotonias. A própria banalidade que nos revelar, a mesma frivolidade, terão ainda aspectos atraentes.

Por mim, sinceramente julgo que essa rua em que muita gente passa sem reparar nela ou a compreender, é das coisas verdadeiramente superiores do momento em que vivemos ! . . .

Mundanismo e espiritualismo

As sensibilidades artísticas encontram-se sempre tão próximas das puras e nobres afirmações espiritualistas como das blasfêmias terríveis e dos negativismos furiosos. Porque ? Por serem orientadas pelo sentimento e não pela inteligência crítica ? Talvez. Ainda agora, por um quente e bucólico mês de junho, em que os rouxinóis cantam ao luar pelos canaviais e em que se ceifam, aqui em Portugal, os trigais maduros, ocorreu um facto que está sendo largamente comentado nas colunas da imprensa europeia e que documenta com nitidez as minhas palavras. Uma cantora notável que era também um admirável tipo de beleza — Rosina Storchio — renunciando para sempre aos esplendores e às glorificações da Arte, que lhe ofereceu gentilmente uma celebridade e que deu à sua vai-

dade feminina tôdas as satisfações, desde a admiração exaltada e sincera das plateias, ao culto dos que por ela se apaixonavam, vestiu o hábito de freira franciscana, fechando-se para sempre às vaidades e às tentações mundanas no estreito e desagasalhado espaço duma cela em que apenas caberá um pobre leito essencial ao repouso do seu corpo e um Cristo pregado na cruz, para as suas orações. Rosina Storchio passou, há anos, pelo palco de São-Carlos, um teatro de Lisboa, interpretando algumas das mais belas óperas modernas. Era uma delicada flor de sedução e de graça, pela perfeição plástica, pela feminilidade, por êsse misterioso encanto que faz a superioridade da mulher sôbre o homem, colocando-a mais perto de Deus. Além disso, a sua voz tinha todos os matizes da paixão, da ternura, das súplicas, das meiguices, das cóleras. Rosina Storchio era, enfim, um dêsses raros seres que vivem mais pela alma do que pelo cérebro e que os grandes poetas da música, a eterna aliciadora dos espíritos sensíveis, conduzem até à encosta da colina simbólica para que êles soltem todos os gritos, tôdas as implorações e tôdas as ameaças do Amor, da Dor, do Ódio, intervindo no conflito permanente da vida. Pois, num minuto especial em que no seu coração desabrochou uma florescência de arrependimento, de tristeza ou de alegria espiritual, a artista ilustre arrojou de si todos os esplendores de vestuário e tôdas as pompas do luxo, para cobrir as carnações esplêndidas que acenderam uma flama de desejo em tantas pupilas com os grosseiros tecidos das vestes monásticas que são pobreza e humildade — porque

no céu a que as eleitas aspiram não há magnificências nem deslumbramentos scenográficos! Enquanto fez reviver nos tablados, sob as radiações da luz eléctrica, Tosca, Mme. Butterfly, Taïs, a Rosina do *Barbeiro de Sevilha*, Carmen, tôdas as grandes amorosas criadas pela imaginação maravilhosa dos excelsos cultores da Arte, a monja actual que se prosterna diante dos retábulos da Virgem Maria, batendo angustiosamente no peito, apenas vestiu sêdas, setins, macios veludos que lhe desenhavam com nitidez as formas harmoniosas e as delicadas curvas, rendas do preço de jóias, peles cariciosas que lhe afagavam a pele e imprimiam ao seu busto, recortando-se finamente no disco da luz, uma formosura ideal.

Além disso, no lóbulo côr de rosa das suas orelhas irizavam-se à claridade pérolas dum oriente ncomparável e os brilhantes, os diamantes, as esmeraldas, os rubins, as opalas, as safiras, lambiam com suas línguas de lume, esplendentes de fogos surdos, o seu pescoço duma adorável modelação e de linhas mais equilibradas do que o de Salammbô, os seus seios lindos como a floração dos nenúfares, as suas espáduas, os seus braços que tantas vezes, quando Rosina era «Mimi», a desolada tísica que foi, na sua divina mocidade, a deusa das trapeiras ricas de esperança e de ilusão, se enroscavam, delirantemente, no pescoço de Rodolfo.

Tocada pelo fulgor da fé, Rosina Storchio repeliu para longe tôdas estas frivolidades com que a Moda faz as suas esplendorosas decorações, preferindo-lhes a estamenha com que se vestem as andorinhas exiladas voluntàriamente do mundo para

se consagrarem por completo a Deus e para não errarem, no seu vôo, o luminoso caminho sideral. Há, certamente, grandeza nesta renúncia! . . .

Não sei, evidentemente, qual foi o sentimento que levou para a solidão dum mosteiro, para as rudes penitências, para as flagelações, para as preces permanentes, para os misticismos purificadores, esta mulher encantadora que ainda se encontrava na idade confiante em que se não olha para trás com saüdade do que se abandonou e dos vergéis que floriram em extintas primaveras. Teria a verdade reveladora surgido, de súbito, diante dos seus olhos, apontando-lhe a vereda que conduzia claramente à salvação? Seria tocada de repente pela bondade e pela clemência elíseas? É bem possível. O doce São-Francisco de Assis, venerado no convento a que se acolheu, é um exemplo das inspirações recebidas directamente das regiões siderais. Era para amar o Senhor sem mácula de impureza que êle, ao errar pela solitária Umbria, chamava irmãs às aves e às próprias feras e erguia hinos cheios de unção à luz bemdita — a piedosa irmã Luz, que se não cansava de iluminar diàriamente o universo, desde o princípio do mundo. Era para merecer o perdão de imaginários pecados, que o angélico santo de Assis dormia ao frio e à chuva, mal agasalhado pelo seu hábito e devorado por chagas, se rolava nas cinzas e no cisco, para abater de vez uma soberba que não existia e para mais se humilhar! . . . Rosina Storchio tem em São-Francisco um eloqüente e memorável exem-

plo — e, seguindo-o, chegará mais tarde ou mais cedo às alvoradas da santificação.

No entanto, conseguiria esquecer inteiramente o brilho que dourou os seus dias volvidos? Ignoro-o. Por mais severo que fôsse o seu exame de consciência, não julgaria ela dispor duma fôrça e duma vontade apenas superficiais e que a traírão no primeiro momento em que tiver de ser posta à prova? A lenda de certo monge que fôra um grande pecador e que fugiu para o deserto no intento de se penitenciar e de se purificar, dedicando-se ùnicamente a Deus, é edificante. Durante anos seguidos, o rude anacoreta, emagrecido, mirrado como um sarmento, alimentando-se de raízes e da água das nascentes, que bebia de borco nos regatos, foi perfeito, levando o seu tempo na contemplação duma cruz e duma caveira e lendo contìnuamente o pergaminho engelhado em que estavam escritos os textos sagrados. Reavivando os dias mortos como quem na bôca reaviva o sabor dum fruto perfumado, o solitário chorava perdidamente. As lágrimas caíam-lhe em fio pelas faces enrugadas, só de se lembrar das horas tão mal gastas, contaminando-se das lepras do vício, quando afinal poderia viver nos jardins refloridos da virtude. Então, redobrava de violência para com êle próprio, castigando-se com rudeza, ferindo-se no peito, nas costas, nos braços, com agudos cilícios, até que o sangue rebentasse.

A pouco e pouco, porém, foi sossegando. Já o não atormentavam sonhos maus ; já visões pavorosas não lhe perturbavam os seus sonos reparadores.

De-certo que Deus lhe perdoara, ao cabo duma tão rigorosa expiação de culpas essencial ao resgate! E começava a entrever as paragens paradisíacas, os espaços resplandecentes povoados por anjos de beleza maravilhosa, batendo as asas níveas e erguendo nas mãos diáfanas ramos de açucenas, quando repentinamente a garra do Inimigo baixou sôbre êle, empolgando-o. Na realidade, o eremita que se considerava liberto de tentações, foi invadido por uma tentação diabólica que não pôde dominar. O seu corpo, sempre tão submisso, revoltava-se num instante: e o penitente rolou, aos uivos, sôbre o chão, beijando as pedras que tinham, para a sua cegueira de alma, a nívea redondeza de seios femininos, deixando escapar da bôca as palavras mais imundas, chamando as mulheres que na mocidade conhecera com tôda a sorte de nomes ternos, melodiosos e melífluos! E só por isto, o monge perdeu o céu, no seu derradeiro momento...

Bem sei que a tentação de Rosina Storchio, — se o Grande Exilado, que foi o maior terror da Idade Média lhe cobiçasse a alma e desejasse perdê-la, por isso mesmo — seria bem diferente da do solitário a que aludi. Nunca a música suave da sua voz invocaria o nome daqueles a quem ela tivesse inspirado paixões.

Oh! mas há uma coisa que a sua vaidade feminil gostaria de relembrar, em instantes em que o regresso ao passado, pela fantasia, será grato aos próprios justos: — a recordação dos triunfos colhidos e que tanto elevaram as personalidades, em

desvairados minutos de orgulho. Quem sabe se Rosina Storchio, uma tarde, ao desfalecer gradual da luz, quando as sombras começam a amontoar-se aos cantos, estando ajoelhada em face do Cristo crucificado, não começará a despertar, como quem aviva o lume duma brasa entre frios carvões, aquelas noites magníficas de ópera em que ela, arrastando as longas caudas de sêda, sob a claridade que baixava das luas eléctricas, nos palcos, era entusiàsticamente aclamada pelas plateias, num rumor vitorioso, recebendo, com as salvas vibrantes de palmas, os *bouquets* orvalhados e olorosos e até as ofertas valiosíssimas, acompanhadas de bilhetes perfumados por uma gota de aroma! Ah! então, todos os binóculos das frisas e dos camarotes, ocupados pelas requintadas aristocracias, se fitariam nela, para a observarem traço a traço; os homens louvariam, certamente, a sua fascinante formosura, junto de outras mulheres soberanamente lindas e que a inveja torturaria. E depois, quando entrasse no seu camarim, sorridente e com os olhos brilhantes, iria encontrá-lo cheio de flores como se por ali tivesse deslizado uma primavera edénica — e as jóias dardejantes de pedrarias faíscariam, scintilariam, sôbre o mármore do seu toucador, perto do espêlho!

Ao deixar o teatro onde acabava de conquistar mais uma vitória devida ao seu talento e aos seus dons artísticos, ainda seria, outra vez, aplaudida pelos admiradores: — e na manhã seguinte, com mais rosas, mais cartas, mais presentes, logo ao acordar, ser-lhe-iam entregues os jornais que escrevem dia a dia a história da existência humana

em tôdas as suas manifestações e que, para a elogiarem dignamente, escolheriam as palavras que apenas costumam empregar-se para falar de Deus e das religiões!

Oh! êstes episódios nunca se olvidam: — e creio bem que Rosina Storchio, que correu todos os teatros da Europa e da América, entre saüdações veementes, os não varrerá da sua memória como quem varre para a rua inúteis fôlhas de rosa que secaram, de que já se não exala perfume e que são, portanto, tão inúteis como um lixo que para nada presta.

Ora, o Demónio que cada ser consciente trás dentro de si e que está sempre à espreita dos actos inferiores para dêles se aproveitar, pode muito bem comprometer a redenção definitiva da eminente cantora doutrora, aviventando-lhe na emoção casos semelhantes, de que a biografia de Rosina deve ser abundante, quando ela estiver ajoelhada ante a Virgem, implorando-lhe protecção, e perturbando-lhe os sentidos a tal ponto que não seja a promessa inefável da magnânima Mãe dos Homens que ela ouça, mas o ruído glorioso das ovações antigas, as exclamações admirativas, o arrulhar dos beijos que os espectadores, deslumbrados, lhe atiravam na ponta dos dedos!... E se isto acontecer, será pena, porque Rosina Storchio foi para o claustro com uma sinceridade comovente. Tendo ido cantar, numa cerimónia religiosa, à igreja de São-Francisco, em Assis, experimentou tal impressão que dali em diante não meditou em mais nada. A vida claustral chamava-a com uma doçura a que ela não conseguiu resistir: — e a sua conversão es-

piritual foi, certamente, um milagre maviosíssimo do « Poverello » .

Todavia, Rosina Storchio devia esperar mais algum tempo, justamente como Gabriel de Annunzio que, tendo visitado um mosteiro de frades, esteve quási disposto a vestir o hábito monacal e que mais tarde, em outro estado de alma, resolveu continuar a ser pecador. Muitas vezes, os próprios impulsos para o céu são determinados por sofrimentos irremediáveis . . .

O dançarino — eis o grande triunfador

Na Europa da decadência — e creio que também na florescente América — o bailarino está sendo uma das requintadas individualidades modernas que o gentil mundo das mulheres de cabelos cortados e cigarrilhas *bout d'or* nos lábios vermelhos mais discute e admira. O dançarino profissional, flor das salas aristocráticas, das tumultuosas capitais e dos *dancings*, é, como o bolchevismo, uma das extraordinárias criações dos primeiros anos que se seguiram aos horrores da guerra, quando uma admirável mocidade que seria talvez portadora dum novo ideal de beleza e duma nova arte, morria èpicamente, em tôdas as frentes de batalha. Cansada de sofrer, torturada por uma dor que não lhe concedia doces momentos de serenidade e de consolação íntima, a população ocidental, ainda

desvairada de espanto e tendo no fundo das pupilas a imagem das trágicas hecatombes, em vez de mergulhar profundamente numa vida interior de meditação ou de sonho, para mais fàcilmente esquecer, entregou-se a tôdas as exaltações e a todos os delírios do gôzo material. À crise imensa do espírito e da inteligência, que deixava desertas as bibliotécas, os laboratórios, os centros de estudos, correspondeu um luxo esplêndido, fazendo o maravilhoso scenário do amor e da graça feminina, a animação prodigiosa de todos os pontos de reünião : — teatros, exposições, salões de concêrto e de baile, festas mundanas, recepções solenes, corridas de cavalos, praias, termas, tudo, enfim, quanto se prestasse para a sumptuosa exibição das tentadoras filhas de Eva que seriam capazes também de perturbar, no nosso tempo, a suave pacificação do Éden Terreal e de se deixarem seduzir pela serpente simbólica, enroscada no tronco da árvore da sciência do Bem e do Mal.

A conflagração europeia foi, na realidade, uma renovadora formidável. Aos que se isolavam para melhor se concentrar, visionando os intermúndios do pensamento e as regiões das eternas claridades, convidou-as ela a procurar a verdade nos planos exteriores — porque era justamente aí que a encontrariam, lançando para o alto a sua canção de alegria e confiança. Para que havia o ser consciente, saído da mais dramática das carnificinas e dum sorvedouro de sangue, de exacerbar o seu sofrimento e de intensificar a sua angústia, pela lucubração de idealismos sem raízes na realidade tangível ? Viver não era procurar a solução dos gran-

des problemas morais, mas aspirar à flor do prazer todo o seu aroma perturbador como um vinho excitante . . .

E as multidões que o conflito armado acossára como alcateias, forçando-as a debandadas lúgubres, obrigando-as a êxodos dolorosos depois de lhes destruir as habitações pela metralha e pelos incêndios, aceitaram êste conselho. Despovoaram-se os templos, mas aumentou imensamente a concorrência das casas de chá, em que se servia, com o perfumado líquido côr de ouro e os bolos finos que a gulodice do Fatal Feminino não dispensa, o *fox-trot* ou o tango, ao som áspero dum estridente *jazz-band*. A elevação espiritual da prece—que sabe o caminho do céu e que, com suas asas imateriais, vôa para o azul — foi substituida pelas caprichosas volutas da dança desenhando sôbre os fofos tapêtes, com seus ligeiros pés calçados de verniz ou de setim, as curvas graciosas ou as complicadas espirais. Os galanteios de D. João — que continua a errar pela terra, com a pluma branca no gorro de veludo preto e a mão nos copos da espada, seguindo o sulco luminoso dos passos de D. Elvira ou D. Ignês — foram escutados com atenção maior do que os ensinamentos dos livros em que se encontra arquivada tôda a sabedoria humana colhida através dos séculos. A existência perdeu o encanto subtilmente emotivo do recolhimento em que o ser pensante fazia o seu severo exame de consciência, e ganhou enormemente em coloridos e em originalidade de formas . . .

Sei perfeitamente que em tôdas as épocas civilizadas houve bailarinos que os olhos cândidos das donas fixaram em êxtase. O marechal de Brissac, por exemplo, além de ser um herói que nos campos de batalha fez brilhar à luz o aço da sua espada, foi também um ágil e infatigável dançarino, levando esbeltamente, pelas pontas dos dedos rosados e faíscantes das pedrarias dos anéis, as sedutoras duquesas ou curvando-se, na languidez dos minuêtes ou na solenidade das *gavottes*, sôbre os ombros de brancas carnações das condessas, para lhes murmurar num beijo, ao ouvido, um malicioso madrigal.

Oh ! mas o bailador de hoje é muito diferente do doutrora. Entre tôdas as preocupações em que as nacionalidades se debatem, essa floração dos dias decadentes não se preocupa com cousa alguma — a não ser dar à perna. Dançar é a sua profissão : e por essa profissão estranha será adorado pelas andorinhas do mundanismo que freqüentam os *dancings* ou pelas rosas de carne adolescentes que aparecem, como figurinhas angélicas de Memling, pelos bailes em que se mostram, numa pompa, as raças finas ! Porque o dançarino, que é frívolo, banal, que não possui a menor cultura e que a maior parte das vezes deve aos alfaiates e aos cabeleireiros a elegância das suas exterioridades, entra em tôda a parte, ùnicamente pelo prestígio dos seus dons coreográficos : — nas celebrações das embaixadas, nos alcáçares, nos *boudoirs* e até nas mais recatadas alcovas ! . . .

Tôda a gente o terá visto, em noites de magni-

ficência e de faustosidade ou em tardes douradas, pelas vivendas nobres das cidades ou pelas estâncias de saúde e de recreio, vestindo como um Jorge Brummel actual, um pouco pálido, irrepreensìvelmente penteado e barbeado, dando infinitas voltas cheias de ritmo, com uma dama nos braços. Tem uns olhos negros e fatídicos de personagem de *lord* Byron — mas não conhece, de-certo, a literatura inglesa nem a história galante das amantes de Carlos II. Por via de regra, ignora tudo, desde a poesia lírica às sciências filosóficas e sociais. E não tem, evidentemente, a ironia do senhor de Arouet ou o humorismo de Thackeray.

Sob êste ponto de vista, é muito inferior ao dançarino doutrora, que manejava a agulha de ouro do espírito com a destreza dum Lauzun, dum Polignac, dum príncipe de Ligne.

No entanto, o bailarino actual — a quem o filósofo J. Joubert não atribuïria, certamente, a nobilitação das coisas grosseiras e a degradação das coisas heróicas — exerce com relêvo uma função social que ao menos se caracteriza pela gracilidade de movimentos. É, além disso, um elemento ornamental interessante, veste a casaca como a vestiria um Buckingham do século XX, tem maneiras, tem delicadezas de convívio, é duma rara cortezia e ninguém se curva mais graciosamente, para oscular uma branca mão feminina que se lhe estenda!

Não é, de-certo, um dêsses conversadores de génio que a França de Luís XIV e Luís XV conheceu, que representaram uma das mais vivas florações intelectuais dos séculos XVII e XVIII e que

tanto encantaram *Madame* de Sévigné. Contudo, o bailarino da actualidade fala com certa correcção, sempre que se trate de coisas fúteis que não obriguem a pensar e sabe depôr gentilmente, num brando e morno regaço de sêda, uma rosa madrigalesca, de quando em quando.

Notava recentemente um cronista ilustre que êste tipo especial da vida de hoje é desdenhosamente olhado pelos homens que se isolam dos alaridos exteriores, para que nada sobressalte a realização da obra que vão construindo. Em compensação, as mulheres não o dispensam, exigindo-o imperiosamente em tôda a parte onde vão espairecer os seus ócios ou apaziguar os seus tédios, preferindo-o nìtidamente às individualidades mais célebres nas letras, nas artes ou nas sciências ou às que tenham ascendido, pelo talento, pela virtude, pela heroicidade, aos mais altos e iluminados cimos. Afagam-no mesmo com a ternura com que afagariam os seus cãezinhos de colo — bolas alvas de algodão em que scintilam as contas pretas dos olhos. E esta preferência do Eterno Feminino indemniza-o de tôdas as humilhações que o sexo forte lhe inflige — por ciúme, talvez! . . .

O boneco animado, de calças rigorosamente vincadas, de meia de sêda mordendo a pele duma perna irrepreensìvelmente modelada e de sapatos de polimento, é tratado com crueldade pelo romancista Marcel Prévost, o escritor das subtis psicologias, que o compára a um aventureiro sem escrúpulos, capaz de tôdas as canalhices. Nem por

isso, todavia, êle deixa de triunfar nas salas da aristocracia ou nos *dancings*, desempenhando o seu papel que é muito mais complexo e difícil do que superficialmente parece.

O profissional da dança tem de parecer um perfeito *gentleman*, atirando com agilidade o pequenino pé ou expondo-se, nos momentos de repouso, em atitudes plásticas próprias para inspirarem uma estatuária ou uma pintura que tivesse Bouguereaud por mestre.

Todo o seu sucesso está nestas atitudes que tanto impressionam a alma romântica das damas ; na simpatia dum rosto que um barbeiro inteligente comporá de maneira a imprimir-lhe uma expressão que possa acender paixões ardentes e no requinte supremo com que dança, embalando amorosamente nos braços os corpos flexíveis quási desfalecidos dos seus pares que a coreografia enlouquece.

Ah ! o dançarino que naturalmente merece fuzilantes sarcasmos das personalidades viris que não vivem nas atmosferas dissolventes e langorosas em que rugem as sêdas, arfam os seios e se respiram fragrâncias excitantes, é um grande triunfador da nossa época em que tôda uma sociedade se subverte. Ganha quanto dinheiro quere, sem ter de rapar as paredes interiores do crânio, à procura da limalha de ouro do pensamento ou da originalidade artística. Instala-se nos famosos hoteis só procurados pelos multimilionários que, para satisfazerem a mais fútil das suas fantasias, dissipam descuidadamente dinheiro aos punhados. Vive na vertigem deslumbrante dos chás aristocráti-

cos, das *garden-parties*. Escolhe as suas amantes onde as escolhiam outrora os gran-duques russos e espanta as ruidosas capitais com as exterioridades da sua opulência.

Os joalheiros de Paris, de Roma, de Londres, de Berlim, sorriem-lhe com a afabilidade com que distinguem os seus melhores clientes. Nas alfaiatarias em que o bailarino vai encomendar indolentemente os seus fatos, entram os *land-lords* mas não entrariam, se vivessem ainda, nem Baudelaire, nem Barbey d'Aurévilly, nem mesmo Óscar Wilde ! As ingénuas rôlas elegantes sentem bater, por êle, apressadamente, o coração, seguindo-o, fascinadas, nos bailes em que êste D. João de Mañara da hora presente se destaca salientemente, pela roupa de bom córte, pela impecabilidade do nó da gravata, pelos fogos surdos das pérolas dum belo íris oriental que ardem nos lácteos e pulcros peitilhos das suas camisas, pela distinção da linha corpórea ! Os romancistas como Paulo Bourget, o das penetrantes análises de *Le Disciple*, modelam, por êle, os tipos centrais das suas novelas, impondo-se pela urbanidade de costumes e pela fidalguia de sentimentos.

Que mais poderiam os dançarinos ambicionar — êles que são os confidentes das donas namoradas, que se inclinam ao seu róseo ouvido, na veemência dos tangos, para lhes sussurrarem, em voz baixa, sempre escutada com enlêvo, tôda a sorte de meiguices e que, mais felizes do que os cortesãos das extintas realezas, nunca deixaram de ser atentamente escutados e diligentemente atendidos ? Para êste irresistível príncipe dos *dancings*, de

quem pinto, nestas palavras, um bem ligeiro retrato, não há deferências que a Europa que se diverte não tenha.

Êle é, incontestàvelmente, a mais bela das suas actuais criações e a que mais apaixonadamente se discute. É pêna que o seu poderio dure ùnicamente enquanto lhe dura a mocidade. Quando a sua vida entra no outono, o resplandecente trono dêste potentado — em quem o Doutor Fausto daria bengaladas, antes de conhecer Margarida — desaba com fragor! . . .

O Fatal Feminino e os seus exageros

No estranho desejo cada vez mais intenso de se masculinizar, a mulher, flor de graça que a Beleza aureolou como às divindades antigas, está praticando excessos clamorosos que apenas contribuem para a tornar grotesca ou para a expor às ironias cruéis dos homens — que ela sempre considerou seus senhores, seus déspotas, seus tiranos e que apenas teem sido seus dóceis e obedientes vassalos.

Desde que saíu do repouso, da purificação, da paz do lar, em que reina omnipotentemente, para as revelações e para a publicidade das ruas, o Fatal Feminino perdeu tôda a noção das proporções e da medida, transformando-se completamente na moral, nas atitudes plásticas, no vestuário.

Outrora, realmente, procurava esconder a sua carne esplêndida que dir-se-ia talhada por cinzéis

helénicos em Paros luminosos e hoje todo o seu cuidado é revelá-la às admirações, talvez porque se trate de uma pura obra de arte animada do sôpro vital, como a estátua de Pigmaleão. Os seus vestidos que eram antigamente discretos, guardando ciùmentamente a impecabilidade das linhas corpóreas, sem nada deixarem transparecer da sua perfeição e do seu supremo encanto, são, hoje, duma indiscrição audaciosa. Alguns dêles deixam as damas soberbamente nuas, nos teatros, nas reüniões mundanas, nas solenidades, nos salões de baile — oh ! mais nuas do que a raínha de Saba, na maravilhosa noite em que o Demónio a levou à cabana de Santo Antão, em pleno deserto, para que ela concitasse ao pecado uma nobre alma sublimada de tôdas as impurezas terrestres, por longos anos de penitência, de êrmo e de oração, prosternada ante uma cruz e uma caveira.

Santo Antão, sentindo as ciladas de Satan, reagiu e salvou-se, já quando uma profunda comoção sensual lhe perturbava as faculdades, amolecendo-lhe a vontade que sempre fôra poderosa ; mas os indivíduos dêste nosso século em que os últimos santos empalidecem, desaparecendo para sempre, êsses adoram as tentações de que os solitários fugiam com terror, refugiando-se nos paraísos da prece.

O Efémero Feminino, actualmente, dá a impressão de não viver para outras coisas que não sejam as pompas scenográficas, as ostentações do luxo, as singularidades de tôda a ordem, manifestando constantemente um frio desdém pelas convenções sociais.

Surge feèricamente, entre sêdas, rendas, setins, peles e no meio da fulguração das pedrarias, nos logares do bom tom das cidades onde se cultiva a fina floração do gôsto — não para ser louvado pelos seus dons intelectuais ou pela pureza das suas virtudes, mas para que o admirem e o saúdem com palavras veementes.

Passar desapercebido seria para êsse Efémero Feminino dos sarcasmos de Fradique Mendes uma verdadeira fatalidade, sobretudo quando êle, ao sol romântico das tardes, faz a iluminura dos decorativos bairros urbanos !

Para que seja notada com alvorôço e seguida com interêsse por todos os olhares, a mulher actual, em plena florescência da mocidade e, portanto, em pleno triunfo, será capaz dos actos mais ousados e mais extraordinários.

O homem, presentemente, é a sua obsessão. Já não quere apenas igualá-lo : — pretende, acima de tudo, ultrapassá-lo, tanto nas afirmações da inteligência ou da arte, como nas conquistas da sciência.

Procura continuamente confundir-se com êle. As suas saias cada vez se parecem mais com calções ; as suas *corsages* transmudaram-se em *smokings* ou em quinzenas com bolsos para o lenço e para a charuteira.

O pescoço que essa mulher adorável ainda há anos exibia completamente livre de qualquer tecido que o prejudicasse na sua modelação esplendorosa, desaparece agora dentro do colarinho gomado !

Ela traz gravata de côres estridentes, bengala, luvas grossas, chapéu de aba larga. Se no seu lábio, em que a asa dum sorriso ou uma colerazinha adejam contìnuamente, crescesse um bigode louro, castanho ou dum negro retinto, ela seria, pelas exterioridades, não um dêsses casquilhos que, na sumptuosa côrte dos Valois, traziam pérolas nas orelhas, mas um verdadeiro homem, forte, enérgico, resoluto, de modos decididos.

Vão longe as épocas em que as donas tinham mêdo das coisas mais cândidas ou inofensivas. Então, ao saírem do doce recato das suas vivendas para ir à igreja ou a casa de pessoas de família, escolhiam de preferência as ruas mais desertas, os passeios de mais densa sombra, as meia-tintas, as penumbras que lhes permitissem passar sem que os curiosos nelas reparassem.

Actualmente, procuram para os seus passeios os logares mais ruidosos, as avenidas mais freqüentadas, as praças em que as multidões se concentram. O que elas mais ambicionam é que as vejam : — e não desgostam mesmo de ouvir cruzar-se os galanteios no seu caminho ou de que lhes atirem a flor dum madrigal. Enfim, são outras eras, aquelas em que vivemos.

O Fatal Feminino emancipou-se e não se esquece de dizer a tôda a gente que é livre ou de fazer gala dessa liberdade, tão laboriosamente conquistada, através de séculos de áspero combate. Oh ! mas o que eu não sei é se a mulher de hoje será mais amada e exercerá um domínio maior do que a de ontem. Creio bem que não. A primeira é de exterior, uma obra prima criada pela natureza

para ser admirada por tôda a gente que a encontre na rua; a segunda era puramente de interior e nascera para devotar-se, com um espírito sublime, à abnegação e ao sacrifício, para ser a espôsa leal, a mãe amorável, a guarda tutelar dos berços em que dormem anjos rosados e louros. E quantos afectos a rodeavam, em que atmosferas de ternura se movia harmoniosamente, como era grande o seu prestígio de soberana, no pequenino reino em que tinha um trono! Esta mulher excelsa nunca pôs monóculo, como as de agora, nunca trouxe as saias pelos joelhos, nunca fez a *étalage* audaz das suas carnações, nunca discutiu com os sábios problemas filosóficos de alta transcendência. No entanto, fruiu um culto duradouro e sincero — ao passo que a sua irmã actual, embora deixe atrás de si, ao passar, um rastro de luz pela esplendidez da sua formosura, em breve se some para sempre, sem que torne a ser relembrada.

A que exageros humorísticos chegam, na realidade, certas rosas do Feminismo! Pensando a todos os instantes em reivindicar para si aquilo que ao homem já pertença — mesmo hábitos detestáveis — começou um dia a fumar, soprando o fumo com a sua bôca bela como as das Madonas de Fra-Angélico.

Isto, que fez desmaiar de terror algumas Evas já muito para além dos primaveris vergéis da adolescência e que vinham da simplicidade e das canduras do passado, produziu um vivo escândalo; no entanto, a pouco e pouco, tôda a gente se foi

costumando à scena que tanto riso ou tantas irritações desencadeara primitivamente, nas criaturas púdicas e de severos costumes. Por fim, era até interessante ver, depois dum jantar, num hotel de luxo ou num restaurante onde se reúnem as elegâncias, uma ou outra dama abrir a sua cigarreira de ouro cravejada de pedrarias, tirar uma cigarrilha de ponta dourada ou côr de rosa, acendê-la com um movimento gracioso e fumá-la numa indolência mussulmânica, estirada numa larga *Maple*, ou num sofá de molas flácidas, por entre espirais dum fumo azulado e que perfumava o ambiente.

Havia, sem dúvida, uma certa graciosidade e um certo requinte nessas fumadoras a que tão bem ficava, no vermelho cravo dos lábios, o cigarro aromático! E foi, talvez, por isto que o viciozinho galante se generalizou, não hesitando as mulheres, novas e vélhas, em fumar até nos teatros e ao ar livre.

As multimilionárias americanas, as opulentas inglesas, as princesas alemãs, fumavam sem cerimónia nos jardins do teatro lírico de Munich, nos intervalos em que passeavam pelas ruas areadas, no esplendor das suas *toilettes* de lhama de ouro ou de prata, reluzindo ao luar, depois de terem ouvido a musica de Wagner no *Ouro do Rheno* ou no *Siegfried*...

Ah! mas actualmente, as mulheres não se satisfazem apenas com a cigarrilha ligeira *bout d'or!*

Algumas aventuram-se já às famosas ousadias do charuto, como banqueiros ilustres depois duma ceia com *champagne* e bailarinas de Ópera! E co-

meçam mesmo a surgir à luz translúcida e purificadora do dia as damas que fumam — cachimbo, como *Mimi-les-Bottes*, e que o trazem arrogantemente nos dentes com o orgulho com que ergueriam nas mãos um scetro ! Oh ! mas o cachimbo, que o próprio conde d'Orsay atiraria pela janela fora, na época em que freqüentava os salões dourados de *lady* Blenigton, é inestético ! Além disso, deforma-lhes a bôca deliciosa em que tantas vezes se destila o veneno da mentira ou o doce e claro mel da verdade. Que um pedreiro o use, está bem — mas que a divina Afrodite, feita de espumas e de pétalas de rosa, o ponha de lado. Afrodite, acima de tudo, tem de defender a sua beleza, que lhe dá a vitória suprema !

Os Museus e a educação dos povos

Eu sou ainda do tempo em que, no meu país, fora das correntes literárias, a arte apenas encontrava uma reduzida minoria de devotos que para ela viviam isolados como eremitas, vibrando das suas emoções intensas e não descendo nunca aos desordenados tumultos ou às preocupações e às frivolidades da rua, para não macularem a pulcritude e a doce ternura do seu sonho.

As letras, na realidade, possuiam as suas legiões apaixonadas que de quando em quando se envolviam em batalhas em que as rimas coruscavam ; os seus fanáticos ; os seus paladinos cheios de mocidade e audácia, fantasiando ardentemente, idealizando uma glória que se esvaía em fumo, ao cabo dalguns anos de combates em que os idealistas eram tristemente vencidos pela realidade.

Não é sem uma profunda saüdade que eu relembro êsses dias já distantes, as horas entusiásticas em que os moços da minha geração — que vão entrando, ai ! de mim, no entardecer da vida ! — reünidos à volta da mesa dum café ou duma *brasserie*, julgavam espavorir os cultores das vélhas formas e das escolas antigas, com as suas inovações ousadas — em que nunca enflorou uma primavera renovadora. É quási certo que jàmais alguém repararia, mesmo por simples curiosidade, nesses rapazes de melenas longas e desvairada fé, que celebram constantemente o seu sincero culto a Baudelaire e a Rollinat, a Flaubert e aos Goncourt ; que rimavam alucinadamente as suas aspirações em bocados de papel e que, entre um cigarro e um cálice de *cognac*, imaginavam criar, na veemência da palestra improvisada, uma nova estética e uma nova filosofia, com a ilusão admirável de que tôda a gente que ia passando parava por instantes para escutar as suas eloqüentes palavras, as suas afirmações sonoras, o verbo com que faziam maravilhosas revelações. Os vinte anos teem dessas soberbas confianças, tanto em arte como no amor ! . . .

Em quantas dessas almas de então, em quantas dessas juventudes em flor que eu conheci transbordantes de entusiasmo e de generosidade, ficou pulsando duradouramente a crença doutrora ? Não sei. Mas o que não ignoro é que a idade, as desilusões, os conflitos em que contìnuamente se emaranha a existência actual, a melancolia infinita que é um dos mais dissolventes males do nosso século, conduzem os seres conscientes para um esteriliza-

dor e irremediável scepticismo que deixa as almas vazias.

Todavia, para além das controvérsias de literatura, que ainda exaltavam os espíritos, tôdas as outras questões artísticas não interessavam as atenções dos que então iniciavam a sua peleja para a conquista duma carreira — e sobretudo duma celebridade. De-certo que se não desconheciam os nomes dalgumas personalidades ilustres vivendo no amor da arte e das suas mais nobres e puras criações. No entanto, quando essas personalidades se mostravam à clara luz do dia, os irreverentes dos Cenáculos literários consideravam-nas individualidades estranhas, o seu tanto maníacas, cristalizando na admiração duma téla, dum bronze, dum mármore, dum trecho arquitectónico, dum móvel, duma peça de cerâmica de côres brilhantes e elegante galbo, duma jóia legada pelo passado — e absolutamente afastadas de todo o calor da solidariedade humana. A nós, que víamos a existência por um outro prisma, parecia-nos extraordinário que o ser pensante negasse aos seus semelhantes uma afectividade que ligava às coisas inertes, quando à sua roda havia tanto sofrimento, tantas lágrimas a enxugar e tantas dores esperando pelas suavidades da consolação — sensibilidade despertada nos que então começavam a viver pelos livros de Dostoiewsky.

A crítica de arte não existia fora dos trabalhos de dois ou três escritores que a exerciam para um reduzido número de discípulos : — e os publicistas que tenazmente feriam o seu recontro pela educação artística nacional, se os havia, emudeciam de-

pois de terem observado a inutilidade do seu esfôrço.

Lentamente, porém, foi amolecendo e fundindo o gêlo desta indiferença, o que denuncía claramente uma subtilização do gôsto. As curiosidades iniciais transformaram-se em sensações intensas e êste facto originou um movimento fecundo. Actualmente, os assuntos desta ordem superior são defendidos, na minha terra, por tôdas as entidades de inteligência penetrante e de vasta cultura. Em algumas dezenas de anos, deu-se um grande passo para a frente.

Não faço, certamente, uma descoberta nem revelo uma idea original, afirmando que a arte exerce uma alta influência na educação dos povos. Esta verdade, há muito tempo expressa, está hoje perfeitamente verificada, e tôdas as pátrias que vão na vangnarda das aspirações humanas a reconheceram e aceitaram como um princípio indiscutível.

Quem se entregar ao requintado prazer duma viagem pelas mais prósperas e civilizadas nacionalidades da Europa, poderá ver que, em tôdas as cidades de relativa importância, pelo seu comércio, pela sua activa lida fabril, pela elevação do seu ensino, se encontrarão museus onde estão representadas, pelas pinturas e pelas esculturas expostas, as mais célebres escolas de todos os tempos, e museus de história onde tanto os reconstituïdores como os intérpretes de éras extintas depararão os materiais subsidiários para as suas reconstituïções, em

armas, trajos, mobiliários, olarias, tecidos, metais trabalhados, peças ornamentais, faianças, indumentárias, desenvolvidas secções de epigrafia, tudo, enfim, o que ao valor industrial dum determinado momento ou ao valor artístico intrínseco, alia uma saliente utilidade histórica.

Ao lado dêstes museus, indispensáveis para a cultura mental e estética das sociedades vitoriosas nos luminosos domínios da beleza ou para lhes servirem instrutivas lições àcêrca da marcha ascendente da humanidade desde os dias remotos em que a flor do pensamento desabrochou no seu cérebro, haverá ainda outros de sciências físico-naturais que, com os que mencionei, completam uma obra perfeita destinada à ilustração do homem — ilustração essencial numa época como a nossa em que o triunfo pertencerá ao melhor apetrechado para a luta.

E como as nacionalidades que assim procedem teem a noção exacta da responsabilidade que sôbre elas pesa, com que vigilante cuidado procuram, sem repouso, enriquecer o pecúlio do seu saber! Os monumentos em que o génio de excelsos artistas mortos se prolongou, em linhas maravilhosas e em formas excepcionais, são amorosamente conservados, como páginas duradouras do livro formidável da vida; os edifícios que encerram as obras primas da pintura ou da estatuária; os seus documentos de arqueologia, de etnologia e de etnografia; as suas bibliotecas em que se arquivam os conhecimentos que o homem sagaz pacientemente adquiriu, através das idades, pela meditação, pela observação directa, merecem uma atenção que

nunca afrouxa, por mais perturbantes e destruïdoras que sejam as crises que os povos atravessem, na sua evolução para o futuro.

Nos domingos calmos, nos tranqüilos e saborosos dias de folga, a cada instante se vêem operários de mãos rudes e deformadas pela violência da labuta, com as mulheres e os filhos, pararem diante de télas dos pintores mais célebres, explicando-as com uma lucidez, uma facilidade e uma perspicácia de compreensão que, em certos países, não possuem muitos diplomados! Êsses operários discutem com perspicácia e formulam os seus juízos críticos com evidente consciência.

Na França, na Alemanha, na Inglaterra, na Suíça, na própria Espanha, os governos dispendem fabulosas quantias com êstes Estabelecimentos que se não podem hoje dispensar como elemento civilizador. Em Portugal, no entanto, nem sempre se pensou como actualmente se pensa, do que resultaram um desdém e uma atonia que causaram males irreparáveis porque fizeram com que os coleccionadores ou os que exploravam as nossas raridades artísticas por conta de casas estrangeiras levassem lá para fora tudo quanto excitava as suas cobiças.

Ainda há pouco, nos vagares duma conversa com um apaixonado amador de *bric-à-brac*, eu lamentava que se tivessem deixado saír do país muitas preciosidades, como quadros, arcas, couros lavrados, talhas, peças de ouro e prata cinzeladas pelos antigos aurífices nacionais, compatriotas do

que nos deu a custódia de Belém e dos que nos legaram as navetas, as cruzes, os *porta-pax*, os vasos, os jarros, as bacias, os gomis, os incensórios que outrora eram empregados no serviço divino dos templos. Êsse homem, que é um arguto rebuscador de velharias, ao ouvir-me, exclamou :

— Já um dia, num museu inglês, me detive demoradamente perto dum móvel português do século XVII, igual a um outro que tinha em meu poder. Um amigo meu, de Londres, quis conhecer o motivo da minha observação minuciosa, e quando eu lhe asseverei que estava admirando um trabalho lusitano, disse-me, sorrindo :

— Portugal tem sido um dos nossos bons fornecedores !

E tem, certamente, não só da Inglaterra que se não fatiga de procurar pelos quatro cantos do mundo tudo aquilo que lhe convenha, como da França que, com Napoleão I no trono imperial, trazia atrás do seu exército invasor comissões de críticos para escolherem, nos países invadidos e vencidos, os quadros ou as esculturas dos mestres mais notáveis.

Nessas nações, de resto, a própria população se encarrega de fiscalizar o património artístico que as revoluções, as guerras, as comoções sociais não dispersaram : — e, se as julgam em perigo, apressam-se a resgatá-las, adquirindo-as por todo o preço para as oferecerem ao Estado. Há anos, por exemplo, abriu-se na Gran-Bretanha uma subscrição pública — que numa rápida semana atingiu milhares de libras — para comprar uma pintura de Holbein que o seu proprietário pretendia vender

à América do Norte — que não tem uma arte florescente e tradicional mas que conta com os cofres de Cresus trasbordantes dum ouro rebrilhante e fascinante com que contìnuamente tenta a Europa, despojando-se das suas maravilhas para enriquecer as galerias dos arquimilionários!

Já há muito que a Itália proíbiu a saída do seu território dos objectos artísticos que herdou dos séculos gloriosos. Em Portugal, fez-se recentemente o mesmo — quando a casa já estava saqueada! Só as guerras peninsulares nos arrebataram tôdas as raridades que a população das cidades investidas pelos invasores não conseguiu esconder ou não foi obrigada a entregar para defender a vida. O exército do comando de Junot — o famoso duque de Abrantes que a condessa da Ega tão finamente amou, e que havia de morrer doido, antes da definitiva queda de Bonaparte — levou daqui, além da Bíblia de Belém, mais tarde restituida, pratas que excediam o pêso de trezentas arrôbas! Eram salvas, serpentinas, castiçais, cruzes, crossas, vasos idênticos aos que surpreenderam, pela sua cinzelagem, o conde de Rackzinski, na sua viagem pela pátria portuguesa, cálices, tôdas as riquezas acumuladas durante os períodos florescentes de prosperidade, de bem-estar, de abundância! Quantas coisas incomparáveis menos pelo seu valor monetário do que pela sua beleza, se perderam para sempre, a-pesar dos franceses de Junot, ao cabo duma curta tirania, serem impelidos nas pontas das baionetas para a Espanha, onde caíram sob a *cuchilla* castelhana!...

Ah! mas agora reparo na minha interminável

divagação. Eu queria apenas frizar que as obras primas da arte são, presentemente, essenciais em todos os países civilizados para a educação do seu povo, a quem afinarão o espírito e que Portugal, onde apenas existem dois ou três bons museus, entre êles o das Janelas Verdes, em Lisboa, que é certamente o melhor, teria elementos para instalar muitos outros, se mais cedo se houvesse preocupado com estas questões que são duma actualidade flagrante, desde que se reconheceu, sem contestação possível, que uma pátria vale, exclusivamente, pela elevação do seu pensamento e da sua sensibilidade — isto é, pelo cérebro e pela alma.

A musa popular portuguesa

Na beleza e na doçura da tarde que descia dum céu azul e puro, uma rapariga do campo, de fartos seios estalando de seiva dentro dum colete de chita vermelha com ramagens brancas, canta idìlicamente, envolvida na luz dourada :

Oh ! meu amor de tão longe
Chega-te cá para o perto ;
Já me dói o coração
De te ver nesse deserto.

Em tôrno da camponesa que faz reviver no meu sentimento, com a sua canção romântica, não sei que finas, dolorosas e remotas saüdades, o silêncio é uma purificação. A leve aragem olorosa passa brandamente sôbre as relvas, arrepiando-as. Há uma tremura nas ramarias dos pinheiros duma

bouça próxima. Ouve-se, a distância, um ligeiro murmúrio de água — talvez alguma bica rústica escondida entre ervaçais e musgos verdes e correndo dia e noite. Tôdas estas coisas me enternecem, por um momento, a mim que tenho um temperamento de paisagista e que sou um aldeão.

A dois passos do sítio em que estou, junto dum vélho muro coberto por glicínias que, pelas vitoriosas alvoradas primaveris, desdobrarão ao sol, numa pompa, a sêda rôxa e branca das suas florações, avisto um banco de pedra. Sento-me, fecho os olhos para melhor me concentrar e, na religiosa paz do lindo dia que findava numa apoteose de claridade que dir-se-ia feita de ouro e de ametistas, de topásios, de carbúnculos e de ópalas dissolvidos num líquido forte, aí começo eu a pensar nas obras primas que a Musa rural, cantando ao desafio nas desfolhadas ou nas eiras, ao serão, sob a brancura do luar, cria espontâneamente, com uma originalidade profunda e uma vivacidade deliciosa, enquanto a voz da aldeã, fresca, virginal, bem timbrada, continua :

Se pensas que por ti morro,
Engana-te o coração ;
Eu não sou tão rabaceira
Que apanhe a fruta do chão.

Oh ! Henri Heine do *Intermezzo*, como tu acharias admirável a resplandecente agulha desta ironia, faíscando no esplendor dum maravilhoso lirismo!...

O som, vibrando um instante, morria depois vagarosamente, dissipando-se no vento como uma

ténue bruma, desfalecendo nas copas das árvores, na imensidade da campina rasa.

A essa hora pairava sôbre as coisas uma suavidade divina e da terra elevava-se para o alto, onde não tardariam a scintilar estrêlas, uma névoa quási irreal. A pouco e pouco, a solitude pesava mais, melancolizando a natureza que me atraía irresistìvelmente pela sua grandeza e pelo seu mistério.

Naquele instante especial, mais uma vez eu verificava que a canção popular em Portugal constitui nìtidamente uma arte admirável de simplicidade e de inspiração.

Nascendo da sensibilidade do povo tão naturalmente como os regatos correm e como os vergéis em flor se exalam em aroma, ou é uma evocação intensa ou uma confissão amorosa, uma emoção elegíaca, um sarcasmo penetrante, uma resplandecente sátira — e sempre uma revelação psicológica, denunciando claramente um determinado estado de alma, o que muito a valoriza. Ao seu ritmo, o tempo aligeira-se, desaparece tôda a monotonia, apaziguam-se os sofrimentos da nossa intimidade moral e até as ásperas e penosas labutas do homem com a terra fecunda que é preciso cultivar incessantemente para que ela dê o pão e as flores, deixam de ser tão duras.

É, de-certo, por êste facto que, em Portugal, como subtilmente notou Eça de Queiroz numa das suas páginas de arguta observação, todo o trabalho, desde o mais fácil ao mais extenuante, se faz ao festivo ressoar das cantigas.

Êsse pequeno e tão poderosamente expressivo poema lírico, tem uma bela história e uma tradição luminosa, a-pesar da sua ingenuïdade e da puerilidade que de quando em quando o caracteriza. Veiu até nós, através dos inquietos séculos e das sucessivas aspirações dos seres conscientes, com a sua graça constantemente renovada: — e quem sabe se não seria êle um dos primeiros fulgores que irradiaram da alma das multidões, depois de as ter alumiado e feito pensar por um instante! Porque desde a sua origem que a canção popular abrange, como a mesma poesia, o ciclo completo dos sentimentos.

Outrora, na Grécia — quando os Deuses ainda sorriam afàvelmente às criaturas, de cima dos seus altares e sôbre os templos consagrados ao culto arrulhavam meigamente as pombas — a canção destacava-se, sobretudo, pelo seu ar sério e triste, revestindo-se das formas rituais. Nos solenes cortejos de núpcias, em que se exibiam as adolescentes coroados de rosas, ou nos hinos em que se saüdava a ressurreição das alvoradas primaveris, abria ela a asa aurífera e sonora e soltava a música dos seus gorjeios para dizer as mágoas ou as alegrias dos corações sensíveis. E nunca faltava, também, nos préstitos fúnebres, atrás dos cadáveres dos heróis mortos, certamente para relembrar às Divindades presentes em espírito os dons excelsos ou as virtudes raras dos que iam dormir para sempre nos sombrios túmulos.

Nas nações actuais em que se não extinguiram totalmente as reminiscências da antiguidade, e em

especial nas latinas, a canção anónima, improvisada nas romarias, nas danças, ao zangarrear das violas, nos adros das igrejas, em dias de arraial, nas espadeladas, em todos os divertimentos dessa eterna criança que é a populaça — feroz em certas ocasiões quando se encontra organizada, psicològicamente, para o mal, por uma idea ou uma vontade que a unificaram — é duma delicada finura emotiva. Não se encontrará fàcilmente Musa campestre de mais requintado sabor lírico do que a portuguesa que eu me não aborreço de escutar quando ela desata o seu colar de rimas esplendorosas ou ri alto as suas zombarias duma veemência inexcedível na maior parte dos casos, pela sinceridade e pelo fundo subjectivismo.

Ainda há pouco eu me detive no meu apressado caminho, para admirá-la, sentado num banco de granito, sob os ramos duma glicínia a que o outono levára tôdas as fôlhas! Ela é sempre notável pela singeleza da composição sem artifícios, pela harmonia, pelo equilíbrio, pela intuïção passional, pela emotividade, pelo senso construtivo. Nas suas estrofes, melódicas como uma ideal música, não se encontrará o menor ressaibo de erudição. Dir-se-ia que é de ontem apenas e todavia já sôbre ela passaram centúrias.

A subtileza filosófica que lhe comunica um relêvo inconfundível desconhece por completo qualquer modêlo. Os poetas ignorados que, de bailarico em bailarico ou de desfolhada em desfolhada, a vão atirando aos alaridos da publicidade oral, não sabem, às vezes, ler, não estudam, não pensam longamente, analisando o rigor das suas observa-

ções. Alguns minutos de meditação lhes bastam, enquanto as harmónicas gritam estridentemente a as guitarras gemem, nas exaltações coreográficas! Não haverá sentimento de bondade, de candura, de inocência, de dúvida, de certeza, de fatalidade, de pezar, de angústia, de amor, de ódio, de maldade que ela não exteriorize lìmpidamente, em versos de forma ou perfeita e que dir-se-ia lapidada por joalheiros da poesia à maneira de Leconte de Lisle, ou bárbara, cheia de asperezas, de saliências agressivas, mas jàmais banal, vulgar, e denunciando contìnuamente ricas organizações dotadas da faculdade elevada e nobre de sentir. Além disso, o seu verbo, grosseiro ou facetado, alia sempre a côr à vibração da eloqüencia.

A Musa de colete de chita e com uma labareda de sol nos cabellos louros, enquanto vai segando a erva viçosa para o gado, continua cantando, sem suspeitar de que alguém curiosamente a escute:

No ventre da Virgem pura
Concebeu Divina Graça;
Entrou e saíu por ela
Como o sol pela vidraça.

Oh! quadra maravilhosa! Quantos artistas de excepcional valor dariam por ela tôda a sua obra paciente e laboriosamente realizada durante longos, fastidiosos anos, e como essa quadra lhes conquistaria a glória desejada com veemência! Durante algum tempo que ràpidamente foge sem deixar o

menor resíduo de fadiga ou de tédio, na minha imaginação brilhou com intensidade êste raio de sol que atravessa dum lado ao outro o mais espêsso vidro, o cristal mais grosso e resistente, sem nada romper na sua passagem. Que prodigiosa imagem, efectivamente, e como ela exprime com clareza a virgindade da doce e piedosa Mãe dos homens que, a-pesar da sua maternidade, ficou imaculada! E como não havia de ser o maior poeta de Portugal um povo criador de tais maravilhas que tanto servem para embalar berços inocentes em que repousam anjos puros, como para contar pezares pungentes de coração, ludíbrios, enganos, sonhos malogrados, ambições que jàmais se alcançam, ilusões que nunca chegarão a florir, dores ocultas, desdens fulminantes, sardónicos desprezos!

O folk-lore nacional é, sem contestação possível, um dos mais abundantes e variados de todo o Ocidente — condensando em si a extensa gama das paixões humanas, e encantará não só as mais exigentes feminilidades como todos os espíritos capazes de compreender e de amar a beleza. Neste folk-lore, feito não nas salas onde vivem, aninhadas entre magnificências, as sumptuosas e altivas aristocracias, mas pela província, ao ar livre, enquanto se lavra a terra para nela se proceder à sementeira das mésses, se vindimam, pelas vinhas, os cachos que hão-de encher lagares e adegas dum vinho a que Horácio não negaria as suas odes, se apanham os milheirais, se ceifam as searas, se realizam as sachas e as mondas, é uma perene fonte de beleza lírica que oferecerá as mais felizes horas de enlêvo . . .

Tudo isto eu considerava, enquanto a Musa rústica e loura entoava os seus hinos, na pacificação maravilhosa da tarde que esmorecia, ao passo que o sol se sumia no ocaso.

Vindos de muito longe, chegavam aos meus ouvidos sons de outras canções que raparigas de-certo apaixonadas e trazendo a desabrochar no peito, pela primeira vez, uma flor de enternecimento, iam cantando pelos carreiros, pelas congostas cheias de sombra, pelos atalhos, pelas várzeas, antes de recolherem a casa, ao cabo dum exaustivo dia de lida. Entendia perfeitamente algumas quadras dum elevado conceito filosófico ou dum humorismo sugestivo :

Passou no ar uma nuvem,
Todos dizem : — bem a vi !
Todos falam e murmuram,
Ninguém olha para si . . .

Mas a rosa divina da claridade afrouxava mais de momento para momento. Na atmosfera que escurecia pairava uma indecifrável tristeza. Gritos desgarrados cruzavam-se de quando em quando no espaço. Na dormente espiritualidade crepuscular, as Musas campesinas emudeceram, talvez para rezar, trocando o riso pela oração.

Levantei-me, saí do meio devaneio para reentrar na realidade das coisas e continuei o meu passeio que um tão original cantar interrompera por instantes, recordando todavia essas môças aldeãs que, mais repentinas improvisadoras do que os bardos que outrora concorriam aos outeiros dos

conventos, em horas folgazãs, à espera do mote e do pedaço de «toucinho do céu», feito pelas mãos fidalgas das freiras, são capazes de rimar, durante tôda uma noite, ao som das violas, as suas cóleras ou as suas afeições, numa linguagem magnífica pela clareza e pela energia da expressão, sem se darem por vencidas. E terminei a minha divagação, relembrando esta redondilha que Alfredo de Musset certamente assinaria :

Não me fales da janela,
Que te não ouço da rua ;
Fala-me antes das estrêlas,
Que eu vou ouvir-te da lua ! . . .

Uma ressurreição histórica

A História que sem repouso edifica pedra a pedra o monumento do Passado que há-de eternizar, nas realidades, nas incertezas, nas misérias ou nos esplendores do Futuro, os mais notáveis acontecimentos das épocas extintas, acaba de erguer das sombras misteriosas da morte uma doce figura de mulher que, antes de ser supliciada por sombrios sicários, numa célebre noite de horror e de massacre, foi caluniada furiosamente no seu espírito de abnegação e de sacrifício, na sua dignidade, na pureza dos seus sentimentos. Quero referir-me à última imperatriz da Rússia que a revolução comunista subverteu num tufão de sangue, com os derradeiros representantes da dinastia dos Romanoff.

Êste doloroso fantasma que tem errado por

todos os cerraceiros trágicos expondo a sua angústia e que outrora, nos tempos vitoriosos da sua vida terrestre, conheceu os maiores esplendores e os triunfos mais estridentes, ao ressurgir nos planos animados da existência actual, com o sudário esburacado pelas balas dos carrascos, vinha aureolado : — e, embora a sua voz, saída dum túmulo perdido, seja vaga como um sôpro, débil como uma pulsação, ainda assim foi duma eloqüência admirável ao revelar uma inocência e uma candura de alma que nem os seus mais implacáveis adversários conseguiram atingir e macular, a-pesar da lama e do veneno que sôbre ela arremessaram, nos longos dias duma luta em que se manifestaram tôdas as ferocidades.

Tenho aqui na minha frente, sôbre a mesa de trabalho, duas obras publicadas recentemente e que estão causando na Europa uma intensa impressão composta de graça, de encanto, de serenidade e conjuntamente de pavor, de pesadelo, de piedade aflitiva. A primeira, que constitui um documento histórico de alta importância, é o *Diário* de Nicolau II, escrito dia a dia durante mais dum quarto de século — e que encerra, além das impressões cotidianas mais vivas do imperador, um capítulo de ternura verdadeiramente idílica : o que narra as horas primaveris e maravilhosas do noivado do herdeiro do trono da Rússia — que havia de ser abatido a tiro por criminosos ébrios de sangueira, em Ekaterinemburgo — com a princesa Alice de Hesse. O segundo volume contém nada menos de quatrocentos cartas, tôdas elas extensas, que a imperatriz enviou a seu imperial espôso, de

vinte seis de abril de 1914, vésperas da formidável guerra que foi um vortilhão de fogo, de lágrimas e de pavores, a quatro de março de 1917, já com a revolução, em que a realeza se abismou, desencadeada nas ruas de São-Petersburgo: — e ninguém, por mais sêco e impassível em face das fulgurantes dores humanas, lerá as suas páginas sem que uma comoção profunda o trespasse e o faça estremecer.

Destas cartas, em que a alegria, a tristeza, o amor, a paixão, o terror, a dúvida, a incerteza, a lealdade, a constância, os mais nobres afectos, ascendem por vezes a um ponto culminante, ergue-se gloriosamente, sob o jôrro da claridade que lhe transmite uma pura beleza, a personalidade de Alexandra Feodorovna, que nasceu num tálamo principesco, foi embalada num berço de ouro, viveu entre riquezas e opulências de tôda a sorte, como soberana absoluta de cento e cinqüenta milhões de súbditos e expirou no meio da família para quem exclusivamente viveu, fuzilada por verdugos alucinados pela *vodka* e pelo fanatismo político. Nas obscuridades perpétuas em que desapareceu, essa dramática mulher — tão humilhada e ofendida, a-pesar-de lhe cingir a fronte o diadema radiante do maior dos impérios do globo — justifica-se completamente, demonstrando com perfeita nitidez que não foi excedida como espôsa, como mãe, como administradora da sua casa, como enfermeira dos filhos, se êles adoeciam, como protectora inefável de todos os que a rodeavam ou que dela se aproximavam e a quem acolhia sempre com um brando sorriso de afago . . . E também prova com evidente clareza que jàmais se envolveu

nos negócios do Estado, influindo na direcção das correntes da política interna ou externa — a não ser na intenção generosa de atender os que lhe solicitavam auxílio ou de pôr de sobreaviso o marido, ingénuo, sem subtileza mental, ignorando por completo, na sua intimidade moral, no valor da sua sinceridade, as pessoas que farandolavam macabramente à sua roda, estendendo para êle mãos ávidas, revelando apetites insaciáveis, intrigando, traíndo e escarnecendo-o sarcàsticamente. Fora disto, a encantadora neta da raínha Vitória de Inglaterra e a mais bela princesa da Europa, na sua mocidade, não ultrapassou nunca os limites que haviam sido marcados à sua entidade superior.

Uma das primeiras coisas que desde logo sensibilizará os leitores da correspondência da pobre imperatriz é a intensidade e a firmeza da sua exaltada adoração pelo homem poderoso e clamorosamente desgraçado que a levou, num enlêvo, pela mão até às sumptuosidades dum magnífico trono. Essa adoração comovedora que durou mais de vinte anos, conservou-se sempre nela com o mesmo sobressalto feliz, a mesma febre, o mesmo ardor, o mesmo arrebatamento com que havia começado num esplendoroso castelo germânico, quando Alexandra Feodorovna se chamava ainda Alice de Hesse, lia Uhlan, Heine, Goethe, sob as tílias em flor, era uma linda adolescente e não se julgava destinada a subir tão alto como subiu — só para que a sua queda fôsse terrível.

Alexandre III, para quem a Alemanha era uma

inimiga irreconciliável, e que fizera uma aliança da Rússia com a França derrotada em Sédan, opôs-se inicialmente ao casamento do filho com Alice. A primeira vez que ela, na plena rediação da sua beleza, apareceu na côrte russa, em vez de causar deslumbramentos, foi recebida com uma frieza que gelou os róseos sonhos amorosos que nela haviam principiado a florir tìmidamente. Desencantada, melancólica, com os olhos dum negro aveludado enevoados de pranto, a princezinha repelida voltou do imaginado país de fadas para a sua pátria, tendo-se despedido talvez para sempre da imensa Rússia a que a espada de Pedro o Grande talhára as mais dilatadas fronteiras e que a não queria para soberana, a-pesar da sua bondade, das suas virtudes, da sua fervorosa crença e da sua formosura sem par — oh ! uma formosura mais suave do que a da *Belle au bois dormant* de que falam as lendas e que artistas e poetas de génio romantizaram.

Mas Nicolau II, ainda simples *tsarevitch*, é que nunca mais a pôde esquecer. O amor tinha-os juntado tanto como os ramos das roseiras que, em abril, o vento enlaça e que ficam mesclando o viço e o aroma. E não tardava muito que o príncipe, de volta da sua viagem pela Rússia, pelo Japão, pelo Egipto, pela Índia, tornasse a ver Alice de Hesse — já como sua noiva, começando então com ela êsse poema idílico duma gracilidade, duma candura e dum lirismo sensibilizadores.

A partir dêste instante, os acontecimentos precipitaram-se. Alice de Hesse, profundamente religiosa, teve de trocar a sua igreja pela russa, o que

a fez chorar durante uma semana e hesitar àcêrca do seu casamento ; Alexandre III, muito doente, foi morrer para a Criméa, apagando-se lentamente, no meio da veneração dos seus e das lamentações pouco sinceras dos áulicos e dos cortesãos ; Nicolau assumia o poder supremo do império e, volvidos meses, a cerimónia nupcial celebrava-se sem extraórdinárias pompas, por causa do luto da família imperial.

Alice de Hesse, já Alexandra Feodorovna, sentava-se, finalmente, no trono da Rússia, extática diante do marido que para ela havia de ser tudo, enquanto vivesse.

A sua felicidade durou vinte anos, sem o crepúsculo amoroso dum dia ! Como pela sua delicada feminilidade tivesse enfeitiçado Nicolau II, que jàmais se afastava dela, beijando-lhe comovidamente as mãos, imediatamente a imperatriz viúva, uma dinamarquesa que odiava a Alemanha e que não pudera esquecer a anexação do Schleswig-Holstein, e os grão-duques, iniciaram a urdidura da teia das conjuras contra ela. Acusavam-na de se ter apoderado inteiramente de Nicolau II para exercer sôbre êle um domínio funesto, submetendo-o à Germânia. Esta luta surda mas implacável foi inútil, porque o imperador nem por um só instante duvidava da « sua Alice » e da veemência com que por ela era amado. Dedicava-lhe todos os seus momentos livres, repousava no peito dela a cabeça fatigada, fechando teimosamente os olhos para nada mais ver do que se passava para além

do espaço luminoso em que ela se movia. Êle bem sentia que, no meio do sorvedouro de rancores, de ambições, de vilezas, de ciladas que era a côrte, só Alexandra lhe não mentia e o adorava purificadamente . . .

E não mentiu na realidade ! Tanto nas éras de confiança e de glória, em que Nicolau II erguia um scetro rutilante sôbre a cabeça de milhões e milhões de vassalos, como quando para si e para o seu poderio bateu sinistramente a hora amarga do infortúnio, passando a ser escravo daqueles a quem mandara, o afecto da espôsa foi para êle como uma flor que desabrochasse numa jarra de cristal e a cobrisse tôda de brilho, de côr e de perfume.

A companheira incomparável ! Já vélha e mãe de cinco filhos, queria a Nicolau II com uma vibrante paixão juvenil. Nas cartas que lhe escreve e que são para ela uma absorvente obrigação de amor e de doçura espiritual, nada lhe esconde : — os sentimentos mais íntimos, os maiores regosijos, as mais fundas tristezas. Essas cartas quási diárias, que são relatórios sentimentais minuciosos, reflectem nìtidamente tôda a psicologia da mulher admirável e tão implacàvelmente odiada, e formam o livro mais emotivo, mais belo e mais impressionante de tôdas as literaturas do género, e a prova documental indestrutível da sua dedicação suprema pelo marido e pelos filhos : — e esta afeição materna ou de amante imprime à sua figura uma superioridade excepcional, tornando-a simpática a todos os espíritos generosos.

Contava quarenta e seis anos de idade — e cor-

respondia-se com o marido como Paolo se poderia corresponder com Francesca di Rimini ou Romeu com Julieta ! Na sua alma, o amor era uma planta vivaz, resistindo portanto a tôdas as tempestades e ardendo contìnuamente na mesma labareda, até final. Para ela, Nicolau II era ainda, como nos primeiros dias do seu noivado, o príncipe irresistível que a fascinara. Só o tratava por « meu querido », « meu bem amado », « meu único tesouro », « meu sol », « minha alma » ! Num crescendo permanente, diz-lhe : « Acompanham-te tôdas as minhas orações ; abençôo-te e beijo-te no pescoço, nas queridas mãos pequeninas, com todo o ardor do meu coração » ! . . . Há gritos na sua adoração suprema, quando lhe assevera : — « Abençôo-te, amo-te, desejo-te, espôso do meu coração » ! Há uma espécie de misticismo amoroso nas suas palavras, quando se dirige a Nicolau II como a Sulamita do *Cântico dos Cânticos*, chamando-lhe « amado dos amados » !

O que ela pretende, através de tudo, é que nenhuma dificuldade, nenhuma ameaça, nenhum perigo, o mais leve desgôsto, surpreendam o marido na sua jornada sumptuosa. Que para êle tudo seja luz, ritmo, suavidade, encanto !

E esta mulher, esta mãe, esta criatura tão rara, é que foi torpemente acusada de praticar vergonhas infamantes com Raspoutine, o « pope » aventureiro e crapuloso lùgubremente assassinado numa ceia por dois príncipes russos, numa gélida noite de inverno !

A acusação é tão falsa como a que a denunciava um agente da Alemanha junto do imperador, para

o forçar a uma paz em separado com os impérios centrais, atraiçoando a *Entente Cordiale !* Alexandra Feodorovna desejou exaltadamente a vitória da Rússia contra os alemães que a todos os instantes maldizia pelo sofrimento que espalhavam na terra com a conflagração e pelas brutalidades que os jornais de São-Petersburgo lhes atribuíam, para excitar os sentimentos patrióticos ! Estas verdades mostram-se luminosamente nas suas cartas prodigiosas — de que se ergue viva, aureolada, triunfante, a imperatriz sacrificada, a amorosa estranha que continuou a ser a mesma já depois da corôa ter caído da cabeça de Nicolau II nas fogueiras revolucionárias. A carta que lhe escreve seguidamente à abdicação é uma prece de ternura. E nunca o verbo humano atingiu mais poder expressivo, sob o ponto de vista da consolação e da piedade.

Esta predestinada, evadindo-se momentâneamente dos enigmáticos jardins da morte, apresentou-se diante da História, que há-de glorificá-la, com tanta nobreza e majestade que se assustaram os seus adversários ainda vivos. Tendo êles feito quanto puderam para que ela esquecesse, comunicaram-lhe, afinal, uma sempre presente imortalidade ! . . .

A grande arte do silêncio

Há trinta anos, em Paris — a famosa cidade que já era ilustre nos puros e luminosos domínios do pensamento, nos remotos séculos em que a Europa vivia numa lúgubre barbaria — criou-se discretamente, no isolamento duma sala, por solitária noite, uma arte maravilhosa que havia de triunfar com rapidez e generalizar-se a todo o mundo civilizado. Essa arte vitoriosa foi a cinematografia: — e de-certo que os irmãos Lumière, ao projectarem pela primeira vez, sôbre o *écran*, algumas sombras de figuras animadas de movimento ou algumas paisagens, não pensavam na expansão magnífica do seu invento nem na influência que êle viria a ter na vida moderna, constituindo um dos espectáculos mais aplaudidos e freqüentados da actualidade.

¿ A que facto essencial se deve o êxito clamoroso do cinematógrafo, numa sociedade como a nossa gasta para tôdas as admirações entusiásticas, vazia de crenças, scéptica, estéril, esgotada de tôdas as seivas morais que poderiam restituir-lhe uma virgindade de espírito e de sentimento, e procurando ansiosamente a sensação rara e inesperada que a galvanise por instantes, sacudindo-a da sua inércia emotiva ou da sua indiferença desdenhosa? Por mim, creio que êsse facto deriva da circunstância do cinema ser uma das mais evocadoras e sugestivas formas do teatro — um teatro intenso e original em que quem pensa e sente é o espectador e não o dramaturgo.

No quadrado de pano em que farandolam as figuras mudas, leves como um sonho, deslizando levemente e sem o menor ruído, depois de esboçado um gesto ou comentado um acontecimento por uma inteligente mímica, vão-se desenrolando os dramas violentos, as tragédias sombrias, as comédias hilariantes — sem que o incómodo murmúrio das palavras a cada instante lhes interrompa a sucessão permanente e equilibrada. As plateias nada teem que as distraia da sua concentração, do seu recolhimento, da atenção com que seguem os vários episódios que decorrem sem solução de continuïdade. Envolve-as uma sombra propícia à criação de certos estados de alma. A luz brilhante e reveladora não ilumina, para os seus olhos, as perspectivas maravilhosas em que se exibe a beleza feminina ou as rútilas iluminuras do luxo e da elegância que serão sempre irresistíveis, pela sua sedução. Nenhuma rumor, o mais ligeiro som de

conversa, o jôgo fisionómico de certas máscaras de actores! . . . Tudo é acção. As personagens dêste teatro silencioso — que em trinta anos bateu o outro, que a humanidade dêste século inquietante havia herdado das grandes e gloriosas idades e que já na Grécia exaltava a multidão até às adorações veementes — não falam: actuam, sem uma hesitação, com a febre, a pressa vertiginosa que são as características da existência consciente da hora agitada em que vivemos.

Quem fala por elas — mas ùnicamente para si, para a sua intimidade moral, — são os assistentes dessas scenas perturbantes e que se consideram conjuntamente como actores e testemunhas presenciais.

Além de tudo isto, o cinema é acelerado como o viver actual, não obriga a longas e dolorosas meditações, é muito mais para a vista do que para o intelecto, não há nêle subtilezas que exijam argúcias, finuras mentais, fadigas do espírito, para que se possam entender lùcidamente ou atingir na sua significação simbólica: — e é por muitos dêstes aspectos ràpidamente mencionados que êle conquistou uma nítida preferência entre as turbas que, de ordinário, não são compostas por *élites* estéticas ou scientíficas, críticas ou filosóficas, mas pelo senhor Tôda-a-Gente que é tão espirituoso como Mr. d'Arouet, embora muitas vezes seja tão boçal como Sancho Pança . . .

Todavia, o sucesso estridente do cinematógrafo, inaugurado pela primeira vez há trinta anos, na re-

quintada Lutécia onde tantas vezes o ser pensante tem surpreendido algumas das ideas fundamentais, deve-se talvez a esta causa superior : — foi êle, justamente, que tornou o globo conhecido dos acervos de povos, familiarizando-o com as turbas apaixonadas e irrequietas. Viajar é, sem dúvida, um dos mais aliciantes prazeres para a criatura sensível da nossa época.

As viagens em caminho de ferro, em transatlântico, cortando através dos mares profundos, em automóvel fugindo no fio do vento e da luz, mesmo a pé, como João Jacques Rousseau, o autor das *Confissões*, ou Vítor Hugo, o autor dos *Castigos*, darão aos viajantes uma soma enorme de conhecimentos, contribuindo para enriquecer o pecúlio da sua sabedoria e para aumentar a fôrça criadora do seu pensamento. Hão-de oferecer-lhe até uma noção subtil da vida de relação, indispensável nos nossos dias. Infelizmente, nem todos se encontram em condições de se entregar saborosamente a essas encantadoras vagabundagens pela terra vasta, visitando hoje os Jerónimos, em Lisboa, e contemplando o Tejo azul donde partiram as naus que haviam de revelar ao Mundo vélho um Mundo novo ; entrando àmanhã no Museu do Prado, em Madrid, ou descansando um doce momento à sombra das viçosas árvores do Retiro ; estando depois de àmanhã em Paris e seguindo de lá para Berlim, para Roma, para Vienna, para Londres, para Constantinopla, ou, atravessando o Atlântico, ao arfar das potentes máquinas dum dêsses colossais vapores, que são cidades flutuantes, correr a grande América de norte a sul, ver a África ardente e ter-

rível, internar-se na Ásia sagrada e misteriosa que outrora inspirou aos crentes os hinos védicos ! Isto custa muito dinheiro — e nem todos nasceram Cresus num planeta que sòmente seria sossegado se o ouro se colhêsse nêle com a facilidade e a abundância com que, no outono, se colhe a fruta madura nos pomares ou, na primavera, as flores nos jardins. Ora, os que não dispõem dêsse omnipotente dinheiro que tudo compra, terão de resignar-se a viver para sempre como as árvores no estreito espaço de terreno em que lançam raízes. Dêste cativeiro não lhes será permitido que se afastem jàmais, ignorando perpètuamente o que para além ocorre, a linha e a côr dos scenários naturais, a imponência e o esplendor das urbes famosas em que os lutadores se aglomeram, na vaga esperança de que a batalha seja menos dolorosa para êles, os trajos, as armas, os apetrechos do trabalho, os monumentos, as esplêndidas arquitecturas em que se exauriu a imaginação decorativa de gerações de artistas, as simples paisagens, tão variáveis em coloridos e em formas de região para região, sob o divino fulgor do sol.

Surgiu, porém, inesperadamente o cinema — e a revelação fez-se para todos ! . . .

Ah ! na realidade, que coisa estupenda !

No repousado canto duma casa de espectáculos, urbana ou rústica, sentado còmodamente numa cadeira e fumando com tranqüila confiança um cigarro, eu verei desfilar diante de mim trechos panorâmicos do globo — o Himalaia, o Monte

Branco, os Vosgos, os Pireneus, o Amazonas amplo e profundo como um oceano, o Ganges formidável ; descortinarei, por instantes, numa diversidade de quadros que se renovam de segundo a segundo, os ruidosos centros de população da América, da Ásia, da Europa ; os esplendores de Paris ; a majestade de Londres ; a Holanda em que a primavera nascente está pincelando de côres vivas e desabrochando numa pompa bizarra, as tulipas, os narcisos e as anémonas ; a Suíça com suas montanhas, suas cidadezinhas históricas que nos evocam Guilherme Tell e os heróis da independência, os seus pacíficos burgos que nos dão a suave impressão duma vida em que a serenidade e a concórdia entre os homens nunca se sobressaltam ! Todo o planeta, com seus desolados desertos, seus extensos lagos, suas cordilheiras, suas florestas, suas planícies, suas povoações, se oferecerá à minha visão, no que tiver de mais curioso, de mais pitoresco, de mais estranho ! . . .

Durante horas que fogem a tôda a velocidade sem de si deixarem o menor ressaibo de tédio ou a mais vaga tristeza, conviverei artificialmente com indivíduos de tôdas as raças bárbaras ou cultas, assistirei aos seus trabalhos manuais, às suas solenidades religiosas, às suas manifestações de alegria ou de cólera, às suas guerras ou às suas festividades.

O cinema que vai aos pontos mais distantes da esfera terrestre, que entra em tôda a parte e a que nada escapa, há-de mostrar-me tudo quanto possa interessar-me, pela tonalidade, pelas linhas plásticas, pelas singularidades decorativas, pela impo-

nência, pela bizarria ! Êle faz, efectivamente, com minúcia incomparável, a história exacta e exterior da terra com as suas magnificências ou as suas desolações, para a ofertar seguidamente. E aqui estou eu que não tendo, na realidade, ido além da Alemanha, nas minhas jornadas contemplativas de viajante, com o cinematógrafo não haverá mar que desconheça ou paragem da Europa, da América, da Ásia, da África, da Oceania que os meus olhos deslumbrados não tenham percorrido, em algumas noites.

Vi as feéricas cidades asiáticas, resplandecentes, reflectindo-se com seus palácios, seus torreões, seus templos, nas transparentes águas de rios românticos ; vi os densos bosques africanos e as cubatas em que se abriga uma humanidade rudimentar ; vi as opulências das urbes americanas que são ao mesmo tempo centros de actividade, de cultura e de elegância ; vi Tóquio na sua plena grandeza e vi as suas ruínas, em seguida ao terramoto ; vi Pekin e os seus estranhos bairros e as suas muralhas seculares. O mundo pouco mais terá para mostrar-me, como aspectos exteriores ! . . .

Depois, a cinematografia — que será, daqui a duzentos, a quatrocentos anos, a mais poderosa auxiliar da História, para que está trabalhando constantemente — que será mesmo a própria História movimentada, com suas multidões, seus combates, seus incidentes e os meios próprios em que ela se move — foi mais além dos limites primitivamente marcados à sua acção, dando-nos também interpretações absolutamente novas de tôda a literatura em que há drama, farça, riso, dor, ironia,

movimento. Onde se deterá, n'esta marcha ascendente, uma arte que tem apenas trinta anos e que já conquistou o presente e o futuro ?

Foi precisamente esta a interrogação que eu formulei, ao ler o *compte-rendu* da celebração com que se comemorou recentemente a invenção do cinema — um dos acontecimentos mais notáveis da actualidade.

Uma evocação

O drama começado a representar há setenta anos, entre as rosas encantadoras e os arvoredos do parque do castelo de Lacken, onde então vivia uma linda princezinha adolescente que dir-se-ia ter fugido dum conto fantástico de Perrault, teve agora o seu desfecho lúgubre, abrindo um túmulo que não tardaria a fechar-se para sempre, depois de devorar um cadáver. Êsse drama, que foi duma rara intensidade, começou por um idílio adorável. Florian, se o tivesse contado, poria à sua volta ingénuos cupidinhos de asas nevadas, sorrindo deliciosamente. Na realidade, todo o primeiro acto da formidável peça histórica, que tanto impressionou a Europa, é desempenhado apenas por duas figuras de relêvo admirável que pertenciam às realezas mas que estavam destinadas a ocupar um plano

secundário, não subindo os degráus áureos dum trono para empunhar um scetro e ditar a lei e a ordem a milhões de súbditos obedientes e curvando-se sem vontade ante os senhores.

Uma dessas figuras foi a do arquiduque Maximiliano, que pretencia à Casa dos Habsburgo, descendentes dos Césares que dominaram o mundo com o seu gládio invencível; a outra, era a da princesa Carlota, filha do rei Leopoldo I, da Bélgica, que tinha então dezassete anos e se encontrava na primeira manhã promissora da mocidade e da beleza. Viram-se, um dia, numa sumptuosa cerimónia oficial — e, como no Dante, nada mais tornaram a ver, até à hora divina em que um sacerdote uniu os seus destinos, para a vida e para a morte. Tudo deixava supôr que as duas augustas personalidades haviam sido, como nenhumas outras, talhadas para a felicidade. Não caía sôbre elas a responsabilidade de reinar, de dirigir povos irrequietos e insubmissos insurgindo-se constantemente, por orgulho humano, contra os que estão de cima. Não os cercariam, portanto, noite e dia, cortesãos de riso enigmático, que tanto pode ser de ternura como de ódio ou de sarcasmo, com palavras de amor nas bôcas e o veneno nos corações.

O arquiduque Maximiliano era um filósofo e um delicado artista. Isolado de todos os vãos rumores mundanos no seu palácio de Trieste, lia e comentava os moralistas, os historiadores e os poetas. Quando fechava os seus poemas — que Shakespeare queria sempre encadernados em velinos brancos e com brilhantes legendas a ouro — era para interpretar alguma página de maior inspiração de

Beethoven, de Mozart, de Bach, ou para pintar um quadro, com vivo e justo sentimento das côres e das formas. Homem de inexcedível bom gôsto e de fina e extensa cultura, o arquiduque Maximiliano apenas pedia que o deixassem viver neste repouso e neste esquecimento docemente aprazível ao seu espírito.

O casamento com a princesa Carlota completara-lhe as aspirações — que eram modestas. Realmente, êle não ambicionava a glória estridente dos heróis que, nos campos de batalha, com uma espada fulgurante, conduzem vastas massas de homens armados à vitória ou à morte, nem a celebridade dos redentores de nações escravizadas, nem os esplendores dos Cresus que atiram incessantemente ao vento punhados de dinheiro para a satisfação imediata dos seus mais absurdos caprichos ou das suas estranhas fantasias. As próprias pompas da côrte austríaca o assustavam, e era com alegria que se esquivava delas, sempre que isso lhe era possível, preferindo o grato repouso do seu *home*, em que lidava, entre o rugir das saias de sêda, uma adorável *ménagère*, fresca como uma flor colhida no vergel à claridade matutina, às magnificências dos salões imperiais, cobertos de setins, de veludos, de alcatifas amortecendo o som dos passos, de obras de arte, de mobiliários preciosos, formando a scenografia faustosa às graças femininas das castas nobres com um logar de *élite* no armorial, e que no meio da alvura das roupagens e da espuma das rendas, dir-se-iam Sèvres ou Saxes esplêndidos, iluminados pelos rutilantes fogos das jóias!

Um dia, porém, a pacificação da morada principesca onde o arquiduque Maximiliano e sua juvenil espôsa se tinham refugiado com o seu amor, foi de repente sobressaltada por uma tentação — que é de todos os tempos e que tantos desastres sombrios, tantos males irremediáveis tem causado. Napoleão III, cofiando as guias do bigode encerado que a iconografia artística havia de imortalizar, e que tratou sempre, com religioso culto, até à hora funesta da derrota de Sédan — que lhe tirou da cinta a espada inútil para a entregar ao rei da Prússia — andava, com a Espanha, à procura dum imperador para o México; e êste testa coroada, que iria sentar-se num trono da distante América onde apenas a Democracia tem tradições, só poderia saír da Áustria, em virtude de determinadas razões políticas. O novo imperante, arrastando o seu manto de arminhos, seria apoiado por tropas francesas, inglesas e espanholas, até conquistar a lealdade, a fidelidade e a simpatia dos seus vassalos.

Convidado, o arquiduque Maximiliano recusou-se a abandonar a suave serenidade da sua vivenda, a que os livros davam um encanto irresistível, para ser a primeira personagem dum império que se fundaria sob alicerces sem consistência e que, dum instante para o outro, poderia transformar-se num vespeiro. No entanto, a França e a Espanha insistiram; interveiu a Santa Sé, pedindo ao arquiduque aquele sacrifício, em nome da fé e dos interrêsses da Igreja; entrou na questão, solicitada pelas outras potências, a própria Áustria à qual sor-

ria a idea de ir colocando príncipes seus como chefes supremos doutras nacionalidades, de-certo para mais dilatar o seu elevado poderio.

No entanto, o arquiduque Maximiliano apenas cedeu aos desejos da princesa Carlota que, nesses momentos incertos, se via já imperatriz com uma resplandecente corôa na cabeça, entre as suas damas, nas solenidades oficiais. Como em Portugal a duquesa de Bragança, que era uma altiva Medina Sidónia, a desditosa filha de Leopoldo I também entendia, naturalmente, que valeria mais ser raínha uma só hora, do que princesa tôda a vida : — e o marido, enlevado na sua formosura, na sua bondade e na sua gracilidade de mulher que estava na romântica primavera duma existência predestinada para o sofrimento, mas que desconhecia ainda a dor, aceitou.

Nesse dia, o arquiduque principiou a encurtar apressadamente o caminho que o separava da sepultura, como se diz no *Ecclesiastes*. Ao saír da Europa, entre estados maiores de fardas reluzentes de dourados, a Morte, tomando o seu tambor, seguiu-lhe os passos contìnuamente, rufando uma fúnebre marcha com duas tíbias descarnadas, como na caricatura de Holbein. Desde então, nunca ela deixou de rir sarcàsticamente. Com efeito, a tragédia não tardaria a desenrolar-se, com suas movimentadas scenas de lágrimas, de terror, de sangue. O arquiduque Maximiliano, que não teve, enquanto imperou, um só dia livre de cuidados e de inquietações, havia pressentido o que iria passar-se nesse México ardentemente combativo que não sossegou por enquanto e que só a tenacidade

de Porfírio Diaz — que no drama em que o imperador perdeu a vida, desempenhou um dos principais papeis — conseguiu manter em tranqüilidade, durante alguns anos, até ao momento em que os acontecimentos o forçaram a embarcar para a Europa.

Que sucedera, com Maximiliano à frente do império do México ? Sucedeu isto : — a insurreição não tardou a estalar furiosamente. Os mexicanos reivindicaram, pelas armas, o direito de dispôr livremente dos seus destinos e de escolherem, por si, as instituïções que mais lhes agradassem. O imperador, rodeado de hipocrisias, de gente traiçoeira, degladiando-se sem tréguas por interêsses opostos, não encontrou conselhos justos que o orientassem, desagradando desde logo a uns e outros. Não imprimia uma direcção firme às coisas do Estado ; não governava. O governado era êle. Como a cortiça na água, ia para um lado ou para o outro, conforme as correntes que o deslocavam !

De súbito, a Inglaterra, para não hostilizar os Estados-Unidos, que se insurgiram contra a intervenção da Europa na América, retirou das costas mexicanas as suas fôrças, desinteressando-se da sorte da nacionalidade que ardia dum extremo ao outro, no braseiro fulgurante das sublevações, e Maximiliano calculou imediatamente as conseqüencias terríveis daquela decisão. Aterrada, a imperatriz Carlota embarcou sem tardança para a Europa, indo bater com mãos trémulas e suplicantes à porta da França, rojando-se de joelhos

aos pés de Napoleão III — ainda a certa distância do charco de sangue de Sedan ! — que esboçou vagas desculpas. Dali, a pobre e desiludida filha de Leopoldo I, correu a implorar a protecção do Papa, que apenas pôde consolá-la com frases acolhedoras, falando-lhe de resignação e do céu. Por sua vez, a Espanha também não atendeu as súplicas da triste imperatriz, que mendigava melancòlicamente o auxílio das potências poderosas, para salvar o homem que amava, acima de tudo, e a quem essas potências, procurando-o no seu retiro de sábio e de letrado, fizeram tôdas as promessas que agora não cumpriam. Efectivamente, depois da retirada da Inglaterra, a França e a Espanha ordenaram também o embarque das tropas que tinham no México, deixando o imperador completamente desamparado

Maximiliano era intrépido, era forte, era orgulhoso como um Habsburgo, na realidade. Poderia ter fugido com os que fugiram. Não quis. Conservou-se corajosamente no seu posto, combatendo em mais dum recontro os seus inimigos. A sorte das armas foi-lhe adversa : — e, feito prisioneiro pelas tropas de Porfírio Diaz, não tardou a ser fuzilado em Queretaro. Ao caír sob as balas do pelotão que o executou, exclamou, torcendo-se nas convulsões da morte :

— *Ay ! hombre !* . . .

E nada mais ! Vivera, como se dizia na Roma antiga.

A imperatriz Carlota já não teve conhecimento consciente da morte dramática do marido. Sentindo que o perigo se aproximava com rapidez assom-

brosa para o imperador e repelida friamente por todos aqueles a quem pedia socorro, num apêlo supremo, enlouquecera : e, coroada de flores, como Ofélia, esperava agora, cantando e sorrindo, o noivo sonhado, para as graças idílicas. Com êsse noivo entrevisto pela sua mente delirante, entoaria o epitalâmio festival das bodas ! . . .

A desventurada louca, que tinha apenas vinte e sete anos de idade, foi encerrada no castelo de Buchot, perto de Bruxelas, onde os germânicos a encontraram quando invadiram a Bélgica, nos primeiros dias da conflagração europeia. Nas noites de luar, errando pelas salas como um fantasma, agitando o alvo sudário, não se fatigava de aguardar o seu príncipe que havia de vir buscá-la, para as núpcias maravilhosas. A sorte, sempre misteriosa, poupou-a ao menos à tortura de saber que êsse príncipe tombara num charco de sangue, varado de balas, e que ela nunca mais o teria a seu lado, como nos tempos ditosos.

E havia sessenta anos que a doida dolorosa sonhava com os seus amores ! Apenas deixou de pensar nesses amores — que lhe floriram a mocidade — quando, aos oitenta anos, a Morte veiu libertá-la do cativeiro escuro em que se não filtrava réstea de claridade reveladora e em que a Fatalidade a encarcerara ! Porque a imperatriz Carlota, que era uma figura shakespeareana, mesmo no cerraceiro da loucura, morreu há pouco, no castelo de Buchot — onde o seu vulto branco há-de reaparecer, nas claras noites estreladas.

As modernas lutas religiosas

Deus que dominou completamente os seres conscientes em tôda a Idade Média, mantendo-os prosternados e em adoração quási permanente, começou a ser combatido por êles desde que certo dia um cântico formidável, ressoando em Worms, fez encolher as teocracias, pálidas de terror, na esplendidez das suas púrpuras. A partir dêsse momento, nunca mais deixaram de manifestar-se rebeliões contra o céu entre as turbas irrequietas.

A luta intensificou-se mais de dia para dia, sem que de nada valessem as excomunhões da Roma papal: e mais tarde, quando os Estados pontificios foram invadidos pelas tropas do rei Vítor Manuel e Garibaldi entrou com a sua legião audaz na urbe eterna, arrebatando o poder temporal à Igreja e repelindo-a, na ponta das baionetas,

para dentro das salas douradas e dos recintos marmóreos do Vaticano, o combate contra um Deus que fàcilmente era desbaratado, no ardor das batalhas, a-pesar-de poder enviar contra os seus adversários infindáveis legiões celícolas armadas de gládios flamejantes, generalizou-se por tôda a parte, numa Cristandade que tantos anos viveu docemente extasiando a flor pura dos olhos nas alturas misteriosas e na sua claridade maravilhosa, à espera da revelação suprema do seu destino, ajoelhando comovidamente nas naves augustas dos templos, para se entregar às orações com que propiciava a clemência da piedosa Virgem. Tendo observado que os soldados de Garibaldi, acometendo a Roma que reinava sôbre o orbe católico e onde o Vigário de Cristo na terra possuía um trono rutilante, a venciam imediatamente, quebrando sem esfôrço a sua resistência, o ser pensante, que no fundo é supremamente desdenhoso, principiou a duvidar da omnipotência divina, rindo com sarcasmo.

A admirável Roma dos papas havia sido magnìficamente forte, naquelas épocas volvidas em que as nações convertidas ao catolicismo lhe prestavam vassalagem e não hesitariam em sacrificar numerosos exércitos para a defender ou para que o seu poderio em nada diminuisse. Então, os próprios monarcas dependiam dela — que, se quisesse, os mandaria descer as sumptuosas escadas dos seus alcáçares e lhes arrancaria violentamente os scetros das mãos, humilhando-os e transformando-os de opressores em oprimidos. Mas, êsse período culminante da sua grandeza passou — e quando Roma

caíu e Pio IX se fechou para sempre no Vaticano, donde nunca mais saíu, nem mesmo para morrer, as multidões irónicas, educadas pelo Racionalismo, viram que o antigo poder enfraquecera a tal ponto que nem era já capaz de opor uma barreira de aço e de corações palpitantes ou uma inultrapassável muralha à invasão dalguns milhares de homens.

Daqui em diante, a decadência da Igreja mais se foi acentuando. As nações que professavam a religião cristã separaram-se dela a pouco e pouco. Os Estados tornaram-se laicos. As congregações religiosas desapareceram umas atrás das outras, nos países que se libertaram — e nem por êsse facto choveu sôbre êles o enxôfre inflamado que os calcinasse, como nos castigos bíblicos.

Verificando os povos que na sua arrancada contra o catolicismo nada tinham a temer, generalizaram a sua batalha, ouvindo-se a cada instante gritos estridentes de ameaça. No seu avanço exaltado, sentem uma alegria imensa ; o seu orgulho — o orgulho de quem subjuga a energia transcendente que outrora o vergou como um frágil vime — não tem limites.

Todavia, a Igreja — que hoje possui os seus domínios luminosos nas regiões da Alma e do Amor e que se desinteressou inteiramente das coisas temporais — ainda resiste. À sua volta formam hostes numerosas e aguerridas, que não hesitariam em imolar a vida em holocausto ao seu triunfo e que estão dispostas a combater. Deus decaíu na razão humana mas, no sentimento, é prodigiosamente grande !

É precisamente por esta grandeza que eu não compreendo a guerra fulgurante que os dirigentes de nacionalidades lhe fazem, desencadeando contra Êle recontros tremendos, como agora está sucedendo no México, por exemplo — em que os governadores dos Estados que constituem a nacionalidade desafiam risonhamente as punições divinas com a certeza de que nada lhes acontecerá, como aquele poeta de génio que, certo dia, durante uma trovoada pavorosa, intimou Deus a provar a sua existência, fulminando-o dentro de cinco minutos. O México, com um único sarrabisco de pena, promulgou uma lei que extinguiu, no terrritório mexicano, a Igreja Católica. Se ela quiser viver, através de tôdas as perseguições e de todos os ódios, terá de refugiar-se em catacumbas, construindo templos subterrâneos e celebrando as cerimónias do culto debaixo da terra, como antigamente na Roma dos Césares. Bispados, seminários, templos — já fechados pela fôrça armada — são considerados como propriedade da República que reivindica o direito de cedê-los para as práticas religiosas ou para livrarias ou estabelecimentos públicos, se assim o entender. Além disso, não poderá haver senão um restrito número de sacerdotes para cada milhão de fiéis !

Os directores espirituais da população católica, os guiadores de almas, passam de cidadãos a escravos. O simples facto do seu sacerdócio transforma os padres em criaturas duma categoria inferior. Na realidade, não lhes será permitido votar nas eleições legislativas ou administrativas, tomar

parte em reüniões políticas, adquirir bens imobiliários, aceitar donativos, recolher heranças, quando o testador ou o doador não sejam seus parentes próximos. O Estado nem sequer lhes consentirá que falem livremente, no desempenho da sua missão, proíbindo-os, sob duras pênas, de afirmarem aos noivos que o casamento é indissolúvel e de professarem o ensino religioso em escolas ou colégios por êles próprios fundados. O golpe é tremendo, sem dúvida.

A-pesar-disso, o povo, iluminado pelo fulgor da crença, não deixa de reagir vigorosamente. As suas igrejas, as suas catedrais, as suas capelinhas humildes, os seus santuários foram tirânicamente encerrados — mas os crentes continuam a procurá-los, tendo de ser contidos pela tropa que não hesita em varejá-los a tiro, se êles se insurgem e protestam em voz mais alta.

Quanto mais dura é a perseguição, mais os fanatismos se exacerbam e mais bradam as indignações. Neste momento, o país é um vasto campo de peleja e não uma pátria, amando e trabalhando em concórdia inalterável, para a sua prosperidade material e para o seu engrandecimento moral e material. O que se ouve constantemente não são palavras fraternais, palavras de amor, palavras de doçura, mas rugidos de fúria, uivos rancorosos. A população, dividida em dois campos separados pelos altos muros das ideas antagónicas, prepara-se para as pugnas trágicas, em que o sangue correrá, para os desesperos, para as destruïções que nada poupam e não deixam ficar pedra sôbre pedra. E o choque funesto dar-se há inevitàvelmente — por-

que os dois arraiais destemidos são antagónicos. A gente que forma ao lado do presidente Plutarco Calles não transigirá ; a que lhe faz frente com ousadia e decisão também não recuará um passo !

Os que estão com Calles são os empregados públicos, o exército e o operariado — que tanto se insurge contra Deus, talvez por julgá-lo um déspota que mais contribuiu para a sua miséria, através dos séculos. Como actualmente se imagina redimido, êsse operariado reclama a sua *révanche.*

Com a Igreja encontram-se, entretanto, mais de seis milhões de católicos — uma formidável torrente humana.

Governar é pacificar e concorrer para o progresso e para a unidade duma nação. O papel dos governantes, evidentemente, não foi até hoje nem será nunca o de promover a desordem, o de incitar ao tumulto, mas o de consolidar a ordem e manter a paz nacional através de tudo.

Entretanto, o govêrno mexicano, por um singular paradoxo, na sua luta para se emancipar da Igreja, exercendo sôbre ela uma verdadeira ditadura, faz quanto lhe é possível para agitar a nação que lhe confiou os seus negócios. A reduzida, minúscula minoria de homens que acidentalmente está na posse dos selos do Estado pretende banir Deus da consciência da enorme maioria da população — e para isto não esmorece no seu propósito nem mesmo perante a perspectiva sombria de uma guerra civil. Não é extraordinário ?

Notem que o México é uma República, vive em

plena Democracia — e, nas Democracias quem manda é o boletim de voto. As maiorias é que reteem o mando nas suas mãos. Pois bem, o México oficial e quem o dirige entendem precisamente o contrário ! Democracia é um vocábulo de origem grega que significa govêrno do povo. O presidente Calles decide, contudo, não fazer caso dêsse povo e da sua soberania, pondo em vigor leis que as massas populares não querem e a que, de-certo, não obedecerão, porque elas profanam o recolhimento da sua intimidade espiritual ! Esta doutrina é absolutamente nova — tendo surgido com o advento do comunismo que produziu a inversão de todos os valores. E o que é estranho é que apenas as sociedades em decomposição acelerada, em franca deliqüescência, são um terreno excelente para a sua propagação — que nelas se faz com rapidez assombrosa. Na Rússia, generalizou-se dum extremo ao outro, naquelas horas sangrentas em que os vencedores fuzilavam dia e noite os vencidos e quando tôdas as edificações, legadas pelo passado aos dias actuais, iam desabando umas sôbre as outras, acumulando montões de ruínas.

Nas pátrias vitoriosas e cheias de seivas renovadoras, a religião é florescente e os homens, em vez de se revoltarem contra Deus, adoram-no comovidamente. O áspero vento da descrença que esteriliza os espíritos, ùnicamente devasta e requeima as nacionalidades que se desagregam, aquelas em que alguma coisa essencial apodrece, como diria Hamlet, e que se consomem apressadamente nas labaredas duma anarquia permanente.

O que, no entanto, me parece espantoso e in-

compreensivel é que sejam quási sempre os dirigentes que acendam êstes conflitos deploráveis e que tornem impossível a concórdia das colectividades — como está sucedendo no México. São êles, efectivamente, que provocam entre os dirigidos as efervescências perigosas que desfecham, na maior parte dos casos, em acontecimentos de alta intensidade dramática — e isto contra a vontade das irrequietas massas populares, simplistas e sinceras. E para que ? Com que fim ? Para satisfazer caprichos e pontos de vista meramente individuais ? Por um sentimento de intolerância que no nosso tempo já se não admite ? É bem provável ! Na sua hipertrofia de orgulho, o ser pensante há-de experimentar um gôzo profundo numa luta contra o céu — êle que é o representante actual dos que, noutros séculos, o mesmo céu escravizava ! . . . Entretanto, êstes espectáculos são dissolventes e, em logar de conduzirem os povos aos altos cimos iluminados do triunfo, conduzem-nos, ordinàriamente, ao desalento e á morte, ao passo que aqueles que continuam a amar Deus, prosperarão constantemente, sem que entre êles se quebre a disciplina essencial a uma paz benéfica e a êsse brando e tépido leite de bondade humana a que aludia Shakespeare. A divindade odiada pelos modernos apóstolos da libertação será uma tirania, como os iconoclastas afirmam : — mas só ela garante a confiança, a serenidade, a candura, o respeito, a ordem, a regularidade, entre as turbas irreflectidas e violentas que vivem pelo sentimento e não pela inteligência. Por esta razão é que não entendo a fúria com que os políticos e sociólogos que se encontram nas fron-

teiras extremistas pretendem eliminar Deus das consciências, e inùtilmente, porque se não extinguem religiões com decretos e com cadeias. Não se extinguirão mesmo com suplícios ! . . .

A glória e a justiça imanente

Quando Dostoiewsky morreu, houve em tôda a Rússia uma comoção profunda. Em São-Petersburgo, sobretudo, viveram-se horas duma intensidade trágica. O genial autor do *Crime e o Castigo* e das *Recordações da Casa dos Mortos* tinha sido o poeta admirável dos humildes, dos ofendidos, dos vagabundos, das mulheres que o amor perdera e que vendiam os seus beijos por dinheiro, da dramática enxurrada da miséria humana, que imortalizou em páginas luminosas de beleza. Ora, tôdas as desgraças que se ocultavam nos *bas-fonds* da capital do império de Pedro o Grande, ou que viviam pelos sítios isolados, pelos becos sombrios, pelas ruelas cheias duma perpétua penumbra, ao saberem do falecimento do grande romancista que nunca as esquecera e que jàmais deixou de olhá-las

com piedade ou de atirar-lhes uma pura flor do alto da celebridade a que ascendera, sentiram uma forte perturbação. As perspectivas exteriores, as praças públicas, os bairros populares, em breve transbordavam de gente que lamentava o desaparecimento do homem excelso que foi, no tempo em que viveu, o maior representante do seu povo, nos claros e nobres domínios da arte e do pensamento.

As autoridades imperiais, temendo uma erupção revolucionária que sùbitamente estalasse, abrasando tudo à sua volta — porque já então o niilismo fabricava engenhos destruïdores de formidável potência explosiva — concentraram as tropas nos quarteis, ordenando-lhes que estivessem prontas para saír, à primeira voz, e ordenaram que certos pontos estratégicos de São-Petersburgo fôssem ocupados militarmente. A multidão, todavia, não meditava em revoluções assoladoras que demolissem os alicerces em que se firmava o trono rutilante, encimado por uma águia bicéfala tendo numa das garras um scetro de raro esplendor. O que ela fazia era chorar a morte irremediável duma personalidade eminente que, com a claridade prodigiosa do seu génio, dignificara a inteligência russa perante os povos civilizados e engrandecera imensamente uma literatura nascente e que, no entanto, já se afirmava com brilhante relêvo.

Houve, por sinal, neste lúgubre dia de luto um episódio terrível. Pouco antes do saímento fúnebre a casa de Dostoiewsky encheu-se completamente de pessoas de tôdas as categorias sociais que iam pousar ramos viçosos e corôas de rosas sôbre o fé-

retro e ver, pela última vez, o rosto para sempre inanimado e frio do escritor extraordinário. A onda humana tanto se comprimiu à roda do caixão que o fez tombar, rolando o cadáver pela escada e tendo de ser levado em braços para o ataúde. Êste detalhe sinistro produziu um terror alucinante na turba supersticiosa que, tomada de pânico, fugiu, soltando vibrantes gritos de desespêro, para voltar novamente, já serenada, e acompanhar Dostoiewsky ao cemitério.

O entêrro ficou memorável. O antigo forçado que trouxera cadeias de ferro chumbadas aos pés, na Sibéria ; o antigo condenado à morte que estava já diante do pelotão que não tardaria a fuzilá-lo quando chegou o perdão do « tzar » comutando-lhe a pêna, o novelista incomparável do *Jogador* — livro que é, talvez, uma espécie de auto-biografia — e das *Noites brancas*, foi seguido até ao coval onde a terra que o alimentara deveria apoderar-se dêle para por sua vez o devorar, por mais de cem mil criaturas ! A essa sensacional demonstração de piedade e de respeito pelas esfriadas cinzas duma individualidade superior faltaram, de-certo, muitas personagens da aristocracia, da burguesia, da burocracia, do mundanismo : — não faltaram, porém, os pobres, os humilhados, os que eram calcados pelos mais fortes, os que haviam arrastado uma parte da existência pelas cadeias, os que amavam e sofriam, os que não tinham gota de água, as plebes angustiadas, os revoltados, os sonhadores dum ideal de justiça cada vez mais quimérico e mais distante das verdades terrestres. E pareceu, na verdade, excepcional êste cortejo fúnebre com-

posto por cem mil seres conscientes dotados duma grande finura de sentimento — tôda uma enorme legião, todo um exército! A Europa, o mundo culto, deslumbrado, falaram nesse estranho acontecimento durante muitos dias — e ainda hoje o relembram.

Dostoiewsky, porém, acaba de ser eclipsado — nas honras mortuárias — por um homem que não escreveu os *Irmãos Karamazoff*, porque não possuía a divina scentelha criadora das obras que ficam duradouramente nas admirações humanas, e que, a-pesar-disso, fruiu uma ruidosa celebridade. Quem seria êsse homem insigne? Ah! com certeza que não compôs o *Rei Lear* e o *Othello*, nem os tercetos maravilhosos da *Divina Comédia*, nem a *Nona Sinfonia*, nem as comédias de Calderon de la Barca, nem o *D. Quixote*, nem os *Lusíadas* — e que também não pintou a *Joconda* — porque se não encontram, no nosso século banal, as Monnas Lisas de sorriso indecifrável — nem esculpiu a *Vénus de Milo* ou a *Vitória de Samotrácia*. Também não será ousadia afirmar que a entidade singular, que tôda uma cidade povoada por milhões de almas sinceramente chorou, não resolveu um importante problema scientífico: não fez uma descoberta de laboratório para diminuir a vasta dôr universal; não iniciou um novo sistema filosófico ou estético; não contribuiu, de qualquer forma, para aumentar o saber da humanidade — resumo radiante de tôda a sua história. Ah! não. A entidade tão vivamente aclamada enquanto viveu e lamentada com tão

amarga saüdade quando adormeceu na morte, chamava-se Rodolfo Valentino e era um actor cinematográfico. Sim, justos céus! Actor cinematográfico! A sua arte secundária não reproduzia a vida envolvente, transportando-a, fumegante de emoção, para o palco dum teatro: — mimava-a apenas. Nem sequer precisava de falar, de imprimir ao seu verbo as inflexões da paixão, da cólera, da ternura, da bondade, do padecimento, da ironia, da sinceridade, da lealdade, da exaltação, do amor: — bastava-lhe mostrar-se, bolir com os lábios, esboçar um gesto, abrir e fechar os olhos, dar um salto, arrombar uma porta, fugir por uma janela, subir para um automóvel em marcha, colar a sua bôca a uma outra feminina, num dêsses beijos longos, intermináveis, lúbricos, dignos da intervenção da polícia — e de bengaladas, como diria Camilo Castelo Branco.

Rodolfo Valentino não concorreu nem pouco nem muito para a eclosão de novas expressões artísticas: não foi uma dessas figuras que, dum tablado teatral, dominam inteiramente a turba dos espectadores, mantendo-a sob uma funda vibração. Foi ùnicamente uma sombra dotada de movimento e projectada pela luz eléctrica sôbre um *écran*, — tendo passado também como uma sombra a desolada lagôa do Estígio. E, no entanto, que notoriedade alcançou! Uma das mais poderosas nacionalidades actuais, pela sua fôrça, pelo seu ouro, pela extensão e riqueza do seu solo, pelo desenvolvimento do seu trabalho, pela sua expansão comercial e fabril, considerava-o uma das suas glórias — embora Edgar Poe, Mark Twain ou

Ralph Emerson a interessem mediocremente. A Rodolfo Valentino dava a América do Norte tudo quanto êle desejasse: — o dinheiro e os triunfos do coração. Há risos inexpressivos dêste homem que foram pagos por muitos milhares de *dollars*; algumas das suas piruetas atingiram preços fabulosos. As mulheres adoravam-no, oferecendo-lhe ósculos apaixonados na ponta dos dedos nacarinos e pondo-lhe na botoeira da casaca frescos e perfumados botões de rosa; as portas dos salões dos multimilionários abriam-se diante dêle como outrora as do Palácio da Ventura se abriam aos eleitos. E porque, santo Deus? Que fez Rodolfo Valentino, que uma vulgar pneumonia varejou nas vésperas das suas núpcias com Pola Negri, a mulher dos olhos misteriosos e fatais? Nada, creio eu. Nem sequer era o autor das comédias ou dos dramas cinematográficos que representava!...

No entanto, Rodolfo Valentino — que pertencia à constelação bizarra das celebridades da América do Norte que atravessam o Canal da Mancha a nado; que dão murros tremendos na cara do seu semelhante, nos tumultuosos torneios de *box*; que, dentro de automóveis, se despenham em abismos suspeitos; que galopam dezenas de léguas atrás dum comboio, para raptarem uma dama; que disparam metralhadoras sôbre milhares de pessoas, sem ferir ninguém — foi acompanhado até ao cemitério por quatrocentas mil pessoas e a sua morte produziu mais consternação do que uma catástrofe nacional. Por êle, houve mulheres

de esplêndida beleza que se suïcidaram, por não quererem sobreviver-lhe ! Para que a casa onde êle expirou não fôsse invadida pela populaça, e talvez demolida para, com as suas ruínas, se fabricarem relíquias sagradas, « bentinhos » para o pescoço, palitos de dentes, relógios de pulseira, teve a polícia de acudir — armada como para uma dura batalha !

Os latinos — que os *yankees* julgam excessivamente românticos e sentimentais — riem-se com scintilante humorismo das manadas de russos que, em Moscou, esperam horas esquecidas, à chuva ou ao sol, para orarem diante da urna de vidro em que se exibe a carcassa de Vladimiro Ulianoff, um dos fundadores da República dos « Soviets » que ofertou ao presente o *algo nuevo* que, outrora, fez derramar jubilosas lágrimas, em dia de São-João, ao vélho espanhol, diante das ilhas de Flórida, momentos antes de expirar. Que dirão êsses latinos subtis, que sempre viveram pelo espírito através do desfilar dos séculos, em face do que recentemente se passou em Nova York — a urbe famosa, rutilante de relampagueamentos, de faíscações, de energias, em que contìnuamente a Riqueza bate o seu ouro — onde ranchos de crianças e adultos ajoelhavam diante do retrato de Rodolfo Valentino, afixado nas paredes, não como se êle fôsse um simples actor de cinema mas uma das exteriorizações tangíveis do Todo Poderoso ?

À passagem, nas ruas, do caixão que nada menos de trezentos automóveis seguiam e a que meio milhão de criaturas fazia uma estupenda guarda de honra, havia desmaios, atropelamentos, pavo-

res ! . . . E, contudo, quantos seres duma superioridade evidente, que eram portadores duma arte inédita, duma sciência desconhecida, dum verbo ignorado, desapareceram sem ruído, na obscuridade espêssa que jàmais conseguiram romper, por maiores esforços que para isso empregassem ! Alguns dêsses seres foram, certamente, úteis à humanidade, revelando-lhe uma beleza que ainda não havia contemplado, enriquecendo os seus conhecimentos em todos os ramos da sabedoria, legando-lhe inventos com que ela pôde aproximar as distâncias ou atravessar os espaços, maquinismos aperfeiçoados que dir-se-ia possuirem uma inteligência e que substituiram o homem com vantagem, uma arte maravilhosamente original, uma sciência excelsa — e entretanto sofreram fomes, escárnios, humilhações, sendo vencidos na luta e só triunfando muitos anos volvidos sôbre o seu perecimento. Rodolfo Valentino — que não deu à sociedade da sua época a mais insignificante parcela de verdade, que nada criou, que mesmo como actor cinematográfico era secundário, ganhou torrentes de dinheiro, viveu como um potentado, entre vitórias e adulações e, ao morrer, não houve jornal tanto no vélho como no novo mundo que lhe não publicasse a fotografia e lhe não consagrasse artigos em que se falava dêle com um entusiasmo, uma exaltação mística, uma admiração, que só se empregam nas religiões, quando se fala das Divindades.

Na realidade, há bem pitorescas formas de consagração e bem curiosas entidades de consagrados : — e o que vale é a justiça imanente, sempre incorruptível. Com efeito, a glória de Rodolfo Va-

lentino morreu com êle e está bem enterrada, ao passo que a dos verdadeiros homens representativos, surgindo depois que êles se afundam na sepultura, nunca mais deixa de resplandecer.

A canção das férias

Por uma destas luminosas manhãs dos fins da primavera em Portugal, chegaram às verdes carvalheiras, em sonoros bandos, as cigarras que o poeta Castilho outrora ouvia cantar na sua olaia em flor e que o entomologista Fabre entendia claramente, tendo-nos até revelado o seu destino de sacrificadas e libertando-as para sempre das ironias rimadas de Lafontaine. Agora, pelos meio-dias rutilantes ou pelas tardes quentes e românticas, quem passar por bosques ou bouças de pinheiros, será surpreendido pelo canto áspero dêsse hemiptero que inspiraria ao poeta Mistral um canto da *Mireille* e que outrora, cinzelado em ouro, brilhou ao sol da Grécia ou de Roma nos cabelos das adolescentes ilustres pelo nascimento ou pela beleza.

Desde o fulgor matutino às primeiras sombras

crepusculares, não se calam um só momento — nem sequer para beber por uns cálices feitos de pétalas de flores ou de folhagens viçosas, a gota de orvalho que é o néctar destas joviais divindades das florestas, durante os estios tórridos. O seu estro nunca se exaure : — e até as aragens que passam, adejando pelas frondes com asas de sêda, lhes ensinam doces e perturbantes lirismos que as pequeninas almas amorosas que se escondem pelos rosmaninhos floridos gostarão de escutar. E elas é que teem razão, na sua maravilhosa alegria ! Com efeito, pousadas num flexível ramo que a luz doura e que a brisa faz ondular, as cigarras vão rimando constantemente os seus contentamentos mais íntimos, os seus entusiasmos, os seus júbilos, sem se preocuparem com nada. Neste instante, por exemplo, aquela rebelião moral de que falava o dramarturgo germânico das *Fogueiras de São-João* torna-se mais violenta de momento a momento por tôda a Europa. Há inquietações, terrores, grandes cóleras, desordem, alarido. Os povos, sempre descontentes, revoltam-se. De quando em quando desfilam nas perspectivas das ruidosas cidades tropas que o brilho súbito das armas cobre de fulgurações repentinas, galopam cavalgadas, rodam carretas de artelharia. São os fogachos de revoluções que começam a arder num ponto ou noutro e que os homens que dispõem da fôrça correm a apagar, para que o lume não devore tudo.

Nas frenéticas aglomerações que são verdadeiros infernos, notam-se desesperos, fomes, angústias, fúrias alucinadoras, ambições, misérias que fazem amargar o brando sabor da vida. As popu-

lações exaltadas e cansadas de sofrer levantam-se exaltadamente contra os que ainda dominam, reivindicando a soberania para elas, por serem as mais numerosas e, portanto, as mais fortes. O vélho mundo cái lentamente, acumulando ruínas sôbre ruínas, talvez para que nos escombros sejam abertos os fundos alicerces duma outra sociedade. Tudo se modifica. Tudo se transforma. O próprio Deus já não governa as consciências que se declaram emancipadas de tôdas as opressões. Os que outrora foram poderosos e conservam, por enquanto, uns luzentes restos de grandeza, tremem de pavor diante da impetuosidade das turbas vingadoras que soltam os seus rugidos e as suas ameaças. Na sombra, espíritos mais sarcásticos ou desdenhosos de que o Demónio familiar de Henri Heine, urdem incessantemente a teia lúgubre das carnificinas, das revoltas, das hecatombes. Há conspirações por tôda a parte. O punhal dos Brutos e dos Cassius persegue sem repouso os Césares ambiciosos para os abater sôbre charcos de sangue. O futuro é um misterioso abismo. A dôr, o crime, a desgraça, entoam o seu fúnebre côro.

No entanto, no meio dêste pandemónio, as cigarras vão recitando às aragens perfumadas os seus poemas em que naturalmente celebram o amor, as graças da natureza, a serenidade, o encanto das paisagens e das amplidões em que o ar vivo circula sôbre os fenos viçosos e olentes. O que fica para além desta écloga latina composta por algum ignorado Vergílio moderno não interessa as cicadárias que Lafontaine erradamente acusou de cantarem todo o verão e de irem pedir, de inverno,

o alimento às diligentes formigas — quando é precisamente o contrário que se dá, porque a formiga é que vive à custa da cigarra.

A animada cantiga que bucoliza as veredas rurais! Que nos diz ela? Que o calor chegou, finalmente, transformando em fornalhas as atmosferas citadinas. Diz-nos que, enquanto pelos bairros pobres das cidades as criancinhas pálidas morrem de penúria e das sargetas se exala o bafo das pestilências, pelo campo tudo é pacificação e saúde. A fresquidão baixa em lufadas refrigerantes das ramarias e das folhagens, as músicas aéreas embalam os ninhos, entre as madre-silvas amadurecem as negras amoras, pelos caminhos solitários, pelas balsas húmidas, enfloram as dedaleiras — e por canaviais ramalhando ao vento os rouxinóes gorjeiam a canção da primavera do *Cântico dos Cânticos:*

Surge amica mea, speciosa mea, et veni!

Por sebes cheirosas de silvados, cobertos de florações lilás, assobiam melros que conhecem todos os recantos suaves para idílios amorosos.

Essas loucas cigarras que cantarão sem repouso até que as asas lhes sejam imobilizadas pela morte relembram-nos por êste dardejante mês de julho — em que as soalheiras queimam como brasas — que, para além da agitação da cidade, que um céu impuro, toldado pela fumarada irrespirável das fábricas, cobre como a tampa dum ataúde, há as extensas pradarias em que a brisa oxigenada que

vitaliza o pulmão doente corre e refrigera a todos os instantes ; os arvoredos ; os rios de claras águas a que Diogo Bernardes consagraria versos de ouro ; as fechadas matas com clareiras interiores em que a luz dorme, enquanto vôam as borboletas brancas ; os recolhimentos imperturbáveis ; as amenidades ; os isolamentos em que se recuperam as vitalidades perdidas ; as vivendas campestres que os jasmineiros e as clematites vestem do setim oloroso das florescências e que oferecem aos convalescentes as quietações, os descansos longos, as doçuras que nenhum sobressalto perturbará.

O homem do nosso tempo de lutas permanentes, depois dum ano inteiro em que teve de representar contìnuamente, desfigurando-se, ocultando o rosto com a máscara que a vélha Grécia ofereceu aos seres conscientes, sente a necessidade absoluta de repousar — muito longe de tôdas as perturbações alarmantes, de emoções violentas, de ódios, de tristezas, de amarguras : — e nenhum logar mais próprio para esta convalescença da alma do que a aldeia, com as suas sonolências, a sua simplicidade, as suas ingenuïdades deliciosas e a sua poesia. Nas povoações campestres, o ser pensante não terá, para as observações, para as análises minuciosas, o seu semelhante : — em compensação, encontrará outras seduções, sobretudo nos scenários esplêndidos, manchados pelo prodigioso Colorista Divino que dispõe duma paleta incomparável em que há tôdas as tintas e tôdas as nuanças. O que perder, temporàriamente, em penetração mental e psicológica, há-de ganhá-lo em pompas exteriores que encantam os olhos.

Sem se interromperem um momento, as cigarras cantam pelas árvores em que as fôlhas verdejam, cheias de seiva, à claridade dourada. Alphonse Daudet, que tantas vezes parou outrora a escutá-las pela Provença fecunda em que a alfazema se exala em eflúvios e a laranjeira floresce, se actualmente as ouvisse como eu, desde o amanhecer até ao esmorecimento vespertino, escreveria para os jornais de Paris uma admirável *Carta do seu Moinho* em que certamente falaria de Mistral e dos tamborileiros provençais. É uma constante melopeia que, parecendo inexpressiva aos entendimentos pouco argutos, diz coisas muito profundas — sem contudo serem um novo sistema filosófico ou máximas e sentenças morais de nítida originalidade.

Tenho passado últimamente longas horas a procurar o sentido verdadeiro dêsse canto e a tentar traduzi-lo para a linguagem humana. Não sei se estarei na verdade ou se errarei: — mas um dêsses insectos que há mais duma semana é a minha inefável companhia diurna, esteve tôda esta manhã azul a fazer-me extraordinárias revelações. Afirmava êle, na sua voz solene, que actualmente, nas inquietações citadinas, será impossível distinguir a beleza de viver. E aconselhava-me a ir muito para além dessas cidades, que são o combate, o rancor, o desalento, a inveja, o desassossêgo, internando-me nas solidões rústicas de que nem sequer quebra o silêncio a frauta dalgum Pan errando por paragens terrestres. Aí, por encostas solheiras, amadurecem já as uvas que darão os vinhos sabo-

rosos, e as frutas dos pomares; zumbem as colmeias fabricando o louro e doce mel que Teócrito tanto amava; cacareja a loura perdiz, entre os matos quentes e rasteiros. Segundo a minha sapiente cigarra — que sugeriria a Ricardo Strauss uma página musical originalíssima — será um dos maiores prazeres que possam sonhar-se ir passar duas ou três semanas a êstes paraísos, levando apenas nas malas, com roupas leves, um Vergílio, o *D. Quixote*, as líricas de Camões, o *Campo de Flores*, de João de Deus, alguns romances de Balzac e nada mais. Depois, sentando-nos sôbre as ervas sêcas, debaixo de ramarias que nos abriguem do sol, ler em voz alta Cervantes, o autor da *Comédia Humana*, os versos amorosos do épico dos *Lusíadas* ou o lirismo incomparável do autor da elegia a Heresta, até que o ocaso espalhe no poente as suas púrpuras soberbas e a mão de Deus acenda no alto as primeiras estrêlas. Que programa tentador, realmente! E eu sou bem capaz de realizá-lo, indo para a aldeia fazer a minha provisão de vigor, de alegria e duma energia que os ásperos meses de labuta contínua me consumiram. Sòmente levarei também Shakespeare e Rabelais no meu saco de viagem. Será deleitoso ler *sub tegmine fagi*, como os pastores do mantuano imortal, o *Sonho duma noite de verão* ou assistir a uma dessas comezainas monstruosas de Pantagruel — enquanto os melros de bico de ouro dirão, pelas espessuras, versos maliciosos que tivessem surpreendido a Oberon, o rei dos génios aéreos da mitologia escandinava de quem Wieland e Weber nos contaram a história, e à noite os rouxinóis ofereçam serenatas românticas ao luar.

Sejamos naturais de quando em quando. O homem moderno precisa de conviver, uma vez por outra, com a paisagem, muito embora se riam dêle os Disraeli humorísticos. Emigremos, portanto, para a naturalidade.

Homens exteriores e os da intimidade moral

Os homens de superior relêvo mental que representam sempre a floração do povo a que pertencem são, de quando em quando, tomados pelas multidões sob um aspecto moral ou intelectual que não é de modo algum o que os caracteriza e os define, na vida íntima. Quantas vezes terão sido julgadas como santos ou como génios personalidades lúgubres de hipócritas ou de imbecis, só por terem levado a maior parte da sua existência a representar diante das turbas superficiais que nunca são conduzidas pela inteligência mas pelo sentimento! Ao saírem para a rua, deixando o isolamento de casa onde ninguém as observará para as denunciar, essas personalidades, que tiveram em «D. Bazílio» um subtil director espiritual, põem a sua máscara, ocultando-se por completo e tornando-se impene-

tráveis à mais penetrante análise : — e só voltam a reaqduirir a sua perfeita individualidade ao saberem que não teem as populaças irrequietas, impulsivas, por espectadores das farças que desempenham constantemente no palco imenso em que se movem.

Deriva disto a impossibilidade quási permanente de se poderem reconstituir com exactidão psicológica as figuras representativas mais discutidas, mesmo que se confessem na obra que nos legam — porque muitas coisas nelas essenciais ficarão na obscuridade, mesmo para as vistas mais agudas e perspicazes.

No entanto, em certos momentos bastará uma vaga referência, uma recordação, um facto aparentemente insignificante que lhes ande ligado e que de súbito se evoque, num estado de alma especial, para que uma claridade maravilhosa as ilumine e as revele nas suas justas proporções. É isto, precisamente, o que está agora acontecendo com Teófilo Braga, o eminente historiador da literatura portuguesa, que foi conjuntamente um filósofo, um moralista, um crítico, um poeta, um dramaturgo, um investigador, um pintor de panoramas sociais do passado, erguidos por êle, em admiráveis paineis, côr a côr e linha a linha, das densas sombras dos dias extintos, um panfletário, um jornalista de combate, um professor e um estadista. Para os que ùnicamente o conheceram pelas suas exterioridades pouco salientes, de resto, Teófilo Braga foi um homem simpatizando ardentemente com todos os extremismos ascendentes e odiando todos os conservantismos. Espírito progressivo, in-

surgia-se contra as imobilidades, as inércias, embora dentro da própria perfeição. Diante da mesma verdade, Teófilo duvidaria, para ir mais além.

As revoluções tinham, portanto, nele um cantor entusiástico e eloqüente, contanto-que avançassem para o futuro, numa arremetida ascensional, sem jàmais volverem os olhos para as épocas extintas que o Tempo ia sepultando sob uma espêssa camada de treva.

À volta do escritor eminente — que às letras do seu país deixou um verdadeiro monumento e um vasto material para edificações vindouras em que, ao lado dalgumas gangas, se encontrarão preciosidades — teceu-se, lentamente, uma lenda que passou a ser considerada como exacta e minuciosa por gerações sucessivas e que talvez deformasse a entidade moral e psíquica do autor ilustre de *As modernas ideas da literatura portuguesa* e de muitos outros trabalhos admiráveis. Creio até que a verdadera fisionomia de Teófilo Braga, aquela por que êle é conhecido entre as *élites*, escapa inteiramente à visão popular. Para a grande maioria dos seus compatriotas, na realidade, Teófilo não é o assombroso polígrafo que levantou dos seus túmulos silenciosos para os mostrar à reveladora luz diurna, os vultos extraordinários de Camões, de Bocage, de Bernardim Ribeiro, de Garrett, de Gil Vicente, de Filinto Elísio, de Sá de Miranda e doutros, mas essencialmente o político que, nas trincheiras avançadas da Democracia, se bateu constantemente contra a realeza até que o trono secular foi banido e sôbre as suas ruínas se implantou a República. O Teófilo Braga de gabinete — que passou os seus

melhores e mais floridos anos de vigor, de confiança e de esplendor de intelecto curvado sôbre os livros para neles surpreender a voz misteriosa que vem de muito longe, das mais remotas paragens do espírito e da alma, para fazer revelações prodigiosas aos iniciados — êsse está num plano secundário, para a maior parte dos que dêle falam e que talvez nem o tenham lido.

Ora, não haverá neste julgamento irreflectido, como alguém, recentemente, insinuou num jornal de Lisboa, um êrro fundamental ? É bem provável que sim. Num dos magníficos volumes póstumos de Eça de Queiroz, o da *Correspondência*, vem um documento que inesperadamente nos apresenta o insigne Teófilo por uma feição bem diversa daquela que mais contribuiu para a sua celebridade. Quero referir-me à carta encantadora, pelo pensamento, pela nitidez, pela precisão, pela lucidez crítica e pelo estílo, que o incomparável romancista de *Os Maias*, de *A Cidade e as Serras*, e de *O Crime do Padre Amaro*, escreveu a Teófilo, respondendo às observações que êle lhe formulara àcêrca de *O Primo Basílio*.

Teófilo Braga, que era um dos mais conscientes admiradores de Eça de Queiroz, parece que o não louvara incondicionalmente, limitando-se a aplaudi-lo com calor mas apenas quanto ao processo — que, no autor de *A Relíquia* e de *A Correspondência de Fradique Mendes*, era, realmente, prodigioso. A isso alude Eça de Queiroz na sua modelar epístola, de tão equilibradas proporções e de tanta subtileza,

O Primo Bazílio — que tão sonoramente chamou a atenção do público, sempre distraído, para o nome do escritor que vinha do imenso riso da *Campanha Alegre*, quando, à ilharga de Ramalho Ortigão, arremessava as suas farpas contra a tolice humana que tem cabeça de touro, no dizer de Baudelaire — é, no fundo, um ataque à família, como o mesmo Eça o reconheceu, embora afirmasse que a sua brilhante investida se limitava à família de Lisboa.

Contra o desejo inicial do artista excelso, essa investida ia muito mais longe e generalizava-se, porque o romancista se esquecera de mostrar, paralelamente ao lar de Luísa, que abria as suas portas a Bazílio, sem recato, para o adultério, no momento em que Jorge, o marido honesto e modelar, andava pelo Alentejo, trabalhando para que nesse lar não faltasse o bem-estar indispensável à felicidade, um outro em que tôdas as virtudes florescessem e que fôsse o comentário e a acusação do que naufragara, durante as doces tardes dum idílio impuro.

Todavia, Eça de Queiroz estava inteiramente integrado nas correntes do seu tempo, que eram de combate *à outrance*, contra tôdas as manifestações duma sociedade vélha que entrava em deliqüescência e que era preciso remover, para se fazer uma renovação. Todos os que surgiam, então, no campo de batalha, audaciosos, cheios de mocidade, de impulsos generosos, de aspirações emancipadoras de liberdade, se armavam com armas reluzentes para destruirem, na sua furiosa arrancada e no exaltado ardor da peleja, os elementos de eras

que já iam muito longe, na obscuridade dos dias extintos e que, a-pesar-disso, ainda teimavam em se manter de pé, embora tivesse findado já o momento histórico que os justificara.

A hora irrequieta, tumultuosa, inspiradora, era, sobretudo, de demolição. Não se abriam caboucos profundos para novos edifícios : — deitava-se abaixo, sistemàticamente, tudo quanto os combatentes moços, alegres, inconsiderados e com uma transfiguradora esperança na vida, encontravam na sua frente, a obstruir-lhes a estrada luminosa por onde se dirigiam para as auroras vindouras, fôssem paredes oscilantes ou fôssem costumes, crenças, tradições, leis ! Nada se respeitava. Queriam ar, os que não repousavam um instante na luta, atirando continuamente os seus alviões destruïdores para às devastações juntarem mais escombros. Ramalho, Eça, Junqueiro, Oliveira Martins, Antero do Quental — tôda a falange rutilante que se batia intrèpidamente na sua barricada — não pensavam em mais nada senão em amontoar destroços sôbre destroços — para que quem viesse atrás encontrasse os amplos horizontes livres e os espaços ilimitados necessários à construção da Cidade Nova. Eça, demolindo, entendia portanto cumprir o seu dever de cidadão e de esteta.

Teófilo Braga pertencia ao grupo rebelde que vibrava as setas dos seus sarcasmos contra todos os preconceitos e tôdas as mentiras convencionais — imaginando que junto dêle pelejava também a Minerva armada que outrora, num momento deci-

sivo, não abandonara os gregos — e que, nas conferências do Casino, fizera a sua solene declaração de guerra. E havia quem julgasse Teófilo um dos mais insubmissos, na marcha vertiginosa para todos os radicalismos. No entanto, quando os outros — os que erravam « pela vizinhança dos astros, ao galope da fantasia, a plantar uma tenda em cada estrêla » — aplaudiam estridentemente o *Primo Bazílio* e a lição que do célebre romance se tirava, Teófilo Braga, isolado na paz do seu refúgio dos ruídos, dos sobressaltos e das tentações grosseiras ou dispersivas da rua, acudiu também com as suas palmas sinceras mas igualmente com algumas censuras. Êle, o jacobino intransigente, o demolidor implacável de tôdas as fôrças sociais que « passaram a ser empecilhos públicos », o homem que não hesitaria em face dos extremismos mais ousados, era o único da sua gloriosa hoste que não entregava, incondicionalmente, o seu ramo de flores orvalhadas ao triunfador !

Que temos a concluir dêste facto ? Naturalmente que o Teófilo da agitada atmosfera política era muito diferente do verdadeiro Teófilo do ambiente familiar, dotado de castidades espirituais que as impurezas da vida exterior jàmais puderam corromper. Êste excelente Teófilo — que eu nìtidamente conheci — seria, porventura, o mais conservador dos iconoclastas que, com êle, se insurgiam vibrando de cóleras vingadoras, contra os ídolos que despedaçavam, deitando-os abaixo dos seus altares com gargalhadas mais ruidosas do que as dos deuses de Homero. Quando viu que um dos da vanguarda dirigiu as suas armas violentas,

a-pesar-de resplandecentes, contra a família, não se conteve que lhe não apontasse o que no seu acto havia de menos elevado, embora o saüdasse pela beleza inicial da arremetida que era, efectivamente, esplendorosa — não reparando sequer nos camaradas que ao romancista do *Primo Bazílio* entoavam os seus cânticos.

Esta carta do grande Eça afirmando ao notável historiador que não atacara « a instituïção eterna da família » e que apenas voltara o seu instrumento de experimentação social contra « a família lisboeta », ressuscitou, por instantes, para mim, um Teófilo Braga encantador, sem arestas, sem asperezas, que tive ocasião de conhecer e que me surpreendeu vivamente, porque também eu o julgava um radical intransigente e intolerante, até êsse dia — que nunca esquecerei. Teófilo tinha chegado ao Pôrto, certa manhã, vindo do Minho, onde fôra passar suaves dias de repouso entre árvores verdes, roseiras em flor e fontes onde a água cristalina e fresca noite e dia cantava a sua canção bucólica — e eu fui vê-lo ao hotel onde se hospedara, encontrando-o a almoçar plàcidamente, em companhia da espôsa, uma adorável vèlhinha de olhar cândido e cabelos todos brancos que o fitava sorrindo e com enternecimento. Teófilo tratava-a com uma bondade, uma abnegação, um carinho incomparáveis, tomando-lhe repetidas vezes a mão que apertava nas suas, comovidamente. Eram dois caminheiros que tinham feito a jornada longa e dolorosa da vida, durante mais de meio século, sempre juntos, sem uma discórdia, uma palavra mais alta, uma incompatibilidade e só com lágri-

mas aflitivas quando a Morte, cruelmente, lhes arrebatou os filhos. Chegados ao fim da viágem, havia entre êles a mesma constância e a mesma ternura do dia remoto em que o Destino os unira.

Compreende-se — não é assim ? — que um homem que tanta felicidade encontrou na família, não podia deixar sem o seu protesto os ataques que lhe fôssem movidos . . .

E será esta a única tradição que em Teófilo teve um defensor ? Seria bem fácil provar que não . . .

NOTA

—

Compõem as páginas dêste livro várias crónicas enviadas a jornais do Brasil — em que há largos anos colaboro — durante um certo período de tempo, comentando alguns acontecimentos da vida europeia. Esta razão, no meu entender, justifica o título que lhe dei.

Miramar, 2 de setembro de 1928.

J. G.

ÍNDICE

	PAG.
História humana das estátuas	5
A amargura de certos destinos	13
A sinceridade nos grandes homens	21
O ouro do globo e a Inglaterra	31
A morte do toureiro	39
A poesia dumas belas mãos	49
O casamento e o sentimentalismo dum novelista	57
Os jardins citadinos e a consagração dos grandes homens	67
O jornalismo actual	77
Garrett e João de Deus no mosteiro dos Jerónimos	87
Quem escreveu os dramas de Shakespeare?	95
O encanto dos livros abandonados	103
O culto por Brillat-Savarin	111
Os «Diários» dos grandes homens e a história	121
As guerras modernas e a decadência da arte	131
Os grandes apóstolos	139
O casamento como profissão	149
Que é a Felicidade?	157

PAG.
O humorismo duma invenção 167
O amor das mulheres e os colossos da fôrça. 177
A rua e os seus espectáculos 187
Mundanismo e espiritualismo. 195
O dançarino — eis o grande triunfador 205
O Fatal Feminino e os seus exageros. 215
Os museus e a educação do povo 223
A musa popular portuguesa. 233
Uma ressurreição histórica 243
A grande arte do silêncio 253
Uma evocação 261
As modernas lutas religiosas 269
A glória e a justiça imanente 279
A canção das férias 289
Homens exteriores e os da intimidade moral 297

DICCIONARIO PRÁTICO ILLUSTRADO

Diccionario encyclopedico luzo-brazileiro

POR

JAIME DE SÉGUIER

2.ª EDIÇÃO

6.000 gravuras — 110 Quadros
90 Mappas — 1.000
retratos de individualidades celebres

Letras, sciencias, artes, definições, exemplos, synonymos, antonymos, proverbios e locuções proverbiaes, pronuncia, etymologias, termos brasileiros, locuções latinas e estrangeiras, historia, biographia, geographia, mythologia, noticias bibliographicas, monographias de obras de arte, personagens e typos, formulario orthographico, etc., etc.

O Diccionario Pratico Illustrado realisa plenamente o typo perfeito do diccionario manual; deveis, pois, ter sempre á mão.

O VERDADEIRO LAROUSSE PORTUGUEZ.

Encyclopedia pela Imagem

O grande successo de livraria em 1927

A mais interessante e instructiva das publicações feitas em lingua portugueza

Na **Encyclopedia pela Imagem**, a imagem methodicamente agrupada numa secção ordenada e logica, ensina-nos mais e melhor do que a mais extensa explicação.

A **Encyclopedia pela Imagem** abrange todos os ramos dos conhecimentos humanos: *Historia, Geographia, Sciencias, Arte, Litteratura, etc.*

Volumes já publicados

Geographia: — As raças humanas. **Historia:** — A Revolução Franceza. — Joanna d'Arc. — A Mythologia. — **Arte:** — Historia da Arte. — Lisboa. — Paris. — **Sciencias:** — A T. S. F. (telegraphia sem fios). — O Mar. — Os Animaes. — Os Motores.

Preço de cada volume

4$00 — 1 por mez.

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
00050751550